# UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ ESCOLA DE COMUNICAÇÃO – ECO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

## "ONDE QUERES DUBAI SOU PERNAMBUCO"

Entre reminiscências e prospecções futuras do Ocupe Estelita

Luana Bulcão

Rio de Janeiro 2019

#### Luana Bulção

## "ONDE QUERES DUBAI SOU PERNAMBUCO"

Entre reminiscências e prospecções futuras do Ocupe Estelita

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Janice Caiafa

# CIP - Catalogação na Publicação

Bulcão, Luana

B933" "Onde queres Dubai sou Pernambuco": entre
reminiscências e prospecções futuras do Ocupe
Estelita / Luana Bulcão. -- Rio de Janeiro, 2019.

131 f.

Orientadora: Janice Caiafa.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Escola da Comunicação, Programa de
Pós-Graduação em Comunicação, 2019.

1. Ocupe Estelita. 2. ocupação urbana. 3. movimentos sociais urbanos. 4. cidade. 5. etnografia. I. Caiafa, Janice, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.





Programa de Pós-Graduação em Comunicação

# ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA POR LUANA BULCÃO NA ESCOLA DE COMUNICAÇÃO DA ÚFRJ

Aos dezoito dias do mês de fevereiro de dois mil e dezenove, às quinze horas, na sala 140 da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi apresentada a dissertação de mestrado de Luana Bulcão, intitulada: "Ondes Queres Dubai ,sou Pernambuco: Entre Reminiscência e Prospecção Futuras do ocupa Estelita", perante a banca examinadora composta por: Janice Caiafa Pereira e Silva [orientador(a) e presidente], José Carlos Souza Rodrigues, Ricardo Ferreira Freitas. Tendo o (a) candidato(a) respondido a contento todas as perguntas, foi sua dissertação:

☑ aprovada	□ reprovada □ aprovada mediante alterações
datada e as	ar, eu, Laura Machado, lavrei a presente ata, que segue por mir ssinada pelos membros da banca examinadora e pelo(a ao título de Mestre em Comunicação e Cultura.
Ja	Rio de Janeiro, 18 de fevereiro de 201  Aurice (aurice)  nice Caiafa Pereira e Silva [orientador(a) e presidente]
	José Carlos Souza Rodrigues [examinador(a)]  Ricardo Ferreira Freitas [examinador(a)]
	Luana Bulcão (candidato)
	Waura Machado

À minha voinha pelas velas acesas, pelo apoio incansável e pela presença confiante e sempre vigilante.

#### **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, em primeiro lugar: a mainha, Fátima, cuja presença e estímulo foram fundamentais para o início, meio e fim desse trabalho. Ao meu pai, Renato, pelo apoio essencial em várias fases do processo. À minha vó, Deolinda, por tantas coisas que seria injusto tentar enumerar. À Patrícia Allen pelo lar, carinho e família cariocas tão importantes nos dois anos de novas experiências no Rio de Janeiro. Aos inúmeros interlocutores sem os quais essa dissertação nunca sairia do projeto.

Agradeço também à Janice Caiafa por ter me introduzido ao arrebatador mundo da etnografia, além das orientações sempre disponíveis, a leitura sempre disposta e a parceria de trabalho e de pesquisa. À professora Raquel Paiva pelas aulas e conversas tão estimulantes e acolhedoras. Ao professor João Paulo Malerba por, nesse último ano tão difícil e conturbado, ter me proporcionado em sua sala de aula e em sua companhia um lugar de pousada e segurança. À tantos outros professores da Escola de Comunicação que alimentaram em mim a paixão pelo conhecimento e pesquisa. Sem esquecer dos tantos funcionários da pós-graduação que mantem as engrenagens funcionando para que tudo isso seja possível.

Sem esquecer da banca, os professores Ricardo Freitas e José Carlos Rodrigues, pela atenção, disposição e disponibilidade.

À CAPES pelo fomento e auxílio financeiro essencial à sobrevivência em terras distantes.

Agradeço ainda as minhas amigas de longa data por muitas vezes distantes fisicamente, mas sempre espectadoras e torcedoras. A presença de vocês foi inexplicável e iluminadora nesses dois anos. São elas: Mariana Souto Lima, Beatriz Menezes, Amanda Estelita, Eduarda Alves e Ana Karolina. Agradeço sobretudo aos novos(as) amigos(as) que compartilhando comigo a escolha de vida acadêmica, me presentearam com conversas, abraços e colos. Entre eles destaco: Allan Santos, Juliana Crespo, Erika Tambke, Leandro Carmelini, Mariah Guedes, Tay Fernandes, Paolla Moura e Kenzo Soares.

Por fim, agradeço a minha família de vida pernambucana, em especial a meus primos Pedro e Paulo Castellan; e a minha sempre tia de coração Rita Rovai. E, também, a minha família carioca que me recebeu e me acolheu de coração aberto: Marina Allen, Gabriel Allen, Malu Allen e Jorge Allen.

Lá vai Recife
Num mais um fim de tarde
As águas do Capibaribe cor de
sangue
Nos ombros dos negros
que moram nos Coelhos
Unhas na lama e a classe média
comendo ostras
De frente ao Acaiaca

Miró da Muribeca

#### **RESUMO**

A presente dissertação propõe-se a estudar o Ocupe Estelita, composto tanto pelo Movimento Ocupe Estelita (MOE), quanto pela causa catalisada pelo grupo Direitos Urbanos (DU). O MOE, movimento de ocupação urbana, surge contra a venda e implantação do Projeto Novo Recife, que prevê a construção de doze torres de até quarenta andares em uma área de especulação imobiliária, onde parte da história pernambucana e brasileira resiste através de uma série de armazéns de açúcar e a segunda linha férrea mais antiga do Brasil. O projeto, proposto pelo Consórcio Novo Recife, agora renomeado de Mirante do Cais, se insere em uma lógica de planejamento estratégico, no qual as cidades são pensadas e planejadas como empresas e onde as "revitalizações", eufemismos para gentrificações, são instrumentos para o ingresso dessas metrópoles no circuito "civilizado", desenvolvido e cobiçado pelo capital transnacional. Além disso, a crise no sistema de representação política e a insatisfação popular com esses projetos da urbanização contemporâneas fazem emergir novos modelos de articulação e reivindicação: os movimentos sociais urbanos que reivindicam um direito à cidade e se utilizam da ocupação do espaço como objetivo e método. Estes movimentos entendem as urbes como lócus da política e reivindicam uma nova forma de se pensar e planejar as cidades a partir dos anseios e desejos coletivos. Nesse cenário, o Ocupe Estelita desponta como resposta da sociedade civil a esse processo de constituição das urbes em "cidadesnegócios", atualizando em Recife uma lógica de articulação social que é visível globalmente, onde os movimentos sociais associam-se às mídias sociais produzindo ecos nas redes e nas ruas. Tomando a etnografía como método, a presente dissertação busca tanto compreender o período da ocupação quanto conhecer a situação atual desse movimento. É nossa preocupação examinar se e em que medida o Movimento Ocupe Estelita poderia se apresentar como potência de ruptura de um modelo de planejamento estratégico baseado na lógica da cidade negócio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ocupe Estelita; ocupação urbana; movimentos sociais urbanos; cidade; etnografía.

#### **ABSTRACT**

The present work intends to study the "Ocupe Estelita", constituted by the Movimento Ocupe Estelita (MOE) and by the cause catalyzed by the group "Direitos Urbanos" (DU). The MOE, a movement of urban occupation, arises against the sale and implantation of the "Projeto Novo Recife", which predicts the construction of twelve towers of up to forty floors in an area of real estate speculation, where part of the Pernambuco's and Brazilian's history resists through a series of sugar' warehouses and the second oldest railway line in Brazil. The project, proposed by the Consórcio Novo Recife", now renamed "Mirante do Cais", is part of a strategic planning logic, in which cities are thought of and planned as enterprises and where "revitalizations", euphemisms for gentrification, are instruments for entry of these metropolis into the "civilized" circuit, developed and coveted by transnational stock. Furthermore, the crisis in the system of political representation and popular dissatisfaction with these contemporary urbanization projects emerge new models of articulation and claim: urban social movements that claim a right to the city and use the occupation of space as an objective and method. These movements understand the cities as the locus of politics and they demand a new way of thinking and planning the cities from the point of view of collective yearnings and desires. In this scenario, the "Movimento Ocupe Estelita" emerges as a response of civil society to this process of constitution of cities into "business-cities", renewing in Recife modus of social articulation, which is globally visible, where social movements associate themselves to social media producing echoes on the networks and on the streets. Taking ethnography as method, the present thesis seeks both to understand the period of occupation as to know the current situation of this movement. It is our concern to examine whether and to what extent the "Movimento Ocupe Estelita" could present itself as a rupturing power of a strategic planning model based on the city's business logic.

**KEYWORDS:** Ocupe Estelita; urban ocupation; social urban movements; city; ethnography.

# LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cartaz de divulgação do Ocupe+2 – 49

Figura 2 – Cartaz de divulgação – 55

Figura 3 – Cartaz mobilização – 87

Figura 4 – Que lutas cabem no cais? – 90

## **SUMÁRIO**

## INTRODUÇÃO - 13

- 1. OCUPE ESTELITA 27
  - 1.1 Aparelho de Estado 28
  - 1.1.1 Especulação imobiliária em Recife 28
  - 1.1.2 Projeto Novo Recife 34
  - 1.2 O espaço: Cais José Estelita 39
  - 1.3 Exterioridade do Estado 44
  - 1.3.1 Ocupe Estelita: movimento e causa 45
  - 1.4 Ocupe Estelita+5 58
  - 2. SOCIEDADE DE CONTROLE versus SOCIEDADE DISCIPLINAR 64
  - 2.1 Táticas e estratégias 78
  - 2.2 Reformas portuárias e megaeventos 81
  - 3. UMA VIAGEM PELO OCUPE ESTELITA 92
  - 3.1 MOE (Movimento Ocupe Estelita) 93
  - 3.2 DU (Direitos Urbanos) 100
  - 3.3 Assembleias 105
  - 3.4 Heterotopia do Cais José Estelita 107
  - 3.5 Dificuldades 109
  - 3.6 O Ocupe Estelita foi ou é um movimento? 113
  - 3.7 Ocupe Estelita: potência de máquina de guerra? 116
  - 3.8 Rupturas e continuidades 118
  - 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS 123

REFERÊNCIAS - 126

ANEXO - 131



## INTRODUÇÃO

Esta dissertação consiste no estudo do Movimento Ocupe Estelita (MOE), que surge contra a construção de um empreendimento privado no terreno da União do Cais José Estelita, em Recife (PE), para reivindicar um direito à cidade e a participação popular no processo de planejamento, construção e remodelação urbana. Com o objetivo de chegar a uma compreensão suficiente do MOE em sua complexidade e multiplicidade, reuni um grupo de interlocutores¹ entre os diversos atores políticos que integraram esse movimento (membros do MOE, participantes da ocupação e da rede de apoio constituída no período) e que ainda desenvolvem atualmente algum tipo de pensamento ou atuação a ele relacionados. Também frequentei e conversei com integrantes do grupo Direitos Urbanos, organização ligada ao MOE — como detalho a seguir. A partir das suas narrativas tento reconstituir o que foi esse movimento social, cultural e político e compreendê-lo em suas ressonâncias até hoje na cidade de Recife.

Quando iniciei a pesquisa, tinha alguma ideia do Ocupe Estelita. Era algo falado e comentado no "circuito alternativo recifense" do qual eu fazia parte. Entre a noite olindense e a Mamede Simões² recifense se concentrava boa parte dos intelectuais que mais tarde viriam a ser meus interlocutores. A batalha pelo Cais José Estelita, como costumo referenciar a trajetória do embate entre Ocupe Estelita e Projeto Novo Recife, persiste desde 2008 com a venda do terreno para o consórcio Novo Recife. O leilão, dito e posteriormente julgado fraudulento, foi arrematado em lance mínimo pelo grupo de empreiteiras Moura Dubeux Engenharia, Queiroz Galvão, Ara Empreendimentos e GL Empreendimentos e tinha como projeto a implementação de um condomínio de luxo de doze torres — entre residenciais, empresarias e edifícios de estacionamento — de até quarenta andares nas margens da Bacia do Pina. O adjetivo "novo" aqui soa quase irônico e me faz lembrar a frase dita por Irandhir Santos em *Recife, cidade roubada*³: "nem tudo que é novo é bom e nem tudo que é novo e não para o interesse coletivo

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Os interlocutores tiveram seus nomes trocados na Dissertação tanto para preservar as suas respectivas identidades de exposições desnecessárias, quanto para facilitar o diálogo e abertura dos mesmos durante o processo de entrevista.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Rua localizada no centro do Recife, onde existe uma infinidade de bares e botecos conhecidos por reunir artistas, jornalistas, urbanistas, professores universitários, músicos, produtores culturais, ou seja, basicamente todo o circuito criador da capital pernambucana

Mini-documentário produzido por membros do Ocupe Estelita e disponível no Youtube: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=dJY1XE2S9Pk">https://www.youtube.com/watch?v=dJY1XE2S9Pk</a>. Acesso em 16 de novembro de 2017.

da população não é novo. Também não tem nada de novo o fascínio de construtoras por zonas portuárias, centrais e de frente d'água. Portanto, não é novidade que o terreno da União do cais tenha sido alvo de especulação imobiliária na capital pernambucana.

Para implementar esse modelo de cidade baseado em um planejamento estratégico, a capital do *Manguebeat*<sup>4</sup> entupiu-se de obras como a reestruturação do Porto, a reforma dos armazéns da praça Marco Zero, a construção da Via Mangue e do shopping RioMar, todas voltadas para usuários bem específicos e que devem possuir um certo grau de solvência. Assim, constituem-se espaços exclusivos destinados a atender uma demanda consumista do turismo, envolvendo a construção de altos edificios tecnológicos e quase sempre um discurso de sustentabilidade e renovação.

Foi num Som da Rural<sup>5</sup> que pela primeira vez tomei conhecimento do grupo Direito Urbanos (DU). Lembro-me dos discursos proferidos na Rural e de me surpreender pela novidade do enfoque dado às problemáticas urbanas. Já havia presenciado antes tematizações do problema da urbanização desorganizada e da apropriação do espaço público pelo capital privado como na questão dos camarotes privados erigidos em praças públicas durante o carnaval. Mas agora pela primeira vez me deparei com um grupo de militância social cujo fio condutor para o debate político era a cidade. Recife sempre teve uma urbanização caótica, desenfreada e vendida para as grandes empreiteiras, mas era a primeira vez que ouvia argumentos válidos e propostas mais concretas sobre esse problema. Isso foi um pouco antes da ocupação do Estelita se materializar. A causa já existia desde 2012, quando o mesmo DU organizava eventos na área externa do Cais José Estelita. Mas foi em 2014, ano de Copa do Mundo, que a situação do Estelita se converteu em causa *e* movimento.

Essa diferenciação, exposta em entrevista com meus interlocutores, é importante para compreensão das fissuras e contradições existentes dentro do movimento. A *causa* do Estelita, representada pela *hashtag #ocupeestelita*, pela defesa do cais e pela não construção das torres, foi catalisada pelo Direitos Urbanos com a organizações desses "ocupões" na área externa do cais. O *Movimento Ocupe Estelita*, sinalizado pela sigla MOE, surge a partir da ocupação e, durante esse período, torna-se independente e, por vezes, divergente do DU. A causa é de propriedade de vários coletivos, grupos e

<sup>4</sup> O Manguebeat foi um movimento social, cultural e musical ocorrido na década de 1990 na capital pernambucana que criticava as mazelas da suburbanização recifenses através da metáfora do mangue.

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Evento promovido pelo produtor cultural Roger de Renor que, utilizando de um antigo carro Rural transformado em palco, leva atividades culturais para lugares desocupados do Recife.

indivíduos; o movimento, de certa forma também, mas tem suas reinvindicações pautadas por aqueles que fizeram parte da ocupação. A proposta desta dissertação é estudar o MOE, porém isso não é possível sem que também a causa seja abordada. Por isso, ao longo desse trabalho, tanto questões referentes ao Cais José Estelita quanto ao grupo DU serão investigadas.

Voltemos a 2014, cenário de Copa do Mundo. Recife passa por uma série de remodelações urbanas como: a reforma dos armazéns do Marco Zero, convertidos em restaurantes e bares de luxo; a construção de um píer com vista para o Parque de Esculturas de Brennand; a reforma do porto para receber os turistas que viriam para o evento FIFA. Todas estão concentradas no centro histórico da capital e com objetivo de atender um público de *usuários solventes*<sup>6</sup>. O ocupe planejado para o mês de maio foi frustrado por uma das maiores greves da Polícia Militar que o estado já viu. No clima de medo, na calada da noite e apesar do embargo do IPHAN, o consórcio Novo Recife inicia a demolições dos galpões. Como resposta a essa ação ilegal e com o argumento de fazer cumprir a lei, começa a ocupação do Cais José Estelita e, com ela, nasce o Movimento Ocupe Estelita.

A ocupação, apesar de à primeira vista ser unitária, possuía algumas divergências visíveis nas narrativas de meus interlocutores. A criação de um sentimento de pertencimento daqueles que permaneciam acampados no terreno catalisa uma deslegitimação política daqueles ditos "de fora", ou seja, aqueles que, apesar de frequentarem as reuniões ou os eventos, não dormiam no cais. Além disso, formado em grande parte por membros de posição progressista, os membros do MOE estavam menos dispostos a negociar com o poder público ou com o sistema judiciário e discordavam de algumas parcerias artísticas-culturais feitas pelo todo. Porém, como também foi confirmado por um dos meus interlocutores, apesar do corpo político ser formado pelas pessoas acampadas, que por meio da ocupação impunham uma barreira física e corporal à construção das torres, é inexato desconsiderar a importância daqueles que estavam "de fora" como essenciais para a viabilidade da ocupação. Isto porque a estrutura por eles construída – assistência política, negociação com a polícia, da disputa judicial para garantir a legalidade da permanência, doação de mantimentos – foi crucial para garantir a permanência no Cais José Estelita.

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> Carlos Vainer (2013) utiliza esse termo para designar que a abertura para o mercado externo não é para todos, apenas para usuários que possuam um certo grau de solvência, ou seja, o público que possui capital para consumir e frequentar os espaços particulares produzidos pela gentrificação.

Nas capas do Facebook, o movimento estampa "Onde queres Dubai sou Pernambuco", título, inclusive, desta dissertação. Fazendo referência à música *O Quereres*<sup>7</sup> de Caetano Veloso, o Ocupe Estelita exprime sua posição diante do processo global de verticalização das cidades, comumente relacionado à maior cidade dos Emirados Árabes Unidos. Além disso, transmite uma necessidade de afirmação cultural da identidade pernambucana, mesmo quando confrontado com os altos edifícios espelhados e tecnológicos de cidades de primeiro mundo, mesmo quando afrontado com um projeto dito "bom para a cidade, bom para você", afirma-se Pernambuco. Portanto, falar do Ocupe Estelita sem falar dessa identidade pernambucana, dessa pernambucanidade que se conecta a símbolos como o Leão do Norte, Manguebeat – todos relacionados a um imaginário de resistência e luta – é ignorar a complexidade de um movimento urbano, político, social e cultural de várias faces, diversas representações e nuances.

Nos anos 1990 surge um modelo de gestão urbana baseado no planejamento estratégico e na necessidade de gerir as cidades para o capital transnacional que vem recebendo denominações como "cidade-negócio", "cidade-empreendimento" "cidade-empresa". Esse paradigma do urbanismo baseia-se no pressuposto de que as cidades devem ser pensadas, governadas e planejadas como empresas para que possam competir no mercado internacional pelos investimentos privados. Tipicamente, são utilizadas técnicas de marketing, denominadas *city marketing*, que têm como objetivo posicionar a metrópole como uma *world-class-city* (ARANTES, 2013; VAINER, 2013). Ademais, como evidencia Caiafa (2016) no artigo *Notas sobre a cidade-espetáculo*, esse tipo de gestão é baseado na exacerbação da imagem, tanto por meio das remodelações aparentes do cenário urbano, mas que de fato não se convertem em melhorias para a população, quanto na construção de grandes edificios com materiais tecnológicos e design inovador, evidenciando a relação entre ocupação urbana e a organização midiática.

Na criação de cidades-empresas, as metrópoles assumem a posição de sujeito e, em paralelo a esse sujeito, nasce a necessidade da construção de uma identidade que seja adequada ao cenário totalmente competitivo no qual se inserem as cidades atualmente.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> "Onde queres Leblon/ sou Pernambuco". Disponível em: <a href="https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/44758/">https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/44758/</a>. Acesso em 29 de janeiro de 2018.

<sup>8</sup> Slogan utilizando em inúmeras propagandas do projeto Novo Recife. Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=dvwaOmf5Smw">https://www.youtube.com/watch?v=dvwaOmf5Smw</a>. Acesso em 29 de janeiro de 2018.

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> Otília Arantes (2013) utiliza esse termo de forma irônica para designar a importância da imagem nesse modelo de gestão urbana. A autora afirma que no planejamento estratégico é importante que a cidade *aparente* ser bem desenvolvida, aparente ser segura e tecnológica.

Investindo em técnicas de marketing e nos princípios que gerem uma empresa, promovese a urbe de acordo com o comprador que se tenha em vista. Escondendo as mazelas da suburbanização de uma das cidades mais violentas do Brasil, utilizando-se de símbolos culturais como o Manguebeat e o carnaval, a partir de uma campanha<sup>10</sup> lançada no final do ano pela prefeitura, Recife coloca-se a venda nesse mercado mundial de metrópoles como a capital do Nordeste e cidade da criatividade.

Por um lado, a Prefeitura do Recife recorre a esses ícones que posicionam a cidade como uma metrópole de efervescência cultural e social com objetivo de sinalizar para o capital transnacional que a capital está aberta a investimentos. Por outro, o Ocupe Estelita, utilizando dos mesmos símbolos e do imaginário pernambucano de Leão do Norte como referência a um passado de luta e resistência, defende a ocupação do espaço público e um direito à cidade. Com frases como "a cidade é nossa, ocupe-a" e gritos de "Ocupar! Resistir!", o movimento convoca a população a resistir as investidas do capital, representado na figura do consórcio Novo Recife, a partir da apropriação do espaço físico do Cais José Estelita, transformando o cais em símbolo dessa batalha, produzindo e construindo memórias e imaginários.

Durante o processo de entrevistas ficou bem explícito a ligação afetiva desses interlocutores com o Cais José Estelita. O cais e sua história eram sempre narrados com orgulho e com paixão. A área era sempre referenciada como um dos últimos grandes espaços passíveis de ser revertido para a população. Nas várias descrições do lugar, palavras sinônimos de "imenso" apareciam o tempo todo. No relato da imensidão do cais, as paredes e seus pixos saltavam a lembrança como as camadas de lutas e de memória do Ocupe Estelita. O cais Estelita é, talvez, para onde confluem os sonhos, esperanças e expectativas de uma cidade mais humana. Ele é, segundo uma frase do próprio movimento, a representação do Recife, tanto em seus aspectos negativos – na especulação imobiliária predatória, no sequestro do direito à cidade por uma elite e um capital imobiliário – quanto no sentido positivo, da esperança, da união, da resistência. Sentimentos congregados nessa vitória, ainda que frágil, ainda que parcial, do impedimento da edificação do Projeto Novo Recife.

Observei igualmente que mesmo no discurso de vitória de meus interlocutores, existem desconfianças e o reconhecimento que a barragem desse projeto só foi possível graças também a um cenário político em que a Lava Jato entra em cena – e dentro das

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=8O5\_RgXyiww">https://www.youtube.com/watch?v=8O5\_RgXyiww</a>. Acesso em 11 de janeiro de 2018.

empreiteiras citadas está a Queiroz Galvão – além da própria crise econômica e política do mesmo período.

Outro aspecto digno de nota consiste em que tanto a causa quanto o Movimento Ocupe Estelita foram bastante midiatizados, seguindo a inspiração de movimentos como o *Ocuppy Wall Street* e Primavera Árabe, que se utilizaram das redes sociais como ferramenta convocatória para protestos e manifestações. A causa do cais Estelita foi propagada através das hashtags #ocupeestelita ou #resisteestelita, ambas compartilhadas por personalidades públicas e artistas pernambucanos. Foi só devido a essa ampla midiatização que o MOE conseguiu romper a censura das mídias tradicionais pernambucanas chegando a jornais internacionais como El País e publicações nacionais como a Carta Capital.

Ao levar em conta todos estes aspectos, meu principal objetivo é entender como as diversas narrativas e experiências constroem um relato do Cais José Estelita, construindo-o, em alguma medida, como símbolo de vitória da força e da resistência popular. Procuro conhecer de que forma essas histórias vinculam-se afetivamente ao cais Estelita a partir da transformação desse espaço em símbolo da esperança em um novo modelo de cidade mais inclusiva. Além disso, tento averiguar em que medida o movimento teria produzido ou estaria produzindo intervenções efetivas na cidade contra a imposição do modelo cidade-empresa.

Com o intuito de investigar as potências de ruptura desse movimento social urbano utilizarei os conceitos de máquina de guerra e aparelho de Estado dos autores Deleuze e Guattari. Proponho que o MOE surgiria nesse cenário de sequestro das cidades pelo capital imobiliário como potência da máquina de guerra, como algo que, emergindo contra a parceria público-privada, normalmente característica desse tipo de projeto de gentrificação, poderia se opor ao aparelho de Estado, conforme explicito mais adiante no trabalho.

Outra preocupação deste trabalho é caracterizar seu objeto de estudo em seus aspectos comunicacionais. A comunicação enfrenta desde seu princípio um problema epistemológico de definição do que seria seu objeto. Por muito tempo, a cena acadêmica comunicacional foi dominada pelo estudo das mídias, suas consequências e efeitos para a vida social. Em *Ciência do comum* (2014), Muniz Sodré disserta sobre o que seria a ciência da comunicação e qual seria seu objeto de estudo. A partir da etimologia da palavra, que originalmente significava "agir em comum" ou "deixar agir o comum" (p.9), Sodré define o objeto da comunicação como a vinculação, isto é, o fio condutor de sentido

relacionado a variedade de ações sociais. A partir da compreensão de que a mídia constituiria um quarto bios (uma quarta forma de vida e existência), que o autor vai denominar de bios midiático, ele propõe pensar o saber comunicacional como uma redescrição da realidade, o qual, a partir de um sentido ético-político, reorganiza o nosso estar no mundo. Para o autor ainda, os seres humanos são seres comunicacionais devido a sua capacidade de relacionamento e organização das mediações simbólicas com objetivo de compartilhar um comum.

Janice Caiafa em *Trilhos da cidade* (2013) vai afirmar que o espaço construído das cidades, neste espaço urbano onde "pisamos, sentimos de alguma forma esse lugar que habitamos e a presença de nosso corpo ali" (p.75), haveria uma força experiencial com capacidade de produzir novas experiências, constituir e modificar afetos. Essa experiência urbana seria resultado do constante encontro e atrito com os desconhecidos que se locomovem nas urbes e, para que ela se desenvolvesse de forma criadora, seria necessária uma atitude ética diante desses outros urbanos.

Os processos materiais, gerados pela interação com os espaços construídos das metrópoles, assim como a partir dessa relação com esses outros desconhecidos, agiriam, de certa forma como componentes subjetivos, desenvolvendo um tipo de comunicação. Ademais, segundo a autora, a partir de Guattari (1992), ao ocuparmos esses espaços experimentamos sua força enunciativa e, por conseguinte, na relação com o espaço construído das cidades se desenvolveria uma dimensão comunicativa.

A partir das reflexões de Sodré e Caiafa, compreendemos que o Ocupe Estelita é um movimento social que, em relação com o espaço físico da cidade de Recife, produz vinculações, novas experiências, constitui e modifica subjetividades e afetos, e constrói um tipo de comunicação nesse contexto urbano.

Nada mais sintomático dessa crescente aproximação entre o campo da comunicação e as questões relativas às cidades do que o aumento das pesquisas comunicacionais relacionadas a essa temática<sup>11</sup>. Os estudos se diversificam entre a afetação dos espaços construídos das cidades pelos dispositivos comunicacionais, temas relacionados as formas de ocupação desse espaço urbano e sociabilidades engendradas nesse processo (que vão variar desde estudos sobre artes de intervenção urbanas, até a criação de

\_

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> Diversos pesquisadores de comunicação vem trabalhando a temática da cidade, como por exemplo: Micael Hershmann (UFRJ), Cíntia Fernandes (UERJ), André Lemos (UFBA), Janice Caiafa (UFRJ), Muniz Sodré (UFRJ), Raquel Paiva (UFRJ), Thalita Ferraz (UFRJ), Simone Pereira de Sá (UFF), entre muitos outros.

territórios a partir da dinâmica musical), mobilidade urbana, vigilância de dispositivos comunicacionais, além da pesquisa da relação de anúncios publicitários em correspondência com o espaço urbano. Essa crescente de estudos da cidade dentro da comunicação talvez seja indicativo da importância, cada vez maior, que as metrópoles estão assumindo na constituição da vida social.

David Harvey (2014) em *Cidades Rebeldes*, pensando especificamente nas formas de mobilização e manifestação, vai propor que as novas lutas anticapitalistas se revelariam no espaço urbano e não mais apenas no lugar confinado das fábricas. Isto porque os efeitos do capitalismo são sentidos no lugar onde se vive. Além do que, a própria urbanização é fabricada a partir da exploração do trabalho e produção de maisvalia. Em razão disso, as cidades refletiriam em seus desenhos as falhas do sistema capitalista, e, dessa forma, suas ruas teriam a potência de produzir um corpo político capaz de superar o isolamento imposto pelo individualismo do neoliberalismo e reconfigurá-la a partir dos interesses coletivos da população.

No mesmo caminho, Carlos Vainer (2013) vai pensar o planejamento estratégico e as transformações urbanas impostas pelos interesses de elites econômicas e políticas como uma ferramenta de deslocamento da política e da cidadania do espaço urbano para o consumo. A partir destas indicações, acredito que o Ocupe Estelita, como movimento social urbano, revela sua importância para a compreensão de uma dinâmica global de destituição das cidades como local do exercício da ética, da política e das transformações sociais. Além do que, a reação da população a esse projeto de metrópole a partir da reinvindicação de um direito à cidade, direito de exigir algum tipo de controle sobre os processos de urbanização, quase sempre dominados pelos interesses dos empreiteiros apoiados pelo capital financeiro, pode demonstrar o papel dos movimentos sociais urbanos em um processo de possível ruptura.

O Ocupe Estelita, apesar de ser um movimento local, reflete uma lógica e um processo global onde as cidades são transformadas e geridas como empresas com objetivo de atrair investimentos internacionais e magnetizar usuários bem específicos. Esses usuários solventes, como classifica Vainer (2013), são os usuários que viajam para consumir, alvos de todas as campanhas publicitárias veiculadas pelas prefeituras das cidades que direcionam seu city marketing para o turismo. A prefeitura de Recife, em campanha lançada em outubro de 2017, a partir do posicionamento como "capital do Nordeste", convida esse público para conhecer a "cidade da transformação", a capital da criatividade, onde imperam a tecnologia, a cultura, a diversidade e a gastronomia.

Foi em 21 maio de 2017, em um evento de comemoração dos cinco anos do primeiro "ocupe" realizado na área externa do Cais José Estelita que comecei a minha pesquisa de campo e minha observação participante. Mesmo insegura com a tarefa que se apresentava para mim no meu primeiro ano de mestrado, estudar um objeto do contemporâneo, sujeito a constante reviravoltas e transformações, apresenta esses desafios. Foi um pouco depois, a partir da leitura do texto de Vicent Crapanzano (1977) *On the writing of etnography* que pude compreender um pouco as inquietações sentidas naquele dia. A etnografía, para o autor, pressupõe enfrentamento e, ao referir-se ao trabalho de campo a partir dessa ideia, o autor pretende destacar a violência, característica angustiante do encontro entre pesquisador e seus interlocutores. Isto porque, para ele, o movimento do etnógrafo no campo é uma ação de desconstrução e reconstrução do *self*, pois é presumida uma abertura a compreensão do ponto de vista do outro. O que leva inevitavelmente a uma nova forma de ver e, algumas vezes, a um novo *self*.

Foi nesse primeiro contato com meu objeto de estudo e com a etnografia que me tornei viajante. Foi lá que conheci interlocutores que abriram caminho para outros que estão sendo fundamentais para a compreensão do Ocupe Estelita, como causa e movimento. Desse evento, os primeiros questionamentos e as primeiras contradições emergiram. Somente a partir dali, pude enxergar o MOE muito mais com olhos de pesquisadora, produzindo para mim um distanciamento necessário entre a pernambucana que reconhecia no movimento a reverberação de suas angústias em relação ao modelo de cidade que Recife representa; e a pesquisadora crítica capaz de esboçar questionamentos necessários a compreensão desse fenômeno como um todo, em suas particularidades, fissuras e constituições. Ou seja, um estranhamento necessário a pesquisa etnográfica (Caiafa, 2007:148).

A ideia de viagem, a partir de Deleuze, é muito importante para compreender o método-pensamento etnográfico proposto por Janice Caiafa (2007). No *Abcedário de Deleuze*, onde Claire Parnet entrevista Gilles Deleuze sobre alguns de seus principais conceitos e reflexões, na letra "V de viagem", Deleuze ilustra como para ele o movimento não pressupõe locomoção ou deslocamento. Segundo o autor, a viagem não presume o movimento geográfico, e sim uma forma de se associar com a diferença.

Em Carta a Serge Daney: Otimismo, pessimismo e viagem, o autor apresenta quatro observações sobre a viagem. Em primeiro lugar, viajar nunca provocará ruptura "desde que se leve consigo sua Bíblia" (DELEUZE, 2008:100), isto é, se não se desfizer dos preexistentes códigos morais, regras sociais etc. Segundo, ela está relacionada a um

ideal nômade, sendo que, para o autor, o nômade é aquele que não se mexe, a necessidade de deslocamento surge como consequência, e não essência, do nomadismo. As reflexões terceiras e quartas apresentam-se como desdobramentos uma da outra, quando Deleuze, evocando Beckett, afirma que não se viaja por prazer, viaja-se para verificar algo.

Janice Caiafa (2007) em seu livro *Aventura das cidades* vai propor essa ideia de viagem relacionada a etnografia, que, para a autora, pressupõe uma vulnerabilidade, disponibilidade de se deixar afetar pelo Outro. De início, na antropologia, existiu um pressuposto de que a distância física e cultural era fundamental para a compreensão de modos de vida diferentes do etnógrafo, pensamento que persiste de alguma forma até hoje. Porém, atualmente, existem pesquisadores que vão estudar precisamente o grupo ao qual estão inseridos, o que levanta novas questões em relação a viabilidade da pesquisa acadêmica em um ambiente tão próximo ao familiar e afetivo.

Eduardo Viveiros de Castro (2002), citado por Caiafa (2013), vai esboçar uma tentativa para solucionar esse dilema, propondo que para produzir conhecimento é necessário outorgar intencionalidade ao objeto, transformando-o, portanto, em sujeito. Caiafa (2007), também irá propor uma saída para esse problema a partir da noção de simpatia proposta por Deleuze.

A autora observa que, para Deleuze, a única unidade do agenciamento é o cofuncionamento que ele também vai denominar de *simpatia*. É a partir dessa noção de simpatia – o afeto que possibilitaria a nossa conexão com heterogêneo, abrindo para nós o mundo de possibilidades que o Outro representa – que Caiafa (2007:153) esboça uma saída para esse dilema da etnografia onde não necessariamente "distanciar-se para compreender o outro, nem tampouco tomar-se por esse outro, mas ter algo a ver com ele, 'alguma coisa a agenciar com ele'". A partir desse distanciamento necessário, porém não clínico e asséptico, e, ao mesmo tempo, dessa proximidade cautelosa, que assumo minha posição em relação ao Ocupe Estelita.

Partindo também da compreensão de que a pesquisa etnográfica se faz em processo com o Outro, onde ambas as subjetividades – do etnógrafo e dos sujeitos de pesquisa – são construídas, descontruídas e reformuladas, se manifesta como importante ferramenta desse agenciamento com os sujeitos da pesquisa a utilização da primeira pessoa (KASTRUP, 2008). Porém, é importante especificar que, apesar de comumente nos estudos etnográficos a voz do etnógrafo predominar, produzindo interpretações ou interpelações da e na voz dos interlocutores e conferindo ao pesquisador uma autoridade

exacerbada, o que proponho, apoiada nas reflexões de Caiafa (2007 e 2013), produzir nesta dissertação é uma enunciação coletiva, uma voz *colorida*.

Uma voz colorida do pesquisador, segundo a autora, seria uma voz que não se pretende universal, que renuncia de alguma forma à autoridade conferida ao etnógrafo, que se coloca ao lado das outras na tentativa de adquirir "uma expressividade, um movimento que a aproximasse das falas quotidianas, com nuances, hesitações e intensidades" (CAIAFA, 2013:37). Uma voz que tensiona o lugar de primeira voz e se esforça constantemente para se colocar ao lado das outras, sem, todavia, ter a pretensão de fugir completamente disso, uma vez que, a tentativa de suplantar a voz do autor é um empenho falso que esvazia a própria participação do etnógrafo na pesquisa de campo.

Segundo Maria Laura Cavalcanti (2003), nesse processo de pesquisa de campo é necessário deixar-se levar pelo encontro para conhecer uma realidade ainda desconhecida. Essa natureza do campo, para a autora, impõe uma abordagem que mistura humildade e empatia. A autora descreve o trabalho de campo com a feliz expressão "conhecer desconhecendo", apontando que, para conhecer, muitas vezes é preciso que nos desvencilhemos de ideias prévias, cultivando também, portanto, um tipo de desconhecimento.

Pensada não só como método, mas também como pensamento, como sugere Janice Caiafa (2007), a etnografia se faz a partir da observação participante e da disponibilidade de se deixar afetar e transformar pelos seus sujeitos de pesquisa. Ademais, pesquisar o Ocupe Estelita, que tem como ápice e, para alguns interlocutores, seu início e fim associado ao período de ocupação – que ocorre de maio a junho de 2014 – a partir de uma observação participante seria inviável, já que não é possível reconstruir experiências de algo que está no passado. Por isso, esta dissertação pretende resgatar as reminiscências, a partir das narrativas e discursos de membros do movimento e participantes da ocupação – tentando, em alguma medida, reconstituir os acontecimentos daquele momento –, e também conhecer como os diversos grupos envolvidos atualmente com a causa do Estelita pensam e se organizam. Vamos examinar como aqueles acontecimentos podem ter produzido efeitos no presente, e em que medida poderíamos falar de um movimento hoje.

A dissertação será dividida em três capítulos, onde serão abordados os principais eixos que norteiam essa pesquisa: o processo de especulação imobiliária na cidade do Recife; a ideia de cidades-empresas e movimentos sociais urbanos; e o MOE como possibilidade de ruptura desses processos hegemônicos.

O primeiro capítulo será apresentado em três partes que terão como objetivo a contextualização: o processo de especulação imobiliária na capital pernambucana a partir da apresentação de algumas obras encadeadas com o projeto Novo Recife – como a reforma dos armazéns do Marco Zero, a reforma do Porto, a construção das "torres gêmeas", a Via Mangue e o Shopping RioMar; o Cais José Estelita descrito a partir das narrativas e memórias dos interlocutores, a localização a partir de mapas, fotos — etc.; o Projeto Novo Recife (no que consiste, suas propostas, ilegalidades e o episódio do redesenho); e, por fim, o Movimento Ocupe Estelita, aprofundando a relação entre movimento e causa, o período da ocupação – com suas reivindicações e divergências – e o incidente da reintegração de posse.

Nesse primeiro capítulo nos apoiaremos teoricamente nas teses e dissertações produzidas sobre o Movimento Ocupe Estelita, o projeto Novo Recife e os demais processos de especulação imobiliária da capital pernambucana utilizando sobretudo como referencial teórico os conceitos de "aparelho de Estado" e "máquina de guerra" propostos por Deleuze e Guattari.

O segundo capítulo será norteado por dois eixos: o processo global de transformação das cidades em empresas e movimentos de ocupação urbana. No primeiro, abordaremos o processo mundial de apropriação das metrópoles pelo capital internacional e para atração do que Vainer (2013) denomina de usuários solventes, ou seja, o público específico que possui condições financeiras para consumir e acessar ambientes exclusivos. Aqui, examinaremos como é preciso, para implementação de projetos como o Novo Recife, a construção de um sentimento de crise, uma sensação de que aquelas áreas estão desabitadas e degradadas e que a única saída é a implantação desse planejamento estratégico.

Para que esse planejamento tenha continuidade parece ser necessário a transformação desse sentimento de crise em um patriotismo de cidade, como sugerido por Vainer, onde toda a metrópole encontra-se unida, sem aparente dissensos, diante desse novo projeto de urbe moderna e tecnológica. Além disso, apresentaremos como esse planejamento estratégico é impulsionado por megaeventos, que atraem olhares e investimentos, fazendo emergir a necessidade de posicionar a urbe diante desse mercado

-

<sup>&</sup>lt;sup>12</sup> Aparelho de Estado é um conceito utilizado por Deleuze e Guattari no livro Mil Platôs vol. 5. O aparelho de estado produziria uma guerra institucionalizada, com objetivo "ocupar o máximo de casas com o mínimo de peças" (DELEUZE e GUATTARI, 2012: 13 e 14).

mundial no qual as cidades estão à venda, a partir de características que sinalizem que Recife agora é uma *word class city*<sup>13</sup>.

No segundo eixo, o foco será nos movimentos sociais urbanos que vão utilizar a ocupação do espaço como objetivo e método, transformando o corpo em dimensão política e coletiva. Nesse momento serão tratadas e tensionadas algumas características atribuídas a esses novos movimentos sociais que estão em constante articulação com as redes sociais. Lembrando que o foco desta dissertação não é a midiatização do movimento, portanto, essa temática das redes e das convocatórias por Facebook será abordada apenas como uma questão conexa, que tem importância para o entendimento do funcionamento e atuação do Ocupe Estelita, mas que não é o enfoque desta pesquisa. Interessa-nos, particularmente nessa parte, entender a atuação do movimento nas frentes jurídicas, comunicacionais e coletivas — constituída a partir da formação de um corpo coletivo no período da ocupação — e como essas frentes se articularam e se interelacionaram na criação de uma narrativa para o Cais José Estelita.

Por fim, no terceiro e último capítulo, a partir das entrevistas realizadas com membros da ocupação, lideranças do movimento, representantes da prefeitura e das comunidades afetadas pelo Novo Recife – que, de fato, em alguma medida, permearão todo o trabalho – e da observação participante, pretendemos responder às questões principais desta dissertação. Seria o Ocupe Estelita uma espécie de ruptura de um processo hegemônico e mundial da transformação das cidades em negócios no contexto examinado? Como os atores envolvidos com as questões do Cais José Estelita pensam e se organizam? Como eles avaliam sua atuação em termos do sucesso no enfrentamento com o projeto Novo Recife? Seria o cais José Estelita um símbolo afetivo de resistência para a população recifense? Ou melhor, seria o cais Estelita o coração para onde convergem inúmeras lutas pelo direito à cidade? De que forma o Movimento Ocupe Estelita afetou e transformou as vidas pessoais e profissionais das pessoas envolvidas? E finalmente, "que sonhos cabem no cais?" – uma tentativa de entender qual é o futuro do Cais José Estelita a partir da observação participante e das conversas e experiências com os interlocutores.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> Otília Arantes (2013:34) utiliza ironicamente esse termo em seu texto "Uma estratégia fatal: a cultura das novas gestões urbanas", para justamente indicar que nesse modelo de cidade o fundamental é que ela apresente equipamentos e edificios que sinalizem para as outras cidades que ela agora faz parte do circuito internacional de cidades globais.

# **AJUDE A MUDAR O RECIFE!**



ÁREA SUJEITA A ATAQUE DOS BARÃO



Sua participação pode transformá-lo! 18 de maio tem #OcupeEstelita: por uma cidade para as pessoas

#### 1. OCUPE ESTELITA

Com objetivo de contextualizar o Ocupe Estelita, o cenário em que ele se insere e contra quem ele se posiciona, serão utilizados os conceitos de *máquina de guerra*, aparelho de Estado e exterioridade do Estado. Deleuze e Guattari (2012) em "1227 – Tratado de nomadologia: a máquina de guerra" discutem o espaço e estratégias para ocupá-lo. O aparelho de Estado, segundo os autores, seria passível de ser pensado em propriedades binárias e estaria relacionado a uma interioridade que tomamos como modelo, que nos impõe também uma forma de pensar. Os autores se apoiam no texto de Pierre Clastres quando ele afirma que a guerra seria a forma mais eficaz de enfrentamento do Estado – instância que governa a sociedade de fora, contra a sua autonomia.

Clastres (apud DELEUZE e GUATTARI, 2012) antagoniza o postulado evolucionista, duvidando que o Estado seja consequência de um determinado desenvolvimento econômico ou diferenciação política. O autor questiona-se se essas sociedades primitivas, não se apoiariam, na verdade, na prevenção da constituição desse Estado por meio do que ele denomina de mecanismos coletivos de inibição. O mecanismo de chefia, presente nessas sociedades, seria um exemplo desses processos de inibição, uma vez que não promove o mais forte nem permite a instauração de poderes estáveis, estimulando, ao contrário, um conjunto de relações contínuas. Os autores prosseguem afirmando que guerra, portanto, seria "o modo de um estado social que conjura e impede a formação do Estado" (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 20).

Deleuze e Guattari (2012) discutem a relação que as ciências nômade e régia têm com o trabalho. Para eles, uma das funções do Estado sempre foi tentar controlar os corpos dos trabalhadores que eles chamam de nômades ou itinerantes por meio da fixação, sedentarizarão ou imposição de regras ao fluxo desse trabalho. Porém, segundo os autores, sempre existiu algo que escapa a esse controle, uma potência ativa e passiva de movimento e greve, uma insurgência da máquina de guerra, isto porque "os corpos coletivos sempre têm franjas ou minorias que reconstituem equivalentes de máquina de guerra" (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 34).

Para melhor esclarecer os dois conceitos, os autores propõem uma comparação a partir da teoria dos jogos, que, segundo eles, seria um modelo limitado. O xadrez, com suas peças codificadas, cada uma com uma função e movimento específicos, dotadas de um poder relativo, se moveriam no espaço "estriado", dentro de uma dinâmica que os autores entendem como estatal. O propósito das peças seria de se espalhar num espaço

delimitado, ocupando o "máximo de casas com o mínimo de peças" (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p.13), enquanto no jogo go, os peões são "grãos, pastilhas, simples unidades aritméticas, cuja única função é anônima, coletiva ou de terceira pessoa" e se movimentam em um espaço "liso", em uma guerra sem regras, onde o que prevalece é a pura estratégia (Ibidem, p.14).

A partir desta breve introdução, a proposta seria pensar o Projeto Novo Recife como aparelho de Estado, movimentando-se em um espaço demarcado a partir de regras específicas. Seu deslocamento, assim como o das peças de xadrez, seria por um espaço delimitado, neste caso, pela especulação imobiliária que há alguns anos vem demarcando as áreas de frente d'água como alvos de um planejamento estratégico. A partir da parceria público-privada, tendo a Prefeitura como facilitadora de todo processo, o Novo Recife se movimentaria na mesma direção dos interesses do Estado. O Ocupe Estelita, por outro lado, emergiria como uma potência de máquina de guerra, ou seja, como uma exterioridade em relação ao Estado, algo que está externo a ele, não necessariamente descolado, mas ainda assim oposto e antagônico. A pergunta que gostaria de colocar é se, e em que medida, o Ocupe Estelita realizaria essa potência.

#### 1.1 Aparelho de estado

Segundo Deleuze e Guattari (2012), uma das principais finalidades do Estado seria estriar o espaço sobre o qual governa, ou ainda, utilizar os espaços lisos como meio, a serviço dos espaços estriados, controlando a movimentação e a velocidade. No aparelho de Estado, assim como no xadrez, os atores são codificados, têm uma funcionalidade, natureza e propriedade intrínsecas, isto é, cada um exerce uma função pré-estabelecida e se move de acordo com ela. O espaço é estriado, métrico, codificado e decodificado, e a ocupação é posterior à aferição deste espaço. É o que ocorre na especulação imobiliária, por exemplo, onde primeiro são destacadas áreas com potencial de desenvolvimento, que possuam características, localização e funcionalidades específicas, e só depois iniciam-se os projetos. Primeiramente são realizadas antecipações no espaço, são construídas obras viárias, alguns primeiros edifícios para sinalizar o potencial residencial e/ou comercial da área, ou seja, inaugura-se o processo de gentrificação. Em seguida, é necessário ocupar esse espaço com uma população específica, que possua capital para consumir.

## 1.1.1 Especulação imobiliária em Recife

Para melhor compreender o percurso realizado pela especulação imobiliária em Recife, descreverei o mesmo trajeto a partir das minhas memórias construídas ao longo de muitos anos morando na capital pernambucana (Anexo). A ideia é que se torne possível visualizar que todas essas obras implementadas nos últimos anos na Manguetown estão interligadas a um projeto maior de cidade, uma cidade voltada para a atração de *usuários solventes*, como Vainer (2013) denomina esse público visado pelas cidades inseridas nesse circuito mundial de competição por atração de investimentos privados. Além disso, o objetivo é salientar as transformações sofridas pela capital nos últimos anos, os processos de gentrificação, a "pacificação por meio do cappuccino"<sup>14</sup>, isto é, a cultura de butiques que converte todos os espaços em templos para o consumo.

Nosso passeio começa na Praça do Marco Zero em direção a Ponte Giratória, reconhecida pelas imagens aéreas do carnaval do Recife. Nesse caminho, passamos pelos armazéns que no período colonial estocavam os produtos chegados no porto e que na minha adolescência costumavam abrigar shows de rock alternativos e eventos de moda e artesanato como o *Mercado pop*<sup>15</sup>. Hoje, abrigam restaurantes, cafés e bares destinados à classe média e alta, com palavras americanizadas em seus nomes (como "*lounge*"), além de decorações e preços ostentosos. O Recife Antigo, como é chamado o bairro histórico da capital, nos anos 1990 tinha uma vida noturna boêmia. Aos fins de semana, suas ruas eram ponto de encontro para os manguebeats que lotavam as ruas e os bares com mesa na calçada. Atualmente, sua movimentação concentra-se nos domingos, quando a Prefeitura monta a ciclo-faixa para o lazer de uma certa classe, ou em função de eventos como *Recife Antigo de coração*<sup>16</sup>, também realizado pela prefeitura.

Da Ponte Giratória já é possível visualizar as Duas Torres, monumentos à verticalização recifense, batizadas pelas suas construtoras com os nomes de dois símbolos da colonização: Duarte Coelho e Maurício de Nassau. A população pernambucana resolveu apelidá-las com nome mais sugestivo: "torres gêmeas". As torres gêmeas recifenses saltam a vista em um bairro de construções baixas e históricas. Construídas sob ordem de demolição, seus quarenta andares tornaram inalcançável para o Bairro de São

\_

<sup>&</sup>lt;sup>14</sup> David Harvey (2014) utiliza esse termo, a partir da observação de Sharon Zukin, para designar as transformações sofridas no estilo da vida a partir dos processos de gentrificação dos espaços (p.46 e 47).

<sup>&</sup>lt;sup>15</sup> Foi, na década de 1990, a vitrine dos artistas pernambucanos. Aliado à efervescência do Manguebeat, era um evento que abrigava todo o público artístico, musical e cultural da cidade. Teve edições realizadas em vários locais da cidade, inclusive nesses armazéns da Praça do Marco Zero.

<sup>&</sup>lt;sup>16</sup> Evento que reúne bandas, música e atividades culturais gratuitas pela população.

José, vulgo Bairro do Recife ou Recife Antigo, o título de Patrimônio da Humanidade pela Unesco.

Seguimos em frente. Descendo o Viaduto das Cinco Pontas se visualiza o Cais José Estelita. Em frente está à reformada orla da Bacia do Pina, que agora conta com bancos em que ninguém senta e um calçadão a que ninguém consegue chegar a pé. O Cais, revitalizado pelas diversas ocupações exteriores, expõe suas paredes pichadas e marcadas, pedaços de lambe-lambe já descascando, alguns grafites mais elaborados, exibindo em suas paredes um pouco do que esconde atrás de seus muros: a sua imensidão, a grama alta, os silos, os armazéns semidemolidos, a linha do trem. É difícil para olhos não atentos observar todos esses detalhes na passagem pelo Cais, isso porque sua via expressa impede a fixação do olhar, quase tornando-o um borrão imposto pela velocidade do automóvel. Seguindo a andança, subimos o Viaduto Capitão Temudo, onde a alça — nova aquisição da cidade — desemboca diretamente dentro do estacionamento do shopping RioMar.

O RioMar, shopping destinado às classes mais altas, com lojas como Louis Vuitton, Prada e Versace, irrompe do mangue como uma edificação humana e estranha. O que diria Chico Science diante desse objeto estranho aterrado na lama de nosso quintal? A alça do viaduto também leva à Via Mangue, construída para ajudar na fluidez do trânsito da Zona Sul. Outra via expressa, mais um corredor para automóveis, mais mangue por debaixo, mais asfalto por cima. Mais pobreza expulsa do entorno, mais palafitas insistindo em contrastar com a paisagem "moderna" desse centro comercial. Mais uma obra conectada às áreas líquidas recifenses. Recife, batizada por alguns de "a Veneza brasileira", explora seu potencial paisagístico e estuário para o investimento do capital imobiliário. Estamos no Pina, bairro que entra para a lista dos dez bairros com o metro quadrado mais caro do Brasil. O RioMar está no Pina, o Projeto Novo Recife encontrase em frente à Bacia do Pina, a Via Mangue leva ao Pina, a classe alta recifense também está no Pina. O Ocupe Estelita pergunta: cidade para quem?

Recife, seguindo a tendência mundial, vem passando por um processo de remodelação urbana focado em suas áreas portuárias e de frente d'água. Esse processo inicia-se na década de 1990 com o Projeto Capital e prossegue em 2003 com o modelo de planejamento estratégico nomeado de "Complexo Turístico Cultural Recife-Olinda". Esse plano, cujo o foco estava nas áreas líquidas entre os centros histórico das duas cidades, já sinalizava para o capital imobiliário algumas regiões disponíveis e consideradas rentáveis devido à paisagem natural e à presença de uma certa infraestrutura

e alguns comércios. E fazia isso dividindo suas zonas de abrangência em dois tipos: áreas de renovação urbana, isto é, setores considerados subutilizados ou ociosos (como o Cais José Estelita e o Cais Santa Rita), e áreas de requalificação urbana, que compreendiam assentamentos informais e de baixa renda que deveriam ser interligados social e territorialmente à cidade.

Nos apontamentos desse planejamento também é possível verificar a utilização da cultura como base para criação de um *city marketing* que tinha como objetivo aprimorar a autoestima de seus habitantes e restabelecer um determinado sentido de pernambucanidade. Carlos Vainer (2013) em seu texto *Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano*, discursa sobre a utilização de técnicas de marketing para a promoção das cidades em mercadoria. As cidades, planejadas e geridas como empresas, colocam-se a venda no mercado mundial e competitivo de cidades para atrair investimentos de um capital transnacional. Vainer (2013) pergunta, porém, o que está à venda quando se anuncia uma cidade? A resposta vem logo em seguida: produtos de luxo.

Alguns críticos desse projeto apontavam que se tratava na verdade de um complexo imobiliário mascarado de proposta urbanística. Apesar de não chegar a ser implementado, serviu para sinalizar e destacar áreas de interesse para o capital imobiliário, sendo posteriormente os dois setores considerados subutilizados e objetos da construção (ou tentativa) de empreendimentos residenciais e de uso misto (o Projeto Novo Recife no Cais José Estelita e as Torres Gêmeas no Cais de Santa Rita). O complexo Recife-Olinda encerra-se com a decisão do Estado de desfazer-se dos terrenos demarcados no projeto, privatizando a área onde existia a antiga fábrica Bacardi – onde hoje está construído o shopping RioMar – e leiloando o terreno do Cais Estelita.

A partir desse projeto, fica evidente a dinâmica da transformação que vem sofrendo a Bacia do Pina. Além disso, demonstra o destaque dado a área como uma das mais novas vitrines da capital pernambucana. Algumas obras subsequentes ao Complexo Turístico Recife-Olinda demonstram essa nova função adquirida pela localidade. São elas: a construção das "Torres Gêmeas" da Moura Dubeux Engenharia, a obra viária da Via Mangue (Queiroz Galvão), a edificação do shopping RioMar (Grupo JCPM Participações e Empreendimentos<sup>17</sup>) e a reforma dos armazéns do Recife Antigo – localizados no Marco Zero e que fazem parte do Programa Porto Novo Recife –,

<sup>&</sup>lt;sup>17</sup> O Grupo João Carlos Paes Mendonça (JCPM) é reconhecido pela sua atuação comunicacional, *Jornal do Commercio* e *TV Jornal*, e empresarial (centros comerciais como o Shopping RioMar) na cidade do Recife.

executado pela Conic Souza Filho e Triunfo Engenharia, e administrado pela General Brasitec Serviços Técnicos. Todas elas exprimem de forma bem clara a função dessas obras e o público ao qual elas estão sendo destinadas.

As duas torres, Píer Maurício de Nassau e Píer Duarte Coelho, batizadas vulgarmente como "Torres Gêmeas", foram construídas em 2009 sob ordem de demolição. Seus quarenta andares e a proximidade exagerada do mar fazem delas uma anomalia quando comparadas aos outros edifícios mais baixos do Recife Antigo. Esse empreendimento corresponde a um trailer do que pode vir a ser o Projeto Novo Recife caso seja implementado e, ademais, introduz a construção de habitações destinadas à classe média e alta no Centro Histórico de Recife. Embasadas sobre o argumento de "requalificar" ou "revitalizar" esse bairro histórico da cidade, essas torres se estabelecem no Cais de Santa Rita, localizado na ponta extrema do bairro de São José, considerado um dos mais antigos da capital.

O centro comercial RioMar, construído pelo Grupo JCPM – um dos grupos empresariais de forte atuação comunicacional e imobiliária do Recife –, contou com a presença de autoridades como o governador do Estado de Pernambuco e o prefeito de Recife na sua inauguração em 2012. Em paralelo a sua implementação, outras obras foram executadas no seu entorno, tais como os três empresariais logo ao seu lado, anunciados como um "lançamento de peso que vem *consolidar a tendência de ocupação* daquele pedaço do território recifense, entre a antiga região portuária, no Centro, e a entrada da Zona Sul"<sup>18</sup>. Além desses empresariais, feitos em parceria com a Moura Dubeux Engenharia, há uma alça que sai do Viaduto Capitão Temudo conectando o estacionamento do shopping à Via Mangue – via expressa realizada a partir de uma parceria público privada e que tem sua construção diretamente conectada a esse empreendimento comercial.

A Via Mangue foi uma proposta apresentada pela Prefeitura do Recife em 2004, porém só foi inaugurada em 2016, e tinha como principal objetivo a melhoria da fluidez do trânsito para a Zona Sul. Segundo Barbosa (2014), obras viárias como a Via Mangue têm a função de facilitar a especulação imobiliária e a interligação de grandes empreendimentos urbanos, e constantemente estão associadas a uma justificativa de melhoria do fluxo da cidade, diminuição da pobreza e preocupação com a sustentabilidade

<sup>&</sup>lt;sup>18</sup> http://www.mouradubeux.com.br/mdnet/novo/mdnet/novidades/view/158. Acesso em 27 de agosto de 2017. Grifos meus.

do entorno (p. 110-113). Porém, na prática funcionam como uma solução paliativa para o problema do tráfego e estão baseadas num modelo de cidade individualista e centrado no automóvel. Ademais, no caso particular dessa via expressa, houve o aterramento de uma extensão considerável do ecossistema de mangue, grandes remoções em sua extensão e o beneficiamento claro do empreendimento privado do Grupo JCPM pela sua construção. Além disso, sua constituição se encontra na Matriz de Responsabilidade da Copa do Mundo de 2014<sup>19</sup>.

Otília Arantes (2013) disserta sobre a virada cultural da década de 1960 – o momento a partir do qual a cultura assume posição central na estrutura e organização da sociedade – e como a cultura passou a ocupar um lugar de destaque no planejamento e promoção das cidades mundialmente. Esse planejamento estratégico fundamentado no argumento cultural, representado pela matriz projetual francesa a partir da construção do Beaubourg, baseia-se na construção de edifícios culturais tecnológicos como símbolos de uma metrópole preparada para receber investimentos transnacionais. Esse modelo francês é atualizado com o acréscimo à fórmula de eventos como a Copa do Mundo e Olímpiadas, os chamados megaeventos. É o caso de Barcelona, que, ao sediar as Olímpiadas de 1992, acrescenta a essa fórmula do urbanismo os megaeventos como catalizadores dessas transformações. Isto porque esses eventos espetaculares trazem como exigência uma série de remodelações urbanas, como obras de infraestrutura para a construção de novos sistemas de transporte, residências (vilas olímpicas), redes hoteleiras, equipamentos esportivos sendo tudo focado nas regiões portuárias, que pressupõe uma abertura e valorização da fachada marítima.

É o que acontece na capital pernambucana com o caso do Programa Porto Novo Recife, que teve sua reforma incluída nas reestruturações urbanas previstas para que a capital pernambucana sediasse o evento da FIFA de 2014. Entre essas reformas, encontram-se a reforma do Terminal Marítimo de Passageiros e o remodelamento dos armazéns do Marco Zero para abrigar restaurantes, bares e cafés destinados a um público de alto poder aquisitivo. Constantemente, esses projetos catalisados pelos megaeventos utilizam-se da cultura como argumento para essas transformações, erigindo edifícios culturais que representem de alguma forma "uma marca que se apresente a si mesma como algo a confirmar sua condição ultramoderna" (ARANTES, 2013: 62), e que permitam a essa metrópole ingressar nesse circuito mundial de cidades. Recife, como

<sup>&</sup>lt;sup>19</sup> Disponível no site: http://www.copa2014.gov.br/sites/default/files/publicas/sobre-a-copa/matriz-deresponsabilidades/pe/anexo.pdf. Acesso em 21 de maio de 2018.

capital sede da Copa do Mundo, também seguiu a tendência e junto a essas mudanças urbanas, implementou equipamentos culturais como o Centro de Artesanato de Pernambuco (na Praça do Marco Zero) e o Museu Luiz Gonzaga – Cais do Sertão.

### 1.1.2 Projeto Novo Recife

O Movimento Ocupe Estelita surge a partir da ocupação do terreno do Cais José Estelita e contra a implementação do Projeto Novo Recife, que no seu primeiro modelo previa a construção de doze torres de até quarenta andares (entre residenciais, empresariais, estacionamento, hotéis, etc.). Em Audiência Pública no dia 22 de março de 2012<sup>20</sup>, com a presença de representantes da sociedade civil, do IPHAN, da Prefeitura do Recife, do Ministério Público e da Moura Dubeux (construtora idealizadora do projeto e que, nessa audiência, representa o consórcio como um todo), o projeto foi apresentado e posteriormente debatido pelos presentes.

No primeiro momento da audiência houve a apresentação da cronologia histórica do terreno realizado pela GRAU (Grupo de Arquitetura e Urbanismo) e que produziu um laudo de avaliação do potencial cultural do Pátio das Cinco Pontas e seu entorno para, em seguida, ser exibido o filme conceito do Projeto Novo Recife.

O Cais José Estelita possui uma extensão de mais de 100 mil metros quadrados e foi arrematado em uma hora de leilão por R\$ 55,4 milhões, quando o lance mínimo previsto em edital era de R\$ 55,278 milhões. O leilão público realizado pela Secretaria do Patrimônio da União (SPU) contava com dez empresas inscritas e financeiramente capacitadas para tal, porém, no dia da realização desse leilão, apenas quatro empresas estiveram presentes e online, sendo a área arrematada pela única empresa a apresentar proposta, a Moura Dubeux Engenharia, representante do seu grupo consorciado Novo Recife.

O filme produzido pelo consórcio e exibido na audiência apresenta o conceito de Recife como porto e, por meio da metáfora portuária, sinaliza que a cidade está aberta para mudanças, que nasceu em contato com o mar, com o mundo moderno e cosmopolita, vocação essa que estaria marcada no desenho da capital ao longo dos séculos. Além disso, a metrópole estaria passando por transformações caracterizadas pela chegada de novas

-

<sup>&</sup>lt;sup>20</sup> Audiência gravada e disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3IkIRWKm9Sw&t=840. Acesso no dia 26 de maio de 2018.

empresas e investimentos, e, portanto, seria nesse contexto que o "projeto urbanístico" do Novo Recife estaria sendo delineado.

Algumas áreas, alvos dessas especulações, são apresentadas no vídeo e são sinalizadas como "vetores de desenvolvimento", são elas: o bairro do Pina, onde destacase a presença dos empresariais do Grupo, edifícios residenciais, bares e restaurantes; o local da antiga fábrica da Bacardi onde foi construído o shopping RioMar (Grupo JCPM) e três empresariais em parceria com a Moura Dubeux (à época do vídeo, a construção do centro comercial era apenas um projeto e ainda não havia sido implementada); e a Ilha do Leite, polo médico que conta com a presença de diversos edifícios comerciais.

A implementação do Projeto Novo Recife é inserida nesse contexto de desenvolvimento e "modernização" da cidade, sendo o projeto descrito como um empreendimento que "vai trazer vida nova ao centro da cidade", sendo "um marco para o século XXI que resgata a tradição e constrói o futuro". Para embasar esse argumento o vídeo apresenta os exemplos de Barcelona, Lisboa, Londres e Buenos Aires, que tiveram suas regiões portuárias modificadas de "espaços subutilizados em polos econômicos".

O projeto, inserido no Complexo Recife-Olinda, continua o vídeo conceito, vai "retomar a vocação natural do Cais José Estelita" (que seria o resgate de um "espírito cosmopolita") e caracteriza-se por meio de um empreendimento de uso misto dividido em cinco polos. O primeiro apresentado, o polo hoteleiro e comercial, é marcado pela presença de empresariais, flats de alto padrão, restaurantes, lojas e auditórios – justificado como paisagem para os visitantes e, além disso, com o aumento do número de leitos da cidade, abriria a porta para grandes eventos como a Copa do Mundo de 2014.

O polo residencial, apresentado logo depois, com dez torres variando de 21 a 41 andares, acompanhadas de cinco edificios-garagem, áreas públicas de circulação e lazer, além da construção de novas vias de locomoção (o vídeo demonstra que essas áreas públicas estariam centradas dentro da área do condomínio e essas novas vias de locomoção, apesar de incluírem ciclo faixas seriam destinadas aos moradores para exercício e não como meio de transporte). O terceiro polo, de convivência com praças e áreas verdes — que na prática parecem funcionar mais como jardins paisagísticos do empreendimento — e quiosques de serviços. Um polo marítimo, enfatizando a vocação natural da área, próximo ao Forte das Cinco Pontas, contaria com a presença de um píer para pequenas embarcações. E, por último, o polo cultural, com a transformação de alguns

\_

<sup>&</sup>lt;sup>21</sup> Termo utilizado pelo consórcio no filme conceito exibido na audiência do dia 22 de março de 2012.

armazéns em centros culturais e de serviços, e a integração do empreendimento com o shopping RioMar por meio da construção da Via Mangue.

No total, o projeto, realizado em parceria com a Prefeitura, prevê a construção de treze torres de até quarenta andares pelo consórcio Novo Recife, formado pela Moura Dubeux Engenharia, Queiroz Galvão, GL Empreendimentos e Ara Empreendimentos, todas *genuinamente* recifenses, como enfatiza o arquiteto da Moura Dubeux na apresentação da Audiência Pública de 2012. Marcos, membro do Direitos Urbanos e também presente nesta audiência, traduz um pouco a visão do DU e da causa do Ocupe Estelita em relação ao Projeto Novo Recife:

O projeto inicial era muito tosco, então assim a gente tá discutindo coisa muito básica no final das contas ou começou discutindo coisa muito básica. Isso até ajudou a espalhar a mensagem, porque era muito ruim. A gente dizia um bocado, era ruim pra eles mesmos. Teve uma audiência que eu fiquei falando com os arquitetos "eu tô salvando teu mercado de trabalho pro futuro, porque se você continuar projetando prédio assim, ninguém vai querer viver nessa cidade"

A discussão era muito da questão da integração com o espaço público, a negação do espaço público, os muros, a falta de uso misto, a questão de pegar aquela área todinha e ficar só um padrão e tal. (Marcos, DU)<sup>22</sup>

O empreendimento, da forma que foi previsto pelas construtoras e posteriormente aprovado pela Prefeitura, apresentava diversas irregularidades<sup>23</sup> que comprometem sua capacidade de integração à paisagem urbanística do Centro Histórico, além de constituir uma área isolada socialmente do entorno. Entre essas ilegalidades encontra-se a aprovação sem qualquer consulta ao DNIT (Departamento de Infraestrutura e Transportes), que é proprietário da área contígua que apresenta uma linha férrea em plena atividade e que opera em apoio ao Porto do Recife.

Também não foi realizado o Estudo de impacto Ambiental ou de Vizinhança, que poderia garantir ao poder público uma análise real do impacto para sociedade desse tipo de empreendimento, permitindo a aplicação das relacionadas e adequadas medidas de compensação e mitigação. Além disso, como parte do empreendimento encontra-se nos

-

<sup>&</sup>lt;sup>22</sup> Entrevista concedida por Marcos, membro do DU, no dia 6 de fevereiro de 2018, gravada em áudio e transcrita posteriormente.

<sup>&</sup>lt;sup>23</sup> Discussão dessas ilegalidades é feita em uma postagem no blog dos Direitos Urbanos, disponível em: https://direitosurbanos.wordpress.com/2012/12/29/esclarecimentos-sobre-o-projeto-novo-recife-porbelize-camara/. Acesso no dia 26 de maio de 2018.

arredores de monumentos tombados pelo IPHAN, pela lei, construções nessas áreas estão sujeitas a algumas restrições relacionadas à visibilidade desses monumentos, que devem estar abertos a todos os cidadãos. Isso demonstra a importância do parecer desse órgão, que devido à incapacidade de apresentar os documentos necessários, teve sua obra embargada pela Justiça Federal e pelo IPHAN.

Apesar do embargo do IPHAN, órgão responsável pela avaliação e administração da importância do terreno do Cais, que impedia qualquer alteração e/ou construção na área enquanto tramitasse o processo na Justiça, na calada da noite inicia-se a demolição dos armazéns do Cais. Com o objetivo de impedir a implementação do projeto e, segundo membros do MOE, garantir o cumprimento da lei, começa a ocupação no Cais José Estelita e com ela o nascimento do *Movimento* Ocupe Estelita (MOE). A ocupação dentro da área interna do Cais perdura até o dia 17 de junho, quando ocorre a reintegração de posse realizada de forma excessivamente violenta pela Polícia Militar. Após esse incidente, a ocupação é deslocada para a área externa, debaixo do Viaduto Capitão Temudo, na Praça Abelardo Rijo, onde permanece até 10 de julho.

Durante esse período da ocupação, a área foi revitalizada culturalmente por meio de uma série de protestos e "ocupões" que consistiam em shows, palestras, oficinas de circo, arte e música, aulas públicas, atividades para crianças, e ainda a constante integração da ocupação com as favelas do entorno. Além disso, a partir do apoio de cantores, compositores, cineastas, escritores, artistas plásticos, fotógrafos, que contribuíram com shows, filmes, artes visuais, liberação de direitos autorais, cachês e renda da venda de produtos, o movimento ganhou visibilidade, repercussão nacional e internacional e conseguiu romper com o silêncio imposto pela imprensa pernambucana, que se negava em divulgar o movimento ou o fazia em pequenas notas.

A pressão feita pela mídia internacional, que cobria o evento FIFA 2014, por alguns setores da nacional, pela população recifense e pelo MOE leva o Novo Recife a concordar, com intermédio da prefeitura, em produzir um novo projeto para a área do Cais José Estelita.

A Prefeitura mediou o processo e propôs as diretrizes que serviriam para balizar as alterações do projeto, entre elas encontram-se: a redução da altura dos edifícios, presença de comércio, construção mínima de 200 habitações populares, uso não residencial de pelo menos 20% da área, entre outras<sup>24</sup>. O redesenho do projeto seria

\_

Disponível em: http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2014/09/prefeitura-divulga-diretrizes-pararedesenho-do-projeto-novo-recife.html. Acesso em 7 de agosto de 2017.

apresentado em uma primeira audiência pública, marcada para o dia 7 de novembro de 2014, porém a audiência foi suspensa pela 3° vara da Fazenda Pública devido à não disponibilização do material a ser discutido no encontro para a população e ao descumprimento do tempo mínimo de 15 dias (previstos na Lei Municipal 16.745) entre a convocação e a realização do evento<sup>25</sup>. A nova audiência, realizada no dia 27 de novembro, apresentou um projeto com algumas alterações<sup>26</sup>, por exemplo: aumento do número de edificios de doze para treze; redução da altura para 12 a 38 andares, contra os 20 a 40 do projeto anterior; construção de vias para pedestres, carros e ciclovias; edificação de uma biblioteca, centro cultural, café e anfiteatro, entre outras. Segundo Marcos, membro do DU:

Os redesenhos [realizado com a mediação da Prefeitura], por exemplo, só agregavam valor ao próprio projeto, tudo que a gente falava que tipo "isso é uma cidade ruim", na verdade não adiantava consertar isso, na medida em que continuasse sendo uma cidade pra poucas pessoas. Então eles agregaram um bocado de coisa que interessava ao próprio projeto, por exemplo. Já em 2013 tinha uma proposta de um parque na frente. Sim, um parque que vai servir a quem? A quem mora lá.

Tinha gente que dizia assim "ah, teve avanço no redesenho", e outras diziam "continua a mesma coisa". Pra mim foi uma grande maquiagem, continuava a mesma coisa, a natureza do projeto era a mesma coisa, e no máximo a gente ajudou os arquitetos a fazer o trabalho deles que eles deveriam ter feito desde o começo. (Marcos, DU).<sup>27</sup>

A Audiência Pública de apresentação do redesenho do projeto foi marcada pela discordância entre os membros do Ocupe Estelita e do projeto Novo Recife. Entre os motivos de desacordo, o MOE alegava que o novo desenho não contemplava as reinvindicações populares em termos de urbanismo, além de representar uma farsa em relação ao processo de participação popular, uma vez que um empreendimento privado que tem como principal objetivo a lucratividade não poderia ser orientado no sentido de atender aos anseios e demandas do coletivo da cidade.

Disponível em: http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2014/11/comeca-audiencia-publica-para-apresentar-redesenho-do-novo-recife.html. Acesso em 7 de agosto de 2017.

Disponível em: http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2014/11/07/audiencia-publica-do-projeto-novo-recife-e-suspensa-155015.php. Acesso em 19 de agosto de 2017.

<sup>&</sup>lt;sup>27</sup> Entrevista concedida por Marcos, membro do DU, no dia 6 de fevereiro de 2018, gravada em áudio e transcrita posteriormente.

# 1.2 O espaço: Cais José Estelita

Temo que a primeira vez que enxerguei o Cais José Estelita foi depois do Ocupe Estelita. Apesar de passar por ele várias vezes quando ia para casa da minha avó, que mora no Pina, poucas vezes meu olhar se demorava naquelas paredes ou minha imaginação navegava nas possíveis descobertas por trás daqueles muros. Hoje, resgatando na minha memória essas lembranças, a primeira que se destaca está associada à empresa de logística que o pai de um colega meu possuía e que, no processo entre o leilão do terreno e o início dos ocupes pelo Direitos Urbanos (de 2008 a 2012), sofreu diversos assédios para que fosse retirada do lugar. Assédios que, como vim descobrir depois, vinham do consórcio Novo Recife, que também precisava daquela área para a implementação do projeto.

A verdade é que o Cais sempre foi objeto da paisagem de passagem, em frente a uma via expressa. Assim, dificilmente os carros diminuem a velocidade quando transitam por ele. É um lugar a que não se chega a pé ou de bicicleta, é um lugar não vivenciado pela população recifense. Até o Ocupe Estelita.

Richard Sennett (2014) em seu livro *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*, discute a relação do corpo com a cidade e como os espaços são construídos para tolher os sentidos humanos. O autor mostra como a velocidade, intensificada pelas tecnologias de locomoção, transforma o espaço urbano em mero corredor que não provoca nenhum atrativo para quem nele passa, criando uma experiência narcótica e de apassivamento dos corpos. No caso de que tratamos aqui, o Cais Estelita, inserido num cenário narcótico desse tipo, torna-se apenas um borrão para os habitantes que transitam, impulsionados pela aceleração dos automóveis.

Atualmente, quando passo pelo Cais, frequentemente peço para reduzir a velocidade, só para ter mais um tempo para contemplar aquelas paredes, os grafites, as mensagens gravadas naqueles muros. Quando passo de ônibus, no viaduto por cima dele, possibilitando uma espécie de vista aérea, admiro os armazéns semidemolidos de açúcar. Depois de iniciar a pesquisa, descobri, que muitos dos meus interlocutores também tinham essa relação de vigilância e contemplação com o Cais hoje em dia. De alguma forma é como se aquele espaço tivesse brotado depois da ocupação, se transformando em muito mais do que somente um Cais, se configurando, como diz o próprio MOE, no

próprio Recife inteiro<sup>28</sup>. Motivada por essa curiosidade, incluí no meu roteiro de perguntas questões como a descrição do Cais a partir da memória, a representação individual dele e o que mudou na observação dessa passagem. A minha ideia inicial era contextualizar o espaço do Cais por meio desses retratos, e o que eu acabei descobrindo foi uma conexão muito mais pessoal e afetiva dessas pessoas que fizeram parte do movimento com aquele espaço.

Félix Guattari (2006) em seu livro *Caosmose*, propõe pensar o espaço e o corpo como fenômenos inseparáveis e intimamente conectados a constituição dos *modos de subjetivação*. Segundo o autor, nossa percepção do espaço atual pode ser modificada pelo que ele chama de componentes de subjetividade – que podem ser sociais, maquínicos ou estéticos. Assim, esses espaços construídos, quando reestruturados, afetam nossas percepções anteriores, destituindo nossos antigos lugares de referência e, ao mesmo tempo, criando outros por meio de um processo de desterritorialização, sensivelmente mais perceptível devido à velocidade das transformações atualmente. Fundamentado nisso, Guattari (2014: 157) indica que esses espaços possuem uma dimensão que transborda a dimensão física, visível e funcional, podendo interpelar nossa subjetividade constituindo tanto "um esmagamento uniformizador", quanto uma "re-singularização libertadora da subjetividade individual e coletiva".

Marcos, membro do DU, a partir do meu pedido de descrição da sua memória do Cais, especificou que no Cais Estelita existe um "dentro" e um "fora". Sobre o fora, ele retratou:

Lembrança do fora, dos vários ocupes, eu gosto das paredes. Pronto, uma coisa que eu acho massa, um dia que eu percebi, que eu fui lá não era dia de ocupe. Passei lá de bicicleta, parei, tava eu e uma amiga minha eu acho, indo pra Boa Viagem. Ai parou e ficamos lá fotografando a coisa das camadas, as camadas, dos grafites, dos vários ocupes. O pessoal pintava um em cima do outro, botava cartaz um em cima do outro. Quando eu fui olhar tava descascando, então tinha as camadas de lutas, digamos assim, desenhadas na parede. Eu fiz "nossa, isso aqui tinha que ser tombado só por ser a parede da expressão".

De fato, da parte externa, as paredes pichadas, grafitadas e a presença dos vários cartazes e lambe-lambes são o que mais são enfatizados nessas narrativas. A lembrança desses muros, como registro de todas as pessoas que ali passaram, vivenciaram e viveram

\_

<sup>&</sup>lt;sup>28</sup> O Movimento Ocupe Estelita utiliza a frase "O Recife inteiro é um grande Cais José Estelita".

aquela área. Vladimir, membro do MOE, respondeu à mesma pergunta de forma emocionada:

Eu lembro da minha enteada, eu lembro dela (pausa longa). Engraçado, eu tenho uma foto em casa que é de um Ocupe Estelita quando não tinha tido a ocupação ainda, que é a foto mais bonita de Mariah, tá ligado?

Tipo ela toda melada de tinta assim, porque ela tava pintando as paredes ali do lado de fora sabe? E olhava pra aquilo assim, de ver a menina de quem eu me sinto pai, podendo usufruir de ter uma vivência tão diferente da cidade, assim antes de ter a ocupação, e ver aquela imagem assim de Mariah melada de tinta e pichando (risadas) com a mãozinha dela, as paredes do Cais, colocando palavras do que ela sentia sabe? De qualquer forma e de pensar "isso tem que mudar", sabe?

Constantemente esses relatos descritivos do Cais eram acompanhados de alguma reflexão a respeito do processo que o Projeto Novo Recife representa, da apropriação desses grandes espaços públicos pelo capital imobiliário, da destinação do que deveriam ser áreas coletivas para o usufruto de uma pequena parcela da população, ou seja, da transformação das cidades em empresas a partir da implementação de um planejamento estratégico. Rogério, professor de história e membro do Ocupe Estelita, traz no seu discurso essa relação, aparentemente inseparável, entre o Cais e o processo de especulação imobiliária:

O Cais é uma área que primeiro que é lindo, é beira do rio, é conectada com todo Centro Histórico de Recife. Você tem ali na beirinha, na pontinha o Forte das Cinco Pontas, o local onde Frei Caneca foi executado. São José, próximo do Mercado São José. Rua das Calçadas, Pátio do Terço. É tudo conectado.

É, talvez o último espaço grande possível de ter uma área pública, um parque, moradia popular, bares, restaurantes, centro dinâmico, cultural, histórico e tá sendo atacado dessa forma pelo poder público, pelas empreiteiras e tudo mais. Então, de certa forma, tudo que a gente construiu lá me fez ter uma vivência maravilhosa, mas ao mesmo tempo me fez ter um sentimento de indignação que faz parte da minha memória afetiva, imensamente grande por não poder aproveitar mais aquele lugar como ele deveria ser aproveitado.

Vladimir, quando descreve a parte interna do Cais, também reflete sobre aquele espaço como a representação de algo maior, como talvez o início de uma cidade mais

humana, mais coletiva que possibilitasse uma convivência mais ética entre seus habitantes:

Ali dentro é um campo assim sabe, capins altos, os galpões. O Cais é imenso, cara. O Cais é imenso, sabe, e é foda pensar que aquilo ali vai virar qualquer uma coisa que é reproduzido que poderia ser reproduzido em qualquer lugar, qualquer outro lugar

O Cais ele tem a via férrea (risos) ele tinha vida né? Agora parece uma área desabitada, voltou a ser o que era antes ou pior.

E o Cais, velho, e o cais é plano, sabe? O Cais é plano, sabe? O Cais é uma grande área que poderia abrigar a semente de um novo modelo de cidade sabe? Que integre, que monte a paisagem sabe, que possa integrar a nossa história, o nosso patrimônio histórico, arquitetônico sabe. E integrar as populações marginalizadas, entendeu?

É perceptível que a dimensão simbólica do espaço do Cais extravasa a sua dimensão física e, além disso, existe uma conexão entre a imagem do Cais Estelita e os sonhos, anseios e reinvindicações de um direito à cidade. Um direito que David Harvey (2014) conceitua como um direito coletivo de pleitear algum poder configurador sobre as cidades, sobre a forma que elas são construídas e geridas. Além disso, o Cais emerge também nessas narrativas como um símbolo afetivo, constantemente referenciado pela beleza e imensidão. Talvez por isso ele seja também alvo da vigilância desses indivíduos, que durante a passagem, seja por cima, seja em frente, sempre é observado com uma certa nostalgia, um orgulho. Essas pessoas enxergam o cais para além da sua representação física, o vislumbram em toda a sua dimensão simbólica. Perguntei para Marcos, se ele sempre olha para o Cais José Estelita nas vezes em que passa:

Sempre olha não você passa quase cantando o hino nacional. Nossa, dá vontade assim, eu fico imaginando contando pras crianças, você velhinho "aqui eu levei um chibatada da polícia".

Quando eu voltava de Boa Viagem aí alguém fez essa descrição bem bonita assim da visada do Cais, que você passa, a ponte. E aí todo mundo para assim, aquela hora que você para no ônibus, se tiver lendo no ônibus, levanta e olha. E eu fiz "nossa, eu fazia isso", aí todo mundo "eu fazia isso", "eu fazia isso", "eu fazia isso".

Essa vista aérea foi algo que apareceu em todos os depoimentos, Rogério também se refere a ela e fala um pouco dessa dimensão afetiva desse contato passageiro com o Cais no cotidiano:

Mudou muito mais a questão afetiva. Justamente, eu olho com mais carinho, eu leio os desenhos, as pinturas, o grafite que tem lá. Que são, que foram produzidos pelos inúmeros, sei lá, anos que a gente tá naquela área. Então com certeza passo e olho diferente. Inclusive, quando passo por um viaduto que tem em cima, que vai levar pra Agamenon, ali perto do Fórum, que você tem uma vista aérea.

É como se você virasse vigia, todo mundo que tá lá é vigia.

No Reveillita<sup>29</sup>, o convite para a festa já anunciava "O Recife inteiro é um grande Cais José Estelita"<sup>30</sup>, sinalizando que "o Estelita tem força porque se tornou simbólico". Dessa forma, o MOE e o DU demonstravam o entendimento de que aquela área tinha transbordado sua dimensão física e funcional e agora representava a cidade inteira, nos anseios e nas esperanças. A partir da minha pergunta da utilização dessa frase pelo movimento, Rogério responde que:

Recife é um Cais José Estelita no sentido bom e no sentido ruim. No sentido ruim, é um grande Cais porque não é só aquela região que é degradada nesse momento pra ser entregue a preço de banana pra empreiteira.

Mas, ao mesmo tempo, a gente é um Cais José Estelita no sentido que Recife tem uma história de tradição de luta que não se resume a certos grupos.

Refletindo a respeito dessa dupla representação, levantada em várias situações pelos meus informantes, me recordo das expressões, sorrisos e orgulho discreto nas narrativas de meus interlocutores. Percebo que aquela área construída é muito menor do que o imaginário dessas pessoas para o que cabe no Cais. Recordo da ligação direta, afetiva e emocional, apontada também por eles, entre o futuro do Estelita e o amanhã pensado e planejado para cidade. Vladimir, membro do MOE, a partir da sua vivência da ocupação, tenta traduzir as expectativas nascidas junto com a ocupação do Cais Estelita:

Isso era a base de milhares de pessoas do Recife que acreditavam num outro modelo de cidade, ali eu acho que foi um ato muito importante pra sociedade civil recifense, nessa questão do direito à cidade mesmo,

<sup>30</sup> A frase foi utilizada pelo MOE em várias ocasiões durante a ocupação e protestos. Vladimir, me relatou que ela havia sido retirada de uma música tipo funk criada pelo movimento e que dizia assim: "Prédio, Prédio/ sobre palafita/ o Recife inteiro é/ um grande Cais José Estelita".

43

<sup>&</sup>lt;sup>29</sup> Réveillon comunitário organizado pelo Movimento Ocupe Estelita e o grupo Direitos Urbanos realizado na área externa do Cais José Estelita. Após o surgimento do evento, há uma nova movimentação da causa, a partir de informes sobre a área (divulgados no evento do Facebook) e da convocação da população para novamente ocupar o Cais. Trecho extraído de uma publicação na página do Facebook do Reveillita no dia 30 de dezembro de 2017.

uma certa expressão de "basta", sabe? Uma certa expressão de que "a gente já viu coisa demais, vocês fazerem coisa demais", a gente precisa se posicionar sobre isso agora. Eu acho que muita gente encontrou ali a possibilidade de manifestar a indignação, o sentimento de injustiça contra o capital imobiliário, contra vê o que a sua cidade tava se transformando por conta do interesse do capital imobiliário, de poucas empresas

A gente pensava a cidade a partir do que poderia ser o Cais, entendeu? Porque tu sabe, né, como é o Cais? O Cais é como se fosse uma muralha que barra Boa Viagem<sup>31</sup>, prossiga pra ali, né?

O espaço construído físico e material do Cais José Estelita talvez atraia diversas demandas e anseios dos habitantes da capital pernambucana. É possível que para lá confluam as esperança e desejos represados da população, desejos que não encontram mais lugar nas representações políticas tradicionais e que precisam de novos modelos para escoar. Reinvindicações pela construção de uma cidade mais inclusiva e mais participativa, onde proliferem locais de encontro, espaços abertos.

Janice Caiafa (2013) observa que os espaços construídos da cidade vão determinar o tipo de ocupação que vai ocorrer em cada um deles, além do que, a percepção desses espaços é complexa e mobiliza todos os nossos sentidos. De alguma forma, esses lugares possuem uma força experiencial que é capaz de "evocar outras experiências e criar e modificar afetos" (p. 75). Essa experiência pode ser produzida de forma criadora se nos relacionarmos com os outros que nos confrontamos na nossa convivência citadina diária de forma ética. A experiência constituída no Cais Estelita por esses indivíduos que fizeram parte, de alguma forma, do movimento, teve a capacidade de catalisar e impulsionar afetos, fazendo emergir no Cais uma representação do que poderia ser essa experiência criadora na metrópole.

### 1.3 Exterioridade do Estado

Para Deleuze e Guattari (2012), no horizonte de exterioridade do Estado pode emergir uma potência de máquina de guerra. A máquina de guerra, fundamentam os autores, seria uma invenção nômade, e o espaço nômade seria liso, assinalado por "traços"

-

<sup>&</sup>lt;sup>31</sup> Boa Viagem representa o modelo de cidade pensado para uma classe favorecida e para os altos edificios, além de orientada para o automóvel. Boa Viagem, na cidade de Recife é o exemplo máximo do que a especulação imobiliária e a verticalização podem trazer para cidade. Neste caso, o interlocutor utiliza o bairro como metáfora para todo um planejamento de cidade que a implementação do projeto Novo Recife representa.

que se dissipam e desaparecem com a trajetória. O nômade seria o "desterritorializado por excelência". Isto porque sua relação com a terra é diferente da do migrante, que se reterritorializa posteriormente, ou do sedentário, o qual tem sua relação com a terra sempre mediada, pois usualmente é o Estado que se encarrega de dividir e controlar a ocupação desse espaço. A relação nomádica com a terra é de desterritorialização, ele se "reterritorializa na própria desterritorialização" (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p.56).

A função da máquina de guerra, assim como dos peões do jogo go, seria de "inserção ou situação, como margear, cercar, arrebentar", e a ocupação do espaço é feita sem a necessidade de uma medição anterior ou uma indicação de quais espaços devem ser ocupados ou esvaziados, além de como e de que forma deve se dar essa ocupação. Além disso, cada vez que há algum tipo de operação contra o Estado, segundo os autores, seria a possibilidade de uma máquina de guerra ressuscitando, um novo potencial nomádico surgindo, uma perspectiva de reconstituir o espaço liso ou ocupá-lo como se ele fosse liso. Contudo, nem toda exterioridade ou espaço liso são necessariamente revolucionários, isso vai depender das suas interações, das condições de uso e da forma de seu exercício.

A partir dessas reflexões, a proposição é ponderar o Ocupe Estelita como algo exterior ao Estado, que possui um potencial de máquina de guerra, uma vez que ele emerge contra o Estado e é contrário a um processo estatal de planejamento e gestão das cidades como empresas e a apropriação do espaço público pelo capital imobiliário privado. A estratégia utilizada pelo movimento nessa guerra foi a ocupação do terreno do Cais José Estelita e a promoção constante de atividades educacionais e culturais com objetivo de revitalizar a área.

# 1.3.1 Ocupe Estelita: movimento e causa

A separação entre o *movimento* e a *causa* do Ocupe Estelita só ficou clara para mim depois de algum tempo de trabalho de campo. Em um primeiro momento, o MOE e o Grupo Direitos Urbanos (DU) pareciam para mim, interligados, sendo o primeiro uma espécie de derivação do segundo. Eu entendia que existia uma separação, apenas no sentido de que eram dois grupos diferentes, mas não enxergava essa separação como antagônica ou reveladora de contradições. Para mim, os dois grupos estavam unidos pela preservação do Cais, sendo difícil identificar, na realidade, onde começava um e terminava o outro. Foi numa entrevista com um membro do DU que comecei a entender

o que de fato se passava entre esses dois movimentos. Perguntei para Marcos sobre o início do Ocupe Estelita e falei do meu entendimento de um como derivado do outro. A resposta, no entanto, foi em outro sentido:

Existe uma disputa e uma confusão de terminologia. A gente fala o seguinte, uma saída conciliatória, que a gente usou uma vez no DU, foi dizer assim: o #ocupestelita é a causa, e o Movimento Ocupe Estelita é um grupo, e aí o Ocupe Estelita como causa começou com Direitos Urbanos

O guarda-chuva ser o Ocupe Estelita, a causa contra o Novo Recife, a favor do Cais e o Movimento Ocupe Estelita surgiu antes da ocupação de 2014

O nome, o movimento já tinha antes, mas essa estrutura que a gente chama o MOE, o Movimento Ocupe Estelita, surgiu com a ocupação

O Direitos Urbanos, como fiquei sabendo naquele dia, começou a se reunir contra um projeto de Lei Seca que queria proibir consumo de bebida alcoólica na rua, fechando os bares em determinado horário. Para Recife, a boemia e o lazer noturno são concentrados nas ruas, criando ambientes como a Rua Mamede Simões que abriga uma série de bares que colocam suas mesas na rua, produzindo um ambiente onde os intelectuais se encontram com os artistas, músicos, estando todos eles em constante atrito com a realidade da capital pernambucana, sendo abordados por moradores de rua que pedem dinheiro, um gole de cerveja ou um cigarro "emprestado". Esse projeto de lei, portanto, afetava diretamente a vida cultural e boêmia da cidade. Segundo Marcos:

Teve um discurso muito forte da questão do espaço público nessa oposição. Claro que a gente quer beber na rua, mas teve uma racionalização do discurso muito em relação a questão da sociabilidade, do papel dos espaços públicos, isso é uma lei higienista, falou-se muito nisso. Que era uma coisa que proibia o pobre de beber, mas não o rico de beber no bar. Então, tinha muito uma pegada que ia dar no discurso que a gente foi fazer depois

O caso foi bem-sucedido, conseguindo barrar o Projeto de Lei em uma semana e fazendo o grupo crescer rapidamente, saindo de oitocentos para mais de mil membros em poucos dias. A partir daí, com a apresentação do Projeto Novo Recife, o DU, inspirado em movimentos como o *Ocuppy Wall Street*, se organizou para a realização dos primeiros "ocupes" na área externa do Cais José Estelita. Para Marcos, o Estelita foi a primeira causa do Direitos Urbanos e a necessidade de separação entre os dois movimentos iniciou-

se na ocupação a partir de algumas divergências, principalmente em relação aos métodos utilizados:

Uma certa rejeição do método da internet, a questão mais da assembleia, uns métodos mais horizontalistas. E aí começou a criar uma divergência, teve uma época de conflito, mas teve, depois, convergências, mas identidades diferentes. Acabou sendo dois movimentos depois de 2014.

Vladimir, membro do MOE e participante da ocupação também fala desse conflito divergente entre os dois grupos:

O pessoal da ocupação que eu vou chamar de MOE, certo? É... divergia muito com o olhar de certas, uma parte do Direitos Urbanos.

O DU organizou alguns "ocupes" na área externa do Cais antes da ocupação propriamente dita ter início, foram a partir desses eventos que vários futuros membros da ocupação conheceram e se integraram a causa do Ocupe Estelita. Esses episódios de ocupação eram auto-organizados, e a produção era mínima e feita pelos próprios integrantes do grupo. Um desses "ocupes" estava sendo organizando para meados de maio/junho de 2014, mas precisou ser postergado devido a uma das maiores greves da Polícia que o Estado já viu. Com esse adiamento, este evento acabou sendo o primeiro realizado dentro da ocupação. No dia 21 de maio, um membro do Direitos Urbanos passa de madrugada pelo Cais e percebe as máquinas prontas para iniciar a demolição dos armazéns. Por meio da rede já formada no Facebook, a notícia rapidamente se espalha, catalisando a ocupação.

Os primeiros dias da ocupação foram os mais tensos, narram meus interlocutores, foram momentos de negociação e de concessão para garantir a continuidade da ocupação e a segurança das pessoas que já estavam acampadas por lá. Marcos conta que foi uma das primeiras pessoas a entrar no Cais neste dia:

E no dia da ocupação mesmo, na noite, eu entrei no terreno, por exemplo, fui um dos primeiros a entrar, mas eu saí porque eu sabia que tinha que ir pra casa, não posso virar a noite, porque eu sei que amanhã de manhã vai ter a batalha de comunicação. Então tem que tá no Facebook, ligando pra todo mundo, articulando todo mundo, fazendo o texto que vai mandar pro Ministério Público

Três dias de briga intensa, com risco muito grande. E teve muito momento de decisão tensa, e isso foi criando conflito

Táticas da gente pra conseguir manter, passar do primeiro dia, que foi uma luta. O primeiro dia com o choque, o Batalhão de Choque cercando, as tropas especiais cercando tudo já foi tenso. Com as empreiteiras, IPHAN e tal. Terceiro dia teve a negociação com o Ministério Público com todos os atores: Polícia Militar, Polícia Federal, Ministério Público Federal, tudo. Então foi bem complicado, foram três dias bem tensos até acertar.

Nem todos os membros da ocupação chegaram no primeiro dia, alguns foram se juntando com o passar do tempo, depois de acompanhar as audiências presenciais que aconteciam todos os dias no Cais Estelita e/ou as notícias divulgadas diariamente na página do Facebook do movimento. Foi o caso de Vladimir, que integrou a ocupação algum tempo depois, curiosa a respeito da sua motivação de passar de expectador para participante ativo, perguntei o que levou ele a tomar essa atitude de "vou botar minha barraca aqui", e ele me respondeu:

Somar força, né? Somar força, fazer do corpo um instrumento político, né? Ocupação é basicamente isso, se utilizar do próprio corpo como força, né? A presença né,? E fortalecer e derrotar essa lógica mercadológica que se instala sobre uma cidade que eu escolhi pra viver, né? Foi uma escolha, né<sup>32</sup>?

Vladimir também relatou como era feita a entrada na ocupação, já que havia polícia cercando todo o terreno e impedindo a entrada pela avenida Engenheiro José Estelita, um dos momentos, inclusive, mais marcantes para ele de toda a vivência experimentada no Cais:

Chegar pela primeira vez na ocupação, entrar pela janela do muro escondido, porque os caras tavam fechando a viatura, eles impediam a gente de entrar pelo portão, pelo lado da avenida mesmo. Aí a gente entrava ali por uma janelinha.

Outro momento extremamente marcante que perpassa a memória de todos os interlocutores entrevistados foi o primeiro evento da ocupação, realizado no dia 1° de junho de 2014. O cartaz utilizado para divulgação (Figura 1) apresenta uma reunião de

\_

<sup>&</sup>lt;sup>32</sup> Vladimir nasceu em outro estado e me contou que a principal motivação da saída da cidade foram questões relacionadas ao que ele iria vivenciar em Recife, como a opressão do espaço e o domínio das cidades por um capital imobiliário.

várias pequenas pessoas formando uma só e essa, por sua vez, parece derrotar o que aparentemente representa uma pessoa formada de jornais. O vencedor carrega em sua mão uma bandeira com a frase "eu ocupo Estelita" (o símbolo do Google Maps que demarca um local de interesse é utilizado pelo MOE como marca do movimento, expressando o sentido da necessidade de ocupação atualizado à dinâmica contemporânea das redes). A mensagem que o movimento queria transmitir, provavelmente, era a da batalha de comunicação que se estendeu durante todo o período em que o Cais esteve ocupado. A mídia tradicional pernambucana, no primeiro momento, se recusava a divulgar qualquer tipo de informação sobre a ocupação. Esse bloqueio só conseguiu ser superado após a ampla adesão de atores, músicos e artistas nacionais.



Figura 1. Cartaz de divulgação do Ocupe+2. Fonte: Facebook #MovimentoOcupeEstelita

O Ocupe+2 <sup>33</sup>contou com a presença de cantores pernambucanos como Karina Buhr, Siba e Lia de Itamaracá. Com a estrutura do Som na Rural, foi o primeiro ocupe realizado dentro dos muros dos Cais. A adesão e o apoio da população surpreenderam até quem estava à frente da causa desde o princípio. Tanto Marcos, membro do DU, quanto

-

<sup>&</sup>lt;sup>33</sup> O "+2" é uma ferramenta utilizada pelo Ocupe Estelita para demonstrar o número do evento que está sendo realizado.

Vladimir, membro do MOE, me descreveram esse momento quando questionados sobre a lembrança que mais se destaca nessa vivência da ocupação:

Nesse dia 1° de junho, mega cheio de gente, a gente calculou 10 mil pessoas, sei lá. Gente, gente, gente. Tinha uma cena, eu me lembro de ter parado, uma cena depois da cozinha que era o final do acampamento, olhar pros trilhos, gente sumindo. Porque o negócio ia 1km pra frente ainda e sumindo gente de vista. Gente em cima dos vagões, gente em cima dos tonéis. Eu fiz "nossa, cara, assim, não pode ser, toda literatura diz que não pode ser um parque sabe? Tipo a gente defendeu que não pode ser um parque, mas tem que ser um parque<sup>34</sup>"

Primeiro evento que foi com shows e tudo, que acho que deu, caralho, 14 mil pessoas por lá circulando. Parecia um formigueiro aquilo sabe? As pessoas nunca tinham visto aquilo por dentro sabe? Havia uma curiosidade<sup>35</sup>

Provavelmente a oportunidade de vivenciar aquele espaço pela primeira vez tenha sido uma grande motivação para boa parte das pessoas que compareceram a esse evento. Lembro-me desse evento como um grande acontecimento na cidade, todos os meus amigos e conhecidos estavam lá, muita gente que nem conhecia de fato o movimento, mas havia uma curiosidade em relação àquele espaço, ao que estava por trás daqueles muros. Vladimir, membro do MOE e participante da ocupação, tenta descrever o dia a dia no Cais:

Cara, a ocupação ela era uma multiplicidade de agentes imenso, assim, sabe? Era diversa, muito diversa. Você encontrava lá desde o pessoal universitário, até mesmo meninos, assim, criança, adolescentes que moravam ali debaixo do Viaduto do Capitão Temudo

Ocupe Estelita, ele teve um protagonismo muito grande de mulheres, cis e trans, sabe? Pessoas LGBT, sabe? Tinham um grande protagonismo lá dentro, e também tinha gente, como por exemplo o pessoal do Sintraci, que é o Sindicato dos Trabalhadores Informais. O sindicato organizado dos trabalhadores, de ambulantes de rua que se juntaram, bem organizados. Também tinha artista plástico, gente diversa e de diversas classes mesmo.

Mas o dia a dia, poxa, acabou se estabelecendo inclusive uma comunidade sabe. A gente tinha uma área residencial, de barracas né, uma área de convivência; reuniões, acho que umas duas vezes por dia; grupos, coletivos assim temáticos voltados pra tarefas, pra divisão de trabalho lá, pra cuidar do espaço, pra viabilizar a ocupação, a permanência ali e pra realizar eventos, pra cozinha, pra banheiro...

\_\_\_

<sup>&</sup>lt;sup>34</sup> Fala de Marcos em entrevista realizada no dia 6 de fevereiro de 2018.

<sup>&</sup>lt;sup>35</sup> Fala de Vladimir em entrevista realizada no dia 21 de fevereiro de 2018.

A questão da diversidade da ocupação e de um certo protagonismo feminino aparece também em outras falas. A justificativa, para alguns interlocutores seria devido ao fato da luta do Ocupe Estelita ser uma luta por um modelo de cidade mais inclusiva e, portanto, não faria sentido de que em seu corpo político ela também não apresentasse uma diversidade de atores políticos. Mariana, professora da UFPE, comenta sobre isso:

As pessoas que passaram a ocupar de uma forma mais combativa eram muito variadas, mas via de regra elas tinham alguma forma de desqualificação social. Especialmente, no meu entendimento, mulheres, gays e lésbicas e trans, foi um traço muito forte do ponto de vista do período da ocupação do Ocupe Estelita. E eu acho que uma das razões disso é porque o direito à cidade é o direito a existir sem ser objeto de violência. Então, houve uma espécie de convergência, uma compreensão de que a disputa por um espaço na cidade era também a disputa por um espaço nessa sociedade que é uma sociedade preconceituosa e violenta.

Provavelmente devido à tamanha diversidade, a ocupação em si não era unitária, a formação do próprio MOE como movimento separado da causa catalisada pelos Direitos Urbanos é um exemplo disso. O que os interlocutores contam é que começou a existir uma noção de pertencimento que deslegitimava a posição política de quem era considerado "de fora" da ocupação, ou seja, quem não estava acampado e não dormia no Cais. Mas essas opiniões e divisões também eram flutuantes, essas categorizações "de dentro" e "de fora" acabavam, na prática, coincidindo com uma visão política específica da maioria que estava acampada, que tinha uma visão mais autonomista — no sentido de acreditar numa construção política descolada do Estado, autônoma —, por vezes até anarquista, e que acabava descreditando outras ferramentas de luta ou negociação, como a jurídica, por exemplo. Vladimir, apesar de não concordar com essa separação, narrou um pouco de como funcionavam as questões políticas no acampamento:

O que acabou, eu acho, acontecendo, o que acontece com os grupos humanos né? Uma certa questão de pertencimento, sabe? Quem tava lá dentro tinha uma grande preponderância de pessoas ligadas a uma visão libertária, autonomista ou mesmo anarquista a respeito, que politicamente se encaixaria nesse espectros

A ocupação era o cerne da questão política, da mobilização política do Estelita. O que é real, assim, se não existisse a ocupação a obra não teria sido interrompida, a demolição não teria sido interrompida. E a ocupação era o que impedia as construtoras continuarem naquilo, mas o movimento, as vitórias, derrotas enfim, do movimento nunca se deram apenas naquele local. Então tinha essas pessoas que não tavam lá.

Também, ao mesmo tempo, e é engraçado porque, tipo, essa questão do dentro e do fora, ela começou a se flexibilizar também. Primeiro partiu assim de quem tava lá presente, ocupando e tal, mas ao mesmo tempo, depois começou também a agregar gente que não tava presente dessa forma, mas coincidia também com a visão política dessas pessoas, hegemônica.

Que ninguém nunca taria ali se não fosse a contribuição de muitas outras pessoas que eram julgadas de fora, entendeu? Que foram as pessoas que tiveram a frente da organização dos Ocupes Estelitas anteriores e que trouxeram a atenção da cidade pra questão do Cais José Estelita.

Marcos, que teve uma vivência híbrida da ocupação – isto é, não dormia no acampamento, portanto não era considerado "de dentro", mas teve atuação política extremamente presente nas frentes jurídicas e comunicacionais – traduz bem essa questão de que o corpo político do Ocupe Estelita não se encerrava naquelas pessoas que tomaram a decisão de "colocar sua barraca" ali, havia toda uma população que, por diversos motivos, não podia estar presente fisicamente, mas cumpria um papel extremamente importante para a causa. Existiam professores que divulgavam a causa em sala de aula, atuando de forma mais capilar e rompendo de alguma maneira com a censura imposta pela mídia recifense, pessoas que doavam mantimento, comidas. Os artistas e produtores culturais que viabilizaram os eventos no Cais Estelita, fazendo com o que o movimento ganhasse visibilidade na imprensa nacional e internacional. Comunicadores que, se aproveitando da Copa do Mundo e da presença de uma mídia internacional na cidade, conseguiram tornar o movimento uma causa nacional.

Do meu ponto de vista esses conflitos de quem tava fora, aspas, e quem tava dentro permanentemente, que na prática dizia que era uma coisa só, ou seja, a rede que transformava aquilo numa presença nacional, não se esgotava em quem tava dentro, mas foi criando uma série de problemas disso daí

Deleuze e Guattari (2011) em *Mil Platôs vol. 1* discorrem sobre o conceito de *rizoma*, que seria um tipo de raiz aérea e flexível que possui capilares se estendendo em várias direções. O conceito, frequentemente utilizado para pensar as redes sociais e os movimentos que utilizam essas redes como ferramentas, não é necessariamente pressuposto de multiplicidade. Como afirmam os autores, "não basta dizer Viva o múltiplo", pois a multiplicidade precisa ser construída. Isto porque ele também possui em si mesmo a capacidade de gerar cristalizações, calcificações, isto é, transmutar-se em um

sistema arborescente (enraizado e verticalizado). Esses dois sistemas, o rizomático e o arborescente, devem ser considerados não como antípodas ou pares de oposição, mas como em ininterrupto movimento e transformação. Deleuze e Guattari (2011) dissertam, ainda, sobre 1° e 2° Princípios de conexão e heterogeneidade, os quais afirmam que qualquer ponto do rizoma pode e deve estar conectado a qualquer outro, além de representar não apenas signos diferentes, mas também estatutos de coisas diversas. Poderíamos, assim, sugerir que o Ocupe Estelita se movimentou por meio de um rizoma, por meio de redes e de capilaridades, não cessando de "conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais", sinalizando essa multiplicidade de frentes de atuação assumida pelo MOE durante o período da ocupação.

Outro episódio marcante da ocupação foi o da reintegração de posse, que era uma ameaça constante e, por isso, uma grande preocupação da frente que atuava juridicamente. Na madrugada do dia 17 de junho – dia de jogo do Brasil na Copa do Mundo – o que era apenas um rumor tornou-se real. Apesar de não estar presente nesse momento, lembro bem desse dia e da repercussão na mídia tradicional e nas redes sociais. Recordo que a avenida Engenheiro José Estelita, que passa em frente ao Cais, ficou fechada o dia inteiro devido ao confronto com a polícia. Na minha memória se destaca a solidariedade de profissionais de saúde oferecendo atendimento psicológico às pessoas que tivessem vivido aquela experiência brutal. Nas conversas com meus interlocutores, esse incidente veio à tona sem que eu precisasse perguntar.

Apesar da ocupação ter sobrevivido a esse episódio, perdurando na área externa do Cais, debaixo do Viaduto Capitão Temudo, de alguma forma, ela também terminou ali. A violência relatada por esses indivíduos não foi só física, consequência do gás lacrimogênio ou das balas de borracha, mas também simbólica, e conseguiu atingir os alicerces da ocupação. Cada qual teve uma vivência da ocupação diferente (alguns de forma híbrida, outros de forma constante ou mais militante), e cada qual narra a experiência de uma maneira específica, alguns de forma mais sentimental, outros de forma mais prática ou até irônica. No entanto, o que é transversal em todas essas narrativas é a violência desmedida utilizada pela polícia. Marcos, membro do DU, recorda do cenário impresso na memória durante a fuga da polícia:

Quando a gente correu da polícia, que começou a última pancadaria, eu passei no meio do gás lacrimogênio. Eu fiquei achando que era besteira,

passei por uma nuvem rala "ah, dá pra passar", só que cegou completamente. Eu no meio da pista, e aí alguém me salvou com vinagre, eu atravessei, me perdi do povo. Aí cheguei, sentei sozinho, já perdido do povo, no outro lado da ponte, de frente pra essa paisagem da avenida Boa Viagem, e tava o pôr do sol lindo, um negócio bem assim. Aí bati uma foto super linda, e a gente apanhando. E aí foi tipo isso "nossa, a gente tá aqui apanhando por causa dessa paisagem e tal"

Na memória de Vladimir, membro do MOE, a lembrança é mais passional:

Aí quando a gente tava naquela praça, né<sup>36</sup>, ali fazendo uma reunião né, todo mundo, a respeito de como prosseguir dali. Aí, a gente só tava fazendo uma reunião, todo mundo sentado sabe? De repente, eu escuto um barulho de uma coisa caindo, "pá!", e um "shhhhh", "bum!" "txum". Eu escuto um "tá", "pshhh", "pá", "shhh" e "tá" "tá" "tá". Tipo, a gente só tava reunido, velho. A gente tava fazendo uma assembleia, sabe? E do nada assim, tá ligado, como... eu acho que como, sei lá, velho. Eu acho que uns dez metros de mim, assim, sabe, começaram a cair bomba, tá ligado, gás lacrimogênio, sabe. E aí a gente correndo, a repressão da polícia foi totalmente desmedida, sabe. E de ver os caras rasgarem, uma imagem cara, vê... vê a polícia rasgando a imagem "a cidade é nossa. Ocupe-a"<sup>37</sup> sabe? Que a gente firmava assim visivelmente no acampamento, né.

E velho, aquilo foi um absurdo, foi um absurdo... foi um absurdo... Assim, cheguei, sangue nos olhos, eu me arrepio... Cara, chegar e ver as amizades que você cultivou e tavam lá na hora, saber que teve gente presa, sabe? Saber que, ver gente machucada, com marca de cassetete, borracha. Chegar e encontrar no meio de um monte de trapos de barracas, a minha, uma barraca que me acompanhou durante muitos momentos da minha vida, sabe, e que foi totalmente destruída assim pela PM, de graça. É... (suspiro) e também ao mesmo tempo fomentar a resiliência, né, porque a gente continuou acampado e a gente continuou acampado debaixo do Viaduto Temudo. E aí começaram uns tempos meio sombrios, até porque a gente, enfim, ali a gente ficou meio à mercê assim de.... (pausa) tinha gente que espionava a gente, sabe, tinha gente que... a gente era seguido, sabe.

Rogério, professor de história, que não ficou acampado, mas estava presente nesse dia, também cita o caso espontaneamente durante a nossa conversa:

Durante a Copa do Mundo, né, aproveitaram pra fazer a desapropriação. Eu tava lá naquela cena de guerra mesmo, de violência. Foi uma coisa que eu nunca tinha visto, uma reação tão violenta, escondida pela Copa, né. Porque a Copa desviava a atenção. E assim, foi cena de guerra. Eu

<sup>37</sup> Faixa utilizada pelo movimento em todos os protestos de rua e que se tornou um símbolo das reivindicações do MOE representava.

<sup>&</sup>lt;sup>36</sup> Praça Abelardo Rijo, na área externa do Cais José Estelita, embaixo do Viaduto do Capitão Temudo, onde a ocupação permaneceu depois do episódio de reintegração de posse.

vi policial dando tiro de borracha em gente caída no chão a três metros de distância. Dois, três metros. E deixa de ser armamento de baixa letalidade, porque não existe arma não letal, existe arma de baixa letalidade, mas vira uma arma letal, né.

Algumas semanas depois, durante um "ocupe" realizado já na área externa do Cais, com a presença de fíguras como Criolo e Lirinha (na época em carreira solo, mas atualmente vocalista da banda Cordel do Fogo Encantado), o MOE, em momento tão frágil, recorre a traços que compõem a identidade pernambucana e a um imaginário de persistência e combate constituído a partir da Revolução Pernambucana de 1817, que estabeleceu Pernambuco como a primeira província a tornar-se independente de Portugal. O Leão do Norte, que surge como símbolo máximo desse imaginário, é evocado na canção do compositor Lenine, quase um hino informal do estado, e tem sua ideia ampliada para contemplar a diversidade cultural pernambucana, afirmando-se: "coração do folclore nordestino". No momento de convocar a população para demonstrar seu apoio a um movimento recém-vítima dos excessos policiais, o Ocupe Estelita utiliza a representação desse felino, simbolizando esse histórico de resistência, luta e efervescência cultural, aliado a alguns elementos da bandeira de Pernambuco, como a cruz, o sol e a estrela (Figura 2).



Figura 2. Cartaz de divulgação. Fonte: Facebook #MovimentoOcupeEstelita.

Nesse evento, Criolo sobe ao palco cantando "doze torres no Cais, doze torres a mais/ erro das estatais, sangue rola no Cais", canção composta exclusivamente para o

\_

Apresentação disponível no Youtube, no endereço: https://www.youtube.com/watch?v=GQ8xl\_BGSWQ. Acesso no dia 28 de maio de 2018.

movimento. Lirinha, em sua apresentação, conta a história de Canudos e da "matadeira"<sup>39</sup>, metralhadora alemã contratada pelo governo brasileiro para resolver a situação no interior da Bahia, onde, em uma cidade, um grupo de pessoas se reuniram e formaram uma comunidade. Lira provoca "Canudos não se rendeu, vocês sabem disso?", e lembra que cem anos depois, essa comunidade ainda é lembrada. O cantor ainda completa "a história se repete e também se repete a população de Canudos", encerrando com a própria música "diz aí quem vem lá? O velho soldado/ o que traz no seu peito? A vida e a morte/ O que traz na cabeça? A matadeira/ E o que veio falar? Fogo!"<sup>40</sup>. O discurso de Lirinha continua ao longo da sua performance, agradecendo aos "guerreiros desse movimento" e reforçando que há coisas que não devemos esquecer, como a "resolução política há algumas semanas atrás aqui nesse espaço"<sup>41</sup> e reivindica "Memória! Memória! Memória".

Depois da reintegração, o movimento conseguiu se reorganizar de certa forma, insistindo com a ocupação por mais algum tempo, no entanto, sem a proteção dos muros do Cais, nesse momento. Muitos sem barracas, uma vez que várias foram destruídas durante a operação da polícia. A primeira noite foi de pouco sono e muita vigilância, ameaçados pelo rondar constante de viaturas. Refazer toda a estrutura que já estava erguida e organizada dentro do Cais – infraestrutura de cozinha, banheiro etc. mostrou-se uma missão quase impossível para aqueles que resistiram. A ação da polícia tornou a ocupação vulnerável, e aos poucos o número de pessoas começou a rarear sob constante ataques violentos que começaram a ocorrer logo após a reintegração de posse. Como lembrou Vladimir, a partir desse dia deu-se início a um período tenso e inseguro do Ocupe Estelita:

A ocupação acabou lá, porque tava perigoso demais, sabe? A gente acreditava que, assim, chegaram grupos de meninos das comunidades próximas, sabe. Inclusive iam com arma e com paus e tudo, pra chegar lá pra bater em quem tava lá. E tava começando a ficar muito perigoso até porque, tipo, com o tempo e ali fora sabe, começou a enxugar a ocupação. E a gente acreditava que esse grupo e essas ameaças que formaram não foi por questões pessoais de quem tava lá, nem nada assim. Foi gente incentivada pela ação de líderes comunitários

\_

<sup>&</sup>lt;sup>39</sup> Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4NS0t7pz9MQ&t=155s. Acesso no dia 28 de maio de 2018.

<sup>&</sup>lt;sup>40</sup> Música "Matadeira", de Cordel do Fogo Encantado, disponível em: https://www.letras.mus.br/cordel-do-fogo-encantado/81573/. Acesso no dia 30 de maio de 2018.

<sup>&</sup>lt;sup>41</sup> Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mNm6ZLSDXOw&t=193s. Acesso no dia 28 de maio de 2018.

cooptados da região ali e que tavam realmente fazendo serviços pro consórcio.

Após o final oficial da ocupação, o movimento continuou realizando algumas ações, sempre atento ao caminhar do processo no Judiciário. Houve ainda algumas manifestações em outras áreas da capital também esquecidas ou desocupadas. O Ocupe Estelita tentou se espalhar para todo o Recife, incentivando a ocupação de espaços ociosos e promovendo o diálogo a respeito de um modelo de cidade mais humana e inclusiva. Em 2015, uma nova ocupação, dessa vez na casa do Prefeito em exercício, Geraldo Júlio, após a votação, em pauta-extra do Plano Específico do Cais José Estelita, Santa Rita e Cabanga, que autorizava a construção do Projeto Novo Recife. A pauta, aprovada em uma votação a portas fechadas e onde vereadores foram impedidos de argumentar contra, foi sancionada no mesmo dia pelo prefeito, que estava em São Paulo. Apesar de pouco atuante, ou aparentemente disperso, o Ocupe Estelita demonstrou em várias ocasiões estar bastante atendo ao andamento dos processos em relação ao Cais Estelita. Acompanho tanto o movimento, quanto a página do Direitos Urbanos no Facebook, e sempre que há alguma alteração ou possível ameaça à situação atual do Cais, o assunto é levantado e debatido pelos membros. Em 16 de novembro de 2017, anoto em meu caderno de campo:

Enquanto me preparo para escrever o que seria o primeiro esboço de um texto etnográfico, recebo a notícia de que a decisão dada pelo TRF, que declarava nulo o leilão do Cais José Estelita, foi revogada por unanimidade. Fico pensando nas reviravoltas constantes que é pesquisar um objeto da contemporaneidade e que está o tempo todo em constante processo de modificação e negociação. Enquanto recifenses debatem na página dos Direitos Urbanos do Facebook sobre uma possível derrota, alguns líderes se manifestam para acalmar os nervos, afirmando que "ainda existe um frágil embargo do IPHAN segurando". As notícias veiculadas pelas grandes mídias pernambucanas são muito confusas e cheias de termos técnicos jurídicos, me questiono se isso é feito como mais uma ferramenta para afastar a população de mais esse poder de decisão, ou até da mais elementar possibilidade de dissenso.

De fato, qualquer tipo de vitória ainda é muito frágil diante do poder do capital. Essa decisão judicial, de 2015, que considerava nulo o leilão de 2008 do Cais José Estelita, foi suspensa pouco tempo depois de ser proferida. Agora, depois de quase dois anos, o Tribunal Regional Federal da 5° Região decreta, por unanimidade, que não encontrou motivos legais para impedir a construção do empreendimento. Em paralelo, o IPHAN se posiciona pelo não tombamento da área. O Estelita novamente pende entre as

ambições do capital imobiliário e o desejo da população por uma cidade mais coletiva. Essa decisão, funciona como um despertar para o Ocupe Estelita, que parece se (re)organizar, por meio de assembleias e reuniões, para planejar os próximos passos dessa batalha que se arrasta por quase dez anos e parece estar longe de um fim.

# 1.4 Ocupe Estelita+5

Em 21 de maio de 2017 o Ocupe Estelita organizou um evento em comemoração aos cinco anos do surgimento da causa. Esse ocupe foi realizado em clima de festa e eu, uma pesquisadora iniciante muito nervosa e um pouco envergonhada, comecei minhas entrevistas e observação participante. Do tema do evento "Que lutas cabem no Cais?", até de alguns discursos de meus interlocutores surgiram as principais questões que me guiaram no período de pesquisa. Percebi na descrição do evento do Facebook e nas falas da roda de conversas que aconteceu no dia, um certo discurso de vitória por parte do movimento. Como se a não construção das torres representasse alguma espécie de conquista definitiva sobre o consórcio Novo Recife, que representa esse capital imobiliário predador. Chico Ludermir, uma das figuras reconhecidas como liderança do MOE, abriu sua fala com um trecho da obra de Didi-Huberman (2011) *A sobrevivência dos vagalumes*, afirmando ser necessário brilhar apesar da luz que pode nos ofuscar.

Aquela fala e especificamente esse trecho, me dizia um pouco sobre a imagem do movimento: primeiro, que era um movimento que tinha nas suas principais lideranças figuras acadêmicas e professores da UFPE e da UFRPE; e, ainda, que a representação do Ocupe Estelita era enxergada como a luz do vagalume, como um lampejo de esperança. Como a imagem formada pelos vagalumes, o movimento era um corpo coletivo que, quando visto de perto, era formado por vários corpos, atores políticos que lutavam para se fazerem visíveis apesar da infinidade de luzes artificiais da cidade. Uma alusão a este ponto apareceu depois em uma das entrevistas que realizei com Mariana, professora da UFPE. A professora explicou a dinâmica do Estelita como uma atuação em frentes variadas, como a comunicacional, a jurídica e esse corpo coletivo da ocupação:

De um lado, a resistência no Estelita como corpo mesmo, que é um corpo que se expõe, se expõe à violência, se expõe à detratação midiática. E na outra, por outro lado também, outras formas de lutas associadas à mobilização dos meios de comunicação, a tentativa de construção de uma outra narrativa sobre o Cais e a luta no campo

jurídico, que foi muito importante, e no final das contas tinha uma série de urbanistas insatisfeitos no Recife.

Existia nessa mensagem e na narrativa que o movimento como um todo buscava produzir um discurso do Cais como símbolo de uma luta que contempla toda a cidade. Na descrição do evento, o MOE indaga "que lutas cabem no Cais? Quais são as resistências possíveis? Quais são as táticas necessárias?", e mais adiante completa: "se hoje nenhum prédio está erguido no terreno, sabemos que é fruto da participação de cada uma"<sup>42</sup>, estabelecendo, dessa forma, uma ligação direta entre a não implementação do Projeto Novo Recife e a resistência do Estelita. Porém, ainda que com um enunciado oficial de vitória, a conversa com alguns integrantes demonstra uma certa insegurança a respeito da firmeza dessa conquista. Marcos, por exemplo, é mais cauteloso a respeito desse assunto:

Por um lado, pontualmente tem, eu acho que existe uma vitória assim no atraso, no acabar com esse cronograma e tal

Ele é um símbolo, um sintoma, mas é isso, você não ganha só no sintoma, entendeu?

Não tá perdido, não tá nem a pau ganho. Se quiser ganhar tem que mudar o patamar pra isso e atacar, começar a atacar as causas.

O que se destacou nesse quesito foi a dualidade e a dificuldade de afirmar com certeza algum tipo de êxito definitivo. Talvez porque qualquer decisão ainda é muito frágil diante do poder do capital, principalmente o imobiliário, talvez porque ainda seja muito cedo para declarar qualquer vitória ou derrota. Ou talvez seja precipitado demais a afirmação de que essa conquista se deu só devido à ação do Ocupe Estelita. É inegável, e isso é confirmado pelos interlocutores, a mudança que este movimento social urbano incidiu sobre Recife, ele pautou toda uma discussão sobre direito à cidade e sobre urbanização, afetou e transformou as subjetividades de várias pessoas envolvidas, abriu a discussão sobre aquela área do Cais José Estelita e a destinação de áreas públicas como um todo. Atualmente, qualquer candidato a prefeito da capital e/ou governador, para ser eleito, tem que incluir em sua proposta a discussão e a sua posição em relação ao Estelita. Ou, nas palavras de Vladimir:

\_

<sup>&</sup>lt;sup>42</sup> Descrição do evento do Ocupe Estelita+5. Acesso em: 4 de junho de 2017.

Ao mesmo tempo, de certa forma, a gente conquistou um objetivo da gente, a gente conseguiu barrar o Novo Recife, né. Claro que não foi só a gente, não pode colocar só a gente como agente, como único agente responsável por isso. Porque ao mesmo tempo começou a rolar a Lava Jato, né? E a Queiroz Galvão tava envolvida, a Moura Dubeux ao mesmo tempo começou a entrar numa crise empresarial. Enfim, o Novo Recife ainda não tá lá, né, mas ao mesmo tempo, vale ressaltar, sabe, o Ocupe Estelita também. Ele passou por um processo de mudança que foi de barrar o Novo Recife, sabe, pautou a discussão de um modelo da cidade pra toda a cidade, fez isso permear o cotidiano dessas pessoas e discutiu também a finalidade daquela área, né

Essa fala de Vladimir, membro do MOE, faz emergir outra questão: o Movimento Ocupe Estelita *foi* ou ainda *é*? Ele ainda existe como movimento social urbano ou devemos nos referir a ele no passado? Ele está adormecido e pode ser despertado caso ocorra alguma ameaça ao terreno do Cais? Ou ele teve seu auge e agora sobrevive apenas nas reminiscências? De fato, esta é uma questão que venho me deparando constantemente ao longo da pesquisa e para qual uma resposta só talvez seja insuficiente.

David Harvey (2014) propõe pensar o que ele vai chamar de movimentos sociais urbanos como uma consequência do avanço do capitalismo e da mudança na forma de se fazer política. Na passagem da modernidade para pós-modernidade<sup>43</sup> ou da sociedade disciplinar para a sociedade de controle, nos termos foucaultianos e deleuzianos, respectivamente, há uma alteração não só na forma de exercício do poder (do disciplinar para o controle por meio da constante observação), mas também na forma de se planejar as cidades e na forma de atuar socialmente dentro delas. Saindo do modelo da fábrica taylorista baseado na Carta de Atenas e que tem seu exemplo máximo na cidade de Brasília e a movimentação social relacionada aos sindicatos, entramos no modelo da empresa, do planejamento estratégico baseado na imagem e dos movimentos sociais urbanos e digitais, que se utilizam da ocupação como ferramenta e método e apoiam-se na internet para a reunião, organização e convocação.

Janice Caiafa (2016), em seu texto *Notas sobre a cidade-espetáculo*, vai analisar essa passagem e a mudança de empreendimento do poder, que contemporaneamente é exercido em rede, estabelecendo estratégias de dominação baseadas na dispersão, que atuem em múltiplas dimensões, constituindo circuitos flexíveis de grande penetração. Ou

<sup>&</sup>lt;sup>43</sup> Compreendemos a complexidade e a polêmica em torno desse conceito, não entendemos o contemporâneo como uma ruptura total com o modelo anterior da modernidade, e sim como algo apresenta rupturas e continuidades em relação ao período precedente, porém, esse termo é utilizado pelo autor David

seja, atualmente, o capitalismo está cada vez mais molecular e disseminado, exigindo dos movimentos sociais uma movimentação também diferenciada. Essa característica dispersiva atinge essas formas de mobilização social, que agora são realizadas no espaço urbano, também como uma tentativa de resistir ao esvaziamento das ruas como um espaço da política e da cidadania, fazendo eles atuarem em uma multiplicidade de pautas (como movimentos LGBT, gentrificação, feminismo, moradia, criminalização dos pobres etc.).

Segundo David Harvey (2014), porém, esses movimentos sociais urbanos vão se reunir em torno de uma reivindicação pelo direito à cidade que emergiria nesse cenário como uma esperança, talvez uma forma de superar o isolamento imposto pelo neoliberalismo e transformar a metrópole em um corpo coletivo, reconfigurando a cidade de forma que ela consiga representar em sua imagem os anseios e desejos coletivos da população e não os dos poderes apoiados no capital financeiro.

Talvez, se pensarmos na relação causa *versus* movimento, o Ocupe Estelita ainda persista como causa e tenha encontrado seu fim como movimento. Mas ao mesmo tempo, ainda existe mobilização. Quando saiu a decisão do Tribunal Regional da 5° Região – a respeito do recurso do consórcio Novo Recife contra a decisão de nulidade do leilão – que decretou, por unanimidade, que não existiam motivos legais para impedir a construção do empreendimento, o movimento se reorganizou realizando reuniões e assembleias para decidir os próximos passos. Além disso, apesar de escassos, ainda existe a promoção de eventos na área externa do Cais (como o próprio OcupeEstelita+5 e o Reveillita). A contradição de respostas à pergunta "Para você o Ocupe Estelita *foi* ou *é* um movimento?" é sensivelmente notável, para Rogério, professor de história, por exemplo:

Ainda é, porque o símbolo que é o Cais ainda tá lá.

Mesmo quando diminui a quantidade de pessoas que tão lá, quando a ocupação não é física e tudo mais, tem um monte de gente que ainda tá lá, vigilante. Qualquer coisinha que a gente vê lá dentro tá todo mundo se comunicando e atuando. E inclusive a gente ainda organiza eventos. O movimento ainda existe, ele tá atuando de formas diferentes, mas não tenho nenhuma dúvida que se cair uma decisão judicial lá e forem começar... Ocupa de novo, entendeu? Então ainda existe.

Enquanto com Vladimir o diálogo ocorre da seguinte forma:

"Você acha que o Ocupe Estelita foi ou é?", eu pergunto.

"Acho que ele foi", Vladimir me responde, sem hesitação

"Acha que ele *foi*?", um pouco surpresa com a resposta rápida, novamente questiono.

"Acho que ele foi", a mesma resposta, ainda sem um traço de dúvida.

"Por que você acha que ele foi?", insisto na pergunta e recebo a seguinte resposta:

Porque cadê o Ocupe Estelita? Mas não, eu não vou devolver a pergunta. Não, eu acho que ele foi. Cara, eu acho que já ouviu falar do conceito de emergência? Eu acho que ele tem um "quê" disso, acho que a potência dele é, ele tem um potência emergente sabe? Mas vai depender do devir das coisas, entendeu? De como vai se dar as coisas daqui pra frente. Ele pode sim se tornar mais ativo, não existe um movimento totalmente, por exemplo, um grupo de pessoas organizado que discuta aquela questão, a questão do Cais José Estelita, promova ações sobre fatos relacionados ao Cais, entendeu?

Discutir e pesquisar sobre um objeto da contemporaneidade é também estar sujeito a essas questões que oscilam entre extremos ou permanecem suspensas, sem nenhuma resposta enfática. O mesmo acontece com a indagação sobre se seria possível afirmar que o MOE é capaz de construir uma ruptura de um processo de planejamento e gestão das cidades como empresas, que produz espaços excludentes, condomínios de luxo e esvazia do espaço urbano o exercício da cidadania e da política. Mesmo se aceitarmos que as transformações na contemporaneidade podem ser mais aceleradas, tentar identificar uma ruptura num intervalo de dez anos talvez seja tarefa difícil. Porém, acredito ser possível apontar, no contexto da experiência do MOE em Recife, potências de rupturas, talvez pequenas fissuras na forma de pensar e planejar essas cidades pensadas para usuários solventes, buscando apreender também alterações sensíveis na subjetividade desses atores políticos que podem apontar para novos caminhos e diferentes possibilidades de militâncias. É o que pretendo explorar no terceiro capítulo, após uma análise do processo de transformação das metrópoles em empresas, geridas para o capital privado transnacional e das contemporâneas formas de mobilização social derivadas dessa passagem para um novo modelo de sociedade que reflete na construção e planejamento das cidades.

# NÃO QUERO CAUS EU QUERO CAIS

#OCUPEESTELITA #RESISTEESTELITA

# 2. SOCIEDADE DE CONTROLE versus SOCIEDADE DISCIPLINAR

Em Monólogo ao pé do ouvido<sup>44</sup> Chico Science canta sobre a modernização do passado e, evocando símbolos reconhecidos de resistência como Zumbi, Zapata e Antônio Conselheiro, afirma: "o homem coletivo sente necessidade de lutar". O vocalista da Nação Zumbi, reconhecido como o expoente do movimento Manguebeat, cantava as mazelas sociais recifenses fazendo uma metáfora com o mangue. Science fundou um movimento social e cultural de crítica à urbanização da capital pernambucana olhando para periferia que convive cotidianamente com o lixo, a lama, as doenças e a miséria. Na música A cidade<sup>45</sup>, o compositor faz um retrato da Recife dos anos 1990: "a cidade se apresenta centro das ambições/ para mendigos ou ricos e outras armações". Contemporaneamente o cenário social da capital não mudou muito, além de ganhar algumas reformas higienistas, como a dos armazéns do Marco Zero e do aumento exponencial do trânsito, mas ainda se veem as mesmas palafitas convivendo com a lama e o lixo do retrato de Science. A grande diferença são seus novos e suntuosos vizinhos, como o centro comercial RioMar.

No artigo "Notas sobre a cidade-espetáculo" Janice Caiafa (2016) disserta sobre essa exacerbação do aspecto imagético das cidades e faz uma relação entre as transformações urbanas e as organizações midiáticas. Segundo a autora, os novos mecanismos de informação viabilizam um esvaziamento da presença física ao mesmo tempo que desenvolvem relações a distância. Citando como exemplo o cinema de rua que constrói "uma espectação entre desconhecidos num meio heterogêneo" (p.25) e, ao mesmo tempo, convoca as pessoas às ruas, Caiafa (2016) afirma que a televisão e o automóvel são fatores contrários ao espaço construído das cidades e estabelece uma conexão entre o espaço urbano e os fluxos midiáticos.

Partindo do conceito de "cidade-empreendimento", no qual as cidades são construídas e geridas como empresas que competem por investimentos internacionais, Caiafa (2016) propõe a ideia de "cidade-espetáculo", onde o investimento estaria concentrado no aspecto imagético da metrópole e não necessariamente incidiria na resolução das disparidades sociais provocadas por uma urbanização desigual.

Esse modelo cidade-empresa ou cidade-espetáculo está intimamente relacionado à forma como o capitalismo financeiro funciona e como o poder contemporâneo se

<sup>&</sup>lt;sup>44</sup> Disponível em: https://www.letras.mus.br/chico-science/173422/. Acesso no dia 3 de outubro de 2018.

<sup>&</sup>lt;sup>45</sup> Disponível em: https://www.letras.mus.br/chico-science/45205/. Acesso no dia 3 de outubro de 2018.

exerce. Michel Foucault (1979) em seu livro *Microfisica do poder* fala sobre dispositivos de poder e seus regimes de saber. Foucault (1979) verifica que as grandes máquinas de poder sempre foram acompanhadas de instrumentos de formação e acumulação do saber, ou seja, para que o poder possa ser exercido é necessário fazer circular aparelhos de saber. O autor propõe a análise da microfísica do poder, isto é, o estudo do poder onde ele produz ramificações e se torna capilar, além de onde é implantado e produz efeitos reais. Segundo o autor, o poder deve ser analisado como algo que circula e se exerce em rede.

Foucault (1979) relaciona o surgimento do capitalismo industrial ao poder empreendido nos grandes meios de confinamento, como o hospital e a cadeia. Essa nova mecânica do poder, que atinge seu apogeu no século XIX, está relacionada a um modelo de sociedade disciplinar. O poder disciplinar tem como modelo a fábrica e incide sobre os corpos por meio da vigilância constante que, uma vez internalizada, determina códigos de normatização.

Deleuze (2008), dá continuidade ao argumento de Foucault (1979) e analisa as sociedades de controle que emergem a partir da crise dos modelos de confinamento, utilizando um mecanismo de controle contínuo e uma comunicação instantânea. No contexto da sociedade de controle surge o capitalismo de sobreprodução, disperso, baseado na compra e venda de produtos acabados e na financeirização. A fábrica cede lugar à empresa na passagem da disciplina para o controle. É importante esclarecer que o próprio Foucault (1979) quando pensa a transição da soberania para disciplina admite que diferentes modelos de sociedade podem coexistir em um mesmo período histórico.

Enquanto a fábrica concebe os indivíduos como um só corpo, uma massa facilmente vigiável, cuja soma deveria produzir mais do que as partes separadas, a empresa estimula a rivalidade, criando por meio da competição uma ferramenta que atravessa e divide esses indivíduos entre si mesmos. Da mesma forma que as fábricas no modelo disciplinar também foi concebido o projeto urbano, baseado na Carta de Atenas, que pensava a cidade como uma máquina eficiente. Richard Sennett (2018), no seu livro *Construir e habitar: ética para uma cidade aberta*, analisa a relação entre a *ville* (subjetividade da urbe) e a *cité* (espaço construído, estrutura). Fazendo uma retomada histórica de arquitetos e urbanistas que tentaram conciliar os dois aspectos da cidade, Sennett (2018) chega ao momento em que o urbanismo se concentra demasiadamente na estrutura, produzindo como modelo modernista de planejamento: a Carta de Atenas.

Produzida por membros do CIAM (Congrès internationaux d'architecture moderne) nos anos 1930, a Carta propunha uma síntese funcional, a racionalização da

metrópole para que cada uma das quatro funções propostas (vida, trabalho, diversão e circulação) tivesse seu espaço distinto no plano urbano. Nesse grupo de arquitetos, urbanistas e planejadores, estavam presentes, entre outros, Le Corbusier – associado a reforma do centro de Paris – e Walter Gropius – arquiteto responsável pelo projeto de construção das fábricas e escolas.

A cidade que mais se aproximou das diretrizes constituídas pela Carta de Atenas foi a planejada Brasília, projetada com a ajuda de Lúcio Costa, pupilo de Corbusier, no final dos anos 1950. Atualmente é perceptível que a forma-função política específica atribuída a capital não poderia ser garantida apenas por suas divisões. Uma outra urbe, cada vez maior e mais caótica, começou a crescer ao redor da cidade planejada. As "cidades satélites" como é denominada a periferia de Brasília, ou seja, tudo aquilo que se encontra à margem do Plano Piloto, foram erigidas pela expulsão dos trabalhadores que laboraram na construção da capital do Brasil.

Foucault (1979) descreve as sociedades disciplinares a partir de espaços confinados, como a fábrica, a escola e o hospital. Na mesma direção, a Carta da Atenas pensa uma cidade funcionalista, produtivista e fechada. Sennett (2018), mostra como o planejamento urbano contemporâneo se constrói a partir de um modelo aberto, onde para emergir uma ética urbanística seria necessário também trabalhar com a heterogeneidade subjetiva da urbe. Segundo o autor, nesse contexto, o papel dos arquitetos e urbanistas deveria ser, ao mesmo tempo, encorajar as complexidades e criar interatividade de forma a tolerar as diferenças e promover a igualdade, criando uma *ville* sinérgica, onde a soma das partes seria maior do que o todo.

Se na sociedade disciplinar a Carta de Atenas serve de inspiração para toda geração de arquitetos do século XX, baseando a construção da cidade em um modelo de fábrica taylorista, onde cada zona deveria cumprir uma função específica e todas deveriam funcionar produtivamente, a exemplo de Brasília de seus setores hospitalares, clubes, mansões, etc., contemporaneamente se segue o modelo urbano da sociedade de controle: o do planejamento estratégico.

O planejamento estratégico é primeiramente, segundo Otília Arantes (2013:16), um "empreendimento de comunicação e promoção", onde o que se promove é a própria cidade que precisa se reestruturar urbanisticamente para entrar na rede internacional de cidades, cobiçado mercado internacional onde as metrópoles evidenciam características específicas com propósito de atrair investimentos do capital transnacional.

É fundamental esclarecer que o paradigma que se segue a Carta de Atenas ainda conserva em seu âmago resquícios da urbe funcionalista. Sennett (2018) elucida esse aspecto quando discute sobre a preocupação dos arquitetos modernistas com a utilização de estilos passados na construção de novos edificios, que, segundo eles, resultariam em consequências desastrosas. Para o autor, a Carta se mostrou profética, uma vez que, partindo desse princípio as cidades no futuro confluiriam cada vez mais em forma, tornando-se todas semelhantes.

Essa convergência em forma nas urbes é mundialmente perceptível a partir de uma rápida observação nas reestruturações das áreas portuárias nos últimos anos. Cada vez mais, as remodelações urbanas nos portos seguem o mesmo modelo: exposição de aparatos arquitetônicos de alto estilo, comumente acompanhados de museus símbolos assinados por renomados nomes da arquitetura; complexos de restaurantes, bares e cafés que visam um público de alto poder aquisitivo; utilização de materiais que sinalizem a suntuosidade da metrópole etc. Alguns exemplos de grandes reformas realizadas são: Puerto Madero (Argentina); a cidade de Barcelona para as Olímpiadas de 1992; Porto Maravilha (Rio de Janeiro), para as Olímpiadas de 2016; e o Porto Novo Recife (Recife), durante a Copa do Mundo de 2014.

Outro ponto em comum nesse modelo de metrópole, baseado no capital, são os megaeventos que comumente funcionam como catalisadores dessas transformações urbanas. Arantes (2013) analisa a inserção desses eventos como ingrediente fundamental na constituição do planejamento estratégico, no caso das Olimpíadas de 1992, em Barcelona. Quando, por meio da autopromoção publicitária e estratégias de marketing a urbe europeia procurou explorar características pelas quais poderia ser facilmente identificada. Essa prática se traduziu em investimento nas artes, através do fomento aos artistas nacionais como Miró e Picasso; na infraestrutura e no sistema viário; na construção de residências (vilas olímpicas) e na construção equipamentos esportivos; além da "valorização do seu bem natural maior, a face para o mar – calçadões da zona portuária, praias, etc." (ARANTES, 2013, p.53).

Em "Pós-Scriptum sobre as sociedades de controle", Deleuze (2008) já afirmava que "o serviço de vendas tornou-se o centro ou a 'alma' da empresa. Informam-nos que as empresas têm uma alma, o que é efetivamente a notícia mais terrificante do mundo. O marketing é agora o instrumento de controle social" (DELEUZE, 2008, p. 224). Logo, para se vender nesse mercado extremamente competitivo, as cidades fazem uso de políticas de *image-making*, técnicas de *marketing* para se posicionarem como uma

provável cidade-negócio. Arantes (2013) enfatiza esse aspecto da cidade-empreendimento ao afirmar que esse modelo de intervenções urbanas depende de uma fabricação de consenso em torno da justificativa de crescimento, desenvolvimento e geração de empregos. Em outras palavras, o *city-marketing* atuando para legitimar os projetos de gentrificação e higienização dos espaços públicos.

Carlos Vainer (2013), em seu texto "Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano", também faz um paralelo entre o modelo da fábrica taylorista transposto para a Carta de Atenas (racionalidade, ordem e funcionalidade) e o modelo atual de planejamento estratégico que utiliza como paradigma a empresa (produtividade, competitividade e sujeição ao mercado).

O autor reforça que, como toda estratégia de *marketing* neoliberal, essa cidadeempresa não descarta uma intervenção estatal desde que alinhada com os interesses privados do capital. Portanto, o papel da Parceria Público Privada (PPP) seria o de garantir que as preferências dos investidores privados estejam devidamente presentes no processo de decisão e de planejamento da cidade.

Vainer (2013) esclarece que a analogia da cidade como empresa não se esgota na questão administrativa, expandindo-se para redefinir a metrópole como um todo e os poderes que nela incidem. O que está em disputa nesse novo cenário do urbanismo é a urbe enquanto ator político sujeita a uma nova lógica de mercado, que tem como objetivo legitimar a apropriação do poder público e dos seus instrumentos pelo capital empresarial privado.

Richard Sennett (2018) denomina de "core investing" esse tipo de investimento feito por empresas privadas com auxílio do poder público, no qual a plutocracia predetermina uma série de parâmetros e especificações para só depois escolher um local para construir. Essa modalidade de investimento usualmente procura amplos terrenos vazios para, por meio de grandes intervenções, maximizar o lucro. O foco, então, encontra-se no projeto específico e não no planejamento urbano em geral. Sennett (2018), utiliza como exemplo a grande reforma de Shangai no início da década 1990, conduzida pelo Partido Comunista. A cidade chinesa sofreu uma transformação tão intensa, ao ponto de, no ano 2000, 2,7 mil metros quadrados já terem sido demolidos, 1 bilhão construídos, além de milhares de quilômetros de novas rodovias para viabilizar essa conexão.

O que torna o caso de Shangai relevante para esse exemplo é o fato de que o agente que propiciou essa transformação, ou melhor, o principal investidor da cidade, foi o Partido Comunista que, ao delegar o trabalho de demolição a empresas privadas –

estratégia utilizada para diminuir possíveis protestos por parte da população –, promoveu a completa modificação da paisagem urbana da metrópole. Sennett (2018), utilizando o termo do economista Joseph Schumpeter, explicita que o *core investiment* é um bom exemplo de "destruição criativa": uma propriedade desvalorizada por algum motivo é comprada, possivelmente completamente destruída (ou totalmente modificada) para a construção de uma nova, a população é expulsa por meio de um processo de gentrificação e algo novo e mais lucrativo emerge no lugar.

Recife tem diversas amostras dessa "destruição criativa", tais como, as recentes "revitalizações" no Mercado da Encruzilhada, que agora conta com hamburguerias gourmets, cervejarias artesanais no lugar dos tradicionais restaurantes de comidas típicas; as reformas do Marco Zero, com as mesmas opções gourmets e seguindo o mesmo modelo de outros portos espalhados pelo Brasil e pelo mundo. Inclusive o próprio Cais José Estelita, cujo projeto para a área prevê a total demolição dos armazéns históricos para a construção de um condomínio de luxo voltado para a mesma plutocracia que domina a política e a economia da capital.

Vainer (2013), pensando nesse processo de destruição criativa inerente ao planejamento estratégico, aborda a necessidade de conformação da cidade em torno desses projetos de transformação urbana que, segundo ele, está ancorada em dois elementos: consciência de crise e patriotismo de cidade.

A consciência de crise é o primeiro passo para a constituição desse planejamento estratégico. Vainer (2013) afirma que a crise em si não é o elemento definidor, mas sim a *consciência* dela, isto porque, é justamente o entendimento desse desequilíbrio que fará com que os atores sociais estejam dispostos a abdicar de seus interesses particulares em prol de um coletivo supostamente melhor. É geralmente nesse aspecto que as estratégias de *marketing* se tornam úteis, pois promovem a imagem de uma cidade deteriorada que precisa urgentemente ser restaurada e modernizada. Frequentemente, esses argumentos se concentram em alguma parte específica da metrópole (como o centro) ou alguma área de interesse particular para o capital imobiliário.

Essa estratégia também foi utilizada no caso do Cais José Estelita –antes de sua venda para o Consórcio Novo Recife e também durante o processo de execução do projeto –, ao associar a região à violência, à degradação e ao subdesenvolvimento. Em 2012, o editorial intitulado "O vazio em torno do Cais"<sup>46</sup>, publicado pelo Jornal do Commercio

-

<sup>&</sup>lt;sup>46</sup> Matéria disponível em: https://direitosurbanos.wordpress.com/2012/04/07/editorial-jc-o-vazio-emtorno-do-cais/. Acesso em 27 de agosto de 2017.

(JC) – um dos principais jornais em circulação de Pernambuco –, se refere ao Cais Estelita como "uma área praticamente abandonada, servindo de abrigo a uma população favelada".

Contudo, Vainer (2013) esclarece que para unir a população em torno desse projeto de cidade faz-se necessário transformar esse sentimento de crise em um *patriotismo de cidade*. O patriotismo de cidade consiste na promoção de um sentimento de pertencimento com objetivo de estimular a vontade coletiva na participação do futuro da metrópole. Seria o momento em que a população, consciente do atraso da urbe, abraça o projeto proposto acreditando no discurso de "modernização" e "geração de empregos".

No caso de Recife, a modernização da zona portuária é geralmente associada à modernização da cidade como um todo, pois no período açucareiro colonial Pernambuco era uma das Capitanias Hereditárias mais ricas do país e o porto funcionava como porta de entrada para o progresso econômico. No mesmo editorial do JC observa-se a criação dessa inspiração patriótica por meio de argumentos como:

a cidade precisa ser repensada e isso exige grandes empreendimentos, como esse que é oferecido para o Cais José Estelita, com repercussão imediata no mercado de trabalho, na qualidade de vida para muitas pessoas que terão oportunidade de se beneficiar com os equipamentos sociais ali instalados, e para toda a cidade, pelo processo de renovação do que está degradado (Editoral JC, 6 de abril de 2012)

No mesmo caminho, Otília Arantes (2013) explicita sobre os alicerces formadores da cidade que teriam em sua base os fatores econômicos clássicos (terra, trabalho e capital) e, acima deles, três camadas simbólicas: a primeira, a visual, que consiste na manipulação das linguagens simbólicas a partir de decisões como o que mostrar e o que excluir, seria o aspecto "tátil" da urbe e que incide no desenho arquitetônico; a segunda, a economia simbólica da metrópole comandada pelo que a autora vai chamar de "place entrepeneurs", ou aqueles que manejam índices de crescimento, por meio de promessas de emprego e desenvolvimento; e, por último, a aliança entre o circuito de negócios e o Terceiro Setor, unindo cultura e capital por meio de "museus bombásticos, parques idem e complexos arquitetônicos que assegurem a quem de direito que se está entrando numa 'world-class-city'" (ARANTES, 2013, p. 34). Em outras palavras, segundo Vainer (2013), é fundamental ao planejamento estratégico a instauração das condições de sua implementação como discurso e projeto de cidade paralelamente.

Outro ponto importante nesse modelo de cidade é o fato de que geralmente espaços gentrificados são fortemente vigiados. As sociedades disciplinares de Foucault (1979) eram marcadas pela vigilância internalizada no corpo, já nas sociedades de controle, a vigilância – e, consequentemente, o controle –, é contínua e ilimitada. Nas áreas urbanas somos constantemente vigiados, de forma esparsa e por vezes imperceptível, por meio de câmeras de trânsito, GPS de celulares ativados por aplicativos de locomoção na urbe; e muitas vezes, de forma física e perceptível, através de seguranças ou funcionários públicos responsáveis pela direção e ordem da população em determinado espaço.

Segundo Arantes (2013), a vigilância é a forma mais simples de sujeitar o espaço público ao controle privado. Para a autora, essa patrulha é crescente e exponencial, e atinge o auge no que ela denomina de "estetização do medo", ou seja, a causa do interesse das elites mundiais nos espaços públicos é cristalizada na figura da criminalização da pobreza e/ou normatização do trabalho precário. A exacerbação da cultura do medo, reforçada pelas mídias tradicionais e pelas constantes pautas sobre violência urbana, gera um esvaziamento das ruas, potencializado pelo baixo investimento em segurança e iluminação pública, por exemplo. Logo, constatamos que o argumento do medo opera quase sempre como justificativa para implementação desses projetos, ditos seguros, de gentrificação.

Deleuze (2008) faz uma correspondência entre os regimes dessas sociedades e suas respectivas máquinas. Para ele, à sociedade disciplinar caberiam as máquinas energéticas, sujeitas a ameaça ativa da sabotagem. Já as sociedades de controle atuariam por meio de máquinas que o autor denomina de "terceira espécie", como computadores e outros instrumentos de informática, a elas caberiam o perigo passivo da interferência e ativo da pirataria ou dos vírus. O filósofo esclarece que não é questão de pensar qual regime é mais duro ou mais aberto, pois cada um contém suas liberações e sujeições, mas sim buscar novas formas de combatê-lo. Nesse aspecto de oposição, Deleuze (2008) associa os sindicatos às disciplinas e aos meios de confinamento, inquirindo se eles poderiam se adaptar ao novo modelo de sociedade de controle ou se cederiam lugar a outras formas de resistência.

Maria da Glória Gohn (2015) em um livro intitulado *Movimentos sociais no início* do século XXI: antigos e novos atores sociais, disserta sobre a insurgência de novas formas de mobilização social, menos ligadas a políticas partidárias e mais conectadas com às mídias e às redes sociais. A autora conceitua movimento social como "ações sociais

coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam distintas formas da população se organizar e expressar suas demandas" (GOHN, 2015, p. 13), e classifica os movimentos sociais das décadas de 1970 e 1980 como "movimentos populares propriamente ditos" que, apesar de heterogêneos, unificavam-se em torno da questão da carência socioeconômica.

Dentre esses movimentos populares o que mais se destacou, e posteriormente evoluiu para outras esferas, foi o da luta por moradia. Mais organizado e com maior centralidade política chegou a alcançar algumas conquistas institucionais como o Estatuto da Cidade. A autora esclarece que parte desse movimento inovou suas práticas e, seguindo o modelo proposto pelos movimentos populares rurais, implementou as ocupações como táticas. Ocupações não só de áreas distantes e esvaziadas dos centros urbanos (cada vez mais escassas) mas também "ocupando prédios públicos e privados, ociosos ou abandonados, nas áreas centrais das grandes cidades" (GOHN, 2015, p.25).

Respondendo, talvez, ao questionamento de Deleuze (2008), Gohn (2015) afirma que os movimentos sociais no século XXI sofreram alterações devido ao enfraquecimento dos movimentos de forte base político-partidárias. Tornando suas demandas mais universais e plurais, esses novos movimentos passaram a atuar em rede e a realizar parcerias com outros atores sociais. Caiafa (2016) utiliza essa ideia de "rede" para explicitar a lógica de funcionamento do poder contemporâneo que para se adequar ao novo modelo de acumulação de riquezas (mais financeiro e fragmentado) e para controlar uma população está cada vez mais dispersa fora dos modelos de confinamento. Assim, a autora descreve um poder reticular, mais molecular e disperso, capaz de atingir múltiplos e mais longínquos pontos.

As sociedades de controle produziriam, portanto, um poder mais sutil que as disciplinares, podendo soar como uma espécie de vantagem para os dominados. Na verdade, o que ocorre é o investimento de um poder que desenvolveu estratégias de controle mais múltiplas e flexíveis, capazes de se adaptar e insurgir contra as possíveis resistências ao sistema. A internet é um exemplo claro dessa capacidade de adequação, no início pensada como o lugar da liberdade e possibilidade, hoje dominada por grandes corporações como o Google e o Facebook.

Devido a mudanças na conjuntura política e no próprio exercício do poder, os novos movimentos sociais, apoiados nas redes e mais múltiplos e complexos, passaram a pleitear uma nova concepção de esfera pública, mais ética, seguida por uma completa

rejeição pelo andamento da política neoliberal. Essa recusa fez emergir um movimento social que se coloca contra a globalização predominante.

David Harvey (2014), em *Cidades rebeldes* fala sobre movimentos sociais urbanos, no momento em que esses diversos e heterogêneos movimentos se deram conta que a luta pela cidade como um todo envolve também pautas específicas como a LGBT, a gentrificação, pessoas sem-teto, criminalização dos pobres, etc.; assim, as mobilizações contemporâneas assumem alguma dimensão urbana e se reúnem em torno da luta pelo direito à cidade. Direito este relacionado a devolver à população algum tipo de poder configurador sobre a formas que as urbes são construídas e reconstruídas.

Esses movimentos urbanos, que surgem ancorados no direito à cidade como fio condutor da mobilização, surgem para tentar romper com o isolamento produzido pelo individualismo neoliberal e fazer a cidade funcionar como um corpo coletivo. Além disso, atuam na denúncia da exclusão e da disparidade social intrínseca ao capitalismo avançado e refletida no desenho urbano que divide a população de acordo com o "lado da pista em que nos encontramos e a que tipo de consumismo temos acesso" (HARVEY, 2014, p. 47).

Em 2011, eclode mundial e simultaneamente uma série de movimentos sociais de protesto, com reivindicações peculiares a cada região, mas análogos na forma de luta. Iniciou-se no norte da África, atingindo ditaduras no Egito, Tunísia, Líbia e Iêmen; alastrou-se para Europa com as greves e ocupações na Espanha e Grécia, além das articulações nos subúrbios de Londres; alcança o Chile e Wall Street, nos Estados Unidos; chegando por fim à Rússia no final do mesmo ano.

Apesar das diferentes causas catalisadoras (na África assumiu caráter revolucionário democrático; na América Latina, reivindicações estudantis e nos EUA uma postura de denúncia aos bancos e corporações, etc.); esses movimentos tinham em comum o cenário político com uma crise social, econômica e financeira; se levantavam contra instituições partidárias e sindicais já existentes e, ademais, utilizavam como forma de ação a ocupação de praças e espaços públicos, o uso das redes sociais de comunicação como ferramenta alternativa de mobilização política e a recusa dos espaços tradicionais de representação política institucional.

O Occupy Wall Street (OWS), cujo exemplo inspirou a ocupação do Movimento Ocupe Estelita, irrompe contra a figura do que David Harvey (2014) vai chamar de "Partido de Wall Street". Esse partido, também denominado pelo autor de "partido da liberdade", seria o capital financeiro que nos EUA concentra-se em Wall Street e domina,

por meio do dinheiro e do controle dos meios de comunicação, o Congresso e a política americana. O partido da liberdade, baseia-se na lógica neoliberal do direito à propriedade privada, ao livre mercado e ao comércio, representa 1% dos que controlam a economia e, por conseguinte, a política da nação americana.

Harvey (2014) afirma que, uma vez na direção do aparato estatal, o partido assume a estratégia de privatizar grandes espaços, geralmente por um preço abaixo do mercado, com objetivo de abrir novas possibilidades de acumulação do capital, uma vez que comumente é a partir da construção imobiliária que o capitalismo pode absorver seu excedente. Em resposta ao avanço cada vez mais evidente de Wall Street, o OWS retorna as ruas, ocupando espaços públicos centrais e ao redor dos quais se concentrem muitos dos motores do capital financeiro. Essa tática, chamada pelo autor de "poder coletivo dos corpos no espaço público" (HARVEY, 2014, p.281), transforma as ruas em lugar político comum, um palco para aulas e discussões abertas sobre as consequências do poder e que armas utilizar para se opor a ele.

Noam Chomsky (2012) para referenciar essa disparidade social vai usar os termos "plutocracia" (os 1% mais ricos) e "precariado" (99% da população que têm uma vida precária), que vivem concentrados na periferia da sociedade que, segundo o autor, não é periférica mais. Para Chomsky (2012), política e capital estão diretamente relacionados e se retroalimentam, tornando essa pequena parcela da população americana cada vez mais rica e poderosa. Chico Science já cantava olhando para a Recife da década de 1990: "a cidade não para a cidade só cresce/ o de cima sobe e o de baixo desce", 47.

A grande diferença entre a Recife do MOE e os Estados Unidos do OWS é que a capital pernambucana não tem uma economia baseada na financeirização do capital, mas a elite de Pernambuco é herdeira das elites dos latifúndios canavieiros, é a elite da hereditariedade política, é uma elite que não vive em Recife, mas é nascida lá. A questão da disparidade social e dessa elite colonial é um aspecto que sempre surgia durante as entrevistas com meus interlocutores, isto porque, a forma como o poder político se configura e se distribui está intimamente conectada à forma com que a urbanização é desenhada e construída na cidade. A "privatização" da Praia do Paiva é um exemplo disso, vendida para os 1% da população e conectada à Região Metropolitana de Recife por meio de um pedágio, ganhou uma via expressa para acesso ao shopping com as lojas mais caras

Trecho da música "A cidade" de Chico Science e Nação Zumbi. Disponível https://www.letras.mus.br/chico-science/45205/. Acesso no dia 3 de outubro de 2018.

da metrópole, o RioMar. Sobre essa elite, Fred, membro do MOE e participante da ocupação, comenta:

Ela não quer saber daqui. Ela não ganha dinheiro local, ela ganha em euro, ela ganha em dólar. Eu ganho em real, tu ganha em real, eles ganham em dólar. Eles ganham em euro. É outra escala de relação, é outra relação de mundo. O branco dessa galera não é branco, qualquer branco não. É branco veia aparecendo. O branco das roupas dessas pessoas é de um linho que você não conhece. Eu vi uma vez, duas. É bizarro o linho desse pessoal. É branco demais. Tão branco que eu não vejo em qualquer lugar. Então assim, e é um pessoal que não precisa daqui. Eles não precisam

Chomsky (2012) destaca dois outros aspectos importantes dessa erupção mundial de movimentos autônomos e auto-organizados, em uma palestra durante o Occupy Boston, em outubro de 2011, o autor disserta sobre a descrença no sistema de representatividade política e suas consequências. A ausência de lideranças e a necessidade de ação direta, excluindo por vezes a via institucional, são marcas desses novos modelos de mobilização social. O segundo ponto, foi a construção de associações, laços e redes que se espalharia para uma infinidade de lugares, como o caso do OWS que logo teve derivações em Boston, Nova Iorque, Atlanta entre outras cidades.

O editor Greg Ruggiero em nota no livro *Occupy: reflections on class war, rebellion, and solidarity*, de Noam Chomsky, enfoca a questão da mudança das manchetes dos principais jornais de Nova Iorque após as mobilizações do Occupy Wall Street. Ruggiero afirma ser um consenso que o movimento modificou o debate nacionalmente, tanto ao dar ênfase nas questões de disparidade social, quanto ao utilizar palavras próprias do OWS nas manchetes da grande mídia nova iorquina e cita como exemplo a manchete de fevereiro de 2012, no New York Times, que questiona "*Why Obama Will Embrace the 99 Percent*", O editor afirma que o objetivo do movimento não é a mudança de manchetes, mas evidencia que a narrativa pode ser mudada e que a mudança na narrativa é uma vitória importante e necessária no caminho para transformar a sociedade.

O texto de Ruggiero demonstra como algumas vezes as mudanças são pequenas e em muitos casos graduais. No caso do Ocupe Estelita, uma série de mudanças de narrativas e formas de pensar a cidade é apontada pelos meus interlocutores. Mudanças

<sup>&</sup>lt;sup>48</sup> Em tradução livre: Por que Obama vai aderir aos 99%. Nesse aspecto, o editor comenta a respeito do uso do termo '99%' que ficou marcado nos Estados Unidos como referente ao movimento Occupy Wall Street.

nos currículos de cursos, tais como Direito, Comunicação e Arquitetura; nos discursos políticos que, após 2014, o Cais José Estelita passou a figurar como questão de destaque dentro da problemática da capital pernambucana; além das próprias militâncias que surgiram após o episódio da ocupação. Francisco, membro do MOE, comenta sobre o Recife de antes e depois do Estelita:

Tipo, a própria esquerda, era um momento que vinha tentando se reinventar de alguma forma. Então, o Estelita ele surge como catalisador disso também, que vinha dentro de uma onda de ocupes, tanto lá na Primavera Árabe, depois a Europa né. Então, movimentos com caráter mais autônomo mesmo assim, sei lá, como MPL em São Paulo. Então trouxe características, em termos políticos que não vinham ocorrendo, por exemplo, a questão de assembleia, de participação efetiva, essa questão de não dizer onde o trajeto do ato vai passar, isso foi um grande aprendizado pras pessoas que atuam politicamente. Até pro setor governamental, que tipo, não conheceu essa forma organizativa, era sempre aqueles mesmos representantes, naquele mesmo formato de protesto, naquele mesmo formato de reunião. Então isso provocou uma mudança, em candidatos desde PT até PSOL, eles se inspiram, se inspiraram muito nessa forma de fazer política, pra trazer essa forma de fazer pra dentro do campo institucional né.

Em 2013, essa onda de manifestações apartidárias eclode no Brasil, catalisado pelo Movimento Passe Livre (MPL) em São Paulo, alastra-se para outros estados sinalizando um sentimento geral de descontentamento com o sistema político da época e com seu reflexo na disparidade social e econômica. Vladimir Safatle (2012), atribui essa insatisfação geral ao desencanto, que ele sinaliza como o afeto central do político e o catalisador de toda crítica. Safatle (2012) afirma que é a angústia do desencanto que une e justifica esse fenômeno social e político mundialmente isto porque seria justamente esse afeto que sinalizaria que há algo errado com a sociedade. Para ele, todo verdadeiro movimento começa com a frase "não acreditamos mais", seja em promessas de melhoria social ou na democracia representativa como um todo.

Após a dura repressão da Polícia Militar aos protestos organizados pelo MPL, reivindicando o passe livre, um sentimento de desencanto geral dominou o país fazendo emergir em várias cidades brasileiras uma série de movimentações urbanas que iam das redes às ruas e se organizavam em torno das mais diversas pautas (como o fim da corrupção, boicote à Copa do Mundo de 2014, melhoria do sistema público de saúde, etc.). Apenas dois anos depois do episódio denominado "Jornadas de Junho" ou simplesmente "Junho de 2013", os autores Breno Bringel e Geoffrey Pleyers (2015),

fazem uma análise sobre uma nova "geopolítica da indignação global". Segundo eles, as mobilizações massivas que ocorreram em junho de 2013 engendraram novos atores e novos espaços; como consequência houve um aumento da conflitualidade no espaço público, desestabilizando antigos lugares de referência no cenário político.

O apartidarismo e o antipartidarismo (negação e rejeição completas a esse modelo de representação) apresentados durante esse período, a ausência de lideranças, além do uso de *hashtags* e das redes sociais para convocação às ruas foram as principais características desse fenômeno brasileiro. Ermínia Maricato (2013) vê esse período como a confluência de dois fatores interligados: o problema da mobilidade e da urbanização desigual. A autora disserta sobre a combinação da cidade informal (aquela das moradias ilegais ou invadidas; da urbanização dos baixos salários; do alto desemprego; da ausência de investimentos na reforma urbana e no transporte) com a cidade formal – "simulacro de algumas imagens-retalhos do 'Primeiro Mundo'" (MARICATO, 2013, p.21) –, acrescida dos megaeventos, causaram a erupção das Jornadas de Junho.

O próprio MPL, em uma coletânea de textos sobre os movimentos que tomaram as ruas em 2013, explicita que a questão da mobilidade é compreendida como uma questão transversal à pauta urbana, faz-se necessário, portanto, a aliança com outras causas e coletivos. O movimento coloca:

Se a retomada do espaço urbano aparece como *objetivo* dos protestos contra a tarifa, também se realiza como *método*, na prática dos manifestantes, que ocupam as ruas determinando diretamente seus fluxos e usos. A cidade é usada como arma para sua própria retomada (MOVIMENTO PASSE LIVRE, 2013, p. 16, grifos nossos)

A maioria das análises sobre esse episódio de 2013 concentra-se no sudeste brasileiro. Em Recife, entretanto, a configuração desse movimento foi bem diferente. O que experimentamos foi a formação de um movimento de base conservadora e conduzido como campanha política por Eduardo Campos, na época governador do estado e candidato à presidência nas eleições de 2014. As poucas grandes manifestações que aconteceram no período foram extremamente midiatizadas e, provavelmente por conta disso, pacificas e organizadas. Os protestos que ocorreram, paralelos a organização oficial, eram duramente reprimidos e nem um pouco televisionados. Por isso, quando um dos meus interlocutores comparou o Junho de 2013 ao Ocupe Estelita de 2014, a colocação fez todo o sentido. De fato, somente em 2014, com a ocupação do Cais José Estelita, Recife vivenciou um movimento apartidário, heterogêneo, que convocava a

população como um todo, por meio das redes, para reivindicar uma cidade mais participativa e menos excludente. Fred, esse interlocutor, colocou dessa forma:

Eu digo que 2013 daqui foi em 2014 com o Estelita. Nosso 2013 foi 2014 com o Estelita. Fato. Muito mais que 2013 foi 2014, tanto que muita gente que era de 2013, que era uma certa juventude que veio de 2013, ficou no Estelita em 2014, entendeu? Uma parte daquela juventude, uma parte expressiva na verdade, daquela juventude tava ali no Estelita.

A grande diferença entre o movimento de Junho de 2013 e o Ocupe Estelita em 2014 refere-se à delimitação de uma causa. Enquanto em 2013 a eclosão de uma série de reivindicações por parte da população transmitiu uma sensação de manifestações pulverizadas e pouco organizadas, 2014 do Estelita havia uma motivação bem clara: o impedimento da edificação do Projeto Novo Recife. Eram os cidadãos recifenses utilizando como tática a imposição de uma barreira física e corporal à construção do empreendimento.

# 2.1 Táticas e estratégias

Michel de Certeau (1998: 171) no livro *A invenção do cotidiano: artes de fazer* fala sobre os praticantes ordinários da cidade, aqueles que enxergam a metrópole a partir do limiar da visibilidade, aqueles cujo corpo "obedece aos cheios e vazios de um 'texto' urbano que escrevem sem poder lê-lo". O autor compara a visão da urbe pelo caminhante com a dos que a observam do alto (de edifícios, por exemplo). A elevação os transformaria em *voyeurs*, porque o corpo não está mais envolvido na dinâmica das ruas e, por não ser mais conduzido pelo ritmo urbano do coletivo ou afetado pelo nervosismo e pressa da metrópole, se torna passivo, fechado ao exterior.

Segundo De Certeau (1998), seriam esses praticantes ordinários que por meio do emprego de táticas desviacionistas transformariam a ordem dominante, fazendo-a funcionar, ainda dentro do próprio sistema, em outro sentido ou de outra forma. Ele deixa claro que entende o sentido pejorativo relacionado comumente a palavra "uso", explicitando que "uso" é empreendido no sentido de reconhecer as "ações" que organizam na surdina um trabalho de formiga. O autor utiliza os conceitos de *tática* e de *estratégia* para analisar *redes de antidisciplina* que emergem no seio das estruturas tecnocráticas.

As táticas desviacionistas não obedecem a lei do lugar e nem são definidas por ele, porém são tão localizáveis quanto as estratégias tecnocráticas. Enquanto as estratégias são capazes de *produzir*, *mapear* e *impor* certo tipo de operações em determinados espaços, as táticas só podem *utilizá-lo* e *mapeá-lo*. Desse modo, o autor intitula de estratégia o controle das relações de força por um sujeito de *querer* e *poder* que postula um lugar a partir do qual administra seus alvos e adversários. De Certeau (1998: 99) utiliza como exemplo o comando de uma empresa, na qual toda estratégia procura determinar um "ambiente" e um "próprio", ou seja, "o lugar do poder e do querer próprios".

Em outro sentido, a tática é definida pela ação ausente de um próprio, portanto, nenhuma demarcação de fora lhe impõe a exigência de autonomia e o seu lugar é o do *outro*. A tática seria o movimento dentro do campo de força controlado pelo inimigo, não tem por isso objetivo de se tornar um projeto global, pelo contrário, opera a cada golpe aproveitando as ocasiões. Suas vitórias não se conservam. O não lugar que ocupa lhe proporciona certa mobilidade, porém precisa "utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário" (DE CERTEAU, 1998, p. 101). A tática é a "arte do fraco", determinada pela ausência de poder, já a estratégia se organiza de acordo com a conjectura do poder.

Deleuze e Guattari (2012), em *Mil Platôs v. 5*, pensam o espaço e formas de ocupá-lo a partir dos conceitos de máquina de guerra e aparelho de Estado. A máquina de guerra se opõe ao aparelho de Estado, e, a partir da teoria dos jogos – exemplo que os autores identificam como limitado – ambos comparam os dois conceitos. O xadrez possui pedras codificadas, dotadas de um poder específico e se movimentam por meio de uma guerra institucionalizada. Trata-se de se espalhar em um espaço fechado, "ocupar o máximo de casas com o mínimo de peças". Já no jogo Go, os peões são "elementos de um agenciamento maquínico não subjetivado", que se movimentam por uma guerra sem regras. O objetivo é o de "distribuir-se num espaço aberto, ocupar o espaço, preservar a possibilidade de surgir em qualquer ponto" (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 13 e 14).

O Go territorializa e desterritorializa o espaço, tem a capacidade de *inverter as ordens*, fazer do fora um território, consolidar esse território a partir da constituição de um outro território contíguo, desterritorializar o inimigo provocando uma ruptura no seu próprio espaço. Desterritorializar a si próprio provocando o surgimento de outro movimento, outro espaço, outro território. O movimento dos peões do Go, consequentemente da máquina de guerra, assemelha-se a movimentação empreendida

pelos praticantes ordinários de De Certeau (1998: 171), que na cidade compõem uma "história múltipla, sem autor nem espectador, formada em fragmentos de trajetórias e em alterações de espaços".

A máquina de guerra, segundo os autores seria uma invenção dos nômades e seu espaço um espaço liso, assinalado por "traços" que se dissipam e desaparecem com a trajetória. Por sua vez, o sedentário – associado à polis, a lei – constitui um espaço estriado, definido por muros e cercados. O nômade é chamado de "desterritorializado por excelência", devido ao fato de sua relação com a terra ser diferente da do migrante que é de reterritorialização; ou distinta do sedentário que tem sua relação com o lugar mediada, geralmente pelo Estado. A associação espacial do nômade, por outro lado, é de desterritorialização, pois ele se "reterritorializa na própria desterritorialização" (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 56).

Uma das principais funções do Estado é a de estriar o espaço sobre o qual governa, instituindo muros e cercados, ou ainda, utilizar os espaços lisos como ferramenta a serviço dos espaços estriados. O importante, portanto, é vencer o nomadismo e controlar as migrações, ou ainda, a função do Estado é a de controlar o movimento e a velocidade. Dessa forma, cada vez que há algum tipo de operação contra o Estado, para Deleuze e Guattari (2012), há uma máquina de guerra ressuscitando, um novo potencial nomádico surgindo. Criar a oportunidade de reconstituir o espaço liso ou ocupá-lo como se fosse liso. Porém, os autores esclarecem que nem toda exterioridade ou espaço liso são necessariamente revolucionários, isso depende das suas interações e das condições de uso e exercício do seu estabelecimento.

Neste ponto, se faz pertinente voltar as reflexões de De Certeau (1998) sobre os novos usos empreendidos na cotidianidade por esses praticantes ordinários da cidade. Fundamentado nas ideias de "caminhantes" e "voyeurs", o autor denomina dois tipos de indivíduos da cidade: aqueles que a enxergam no limiar da visibilidade e aqueles que a visualizam "de cima", desconectados dos entrelaçamentos dos comportamentos e ritmos cotidianos. O voyeur enxerga a "cidade-panorama", um simulacro visual que só existe a partir do desconhecimento das práticas, já o caminhante elabora coletivamente um "conhecimento tão cego como no corpo-a-corpo amoroso" (idem, p. 171). De Certeau (1998: 172) reforça a estranheza do cotidiano que não é visível no dia-a-dia, aqueles usos que estabelecem outras espacialidades, outras formas de fazer e, ao mesmo tempo, fazem emergir uma nova cidade em meio ao "texto claro da cidade planejada e visível".

As práticas desviacionistas empreendidas por esses caminhantes ordinários da urbe assemelham-se ao movimento empreendido pela máquina de guerra de Deleuze e Guattari (2012: p.14), porque, quando os autores comparam aos peões do jogo Go, também conceituam a máquina de guerra como "grãos, pastilhas, simples unidades aritméticas, cuja única função é anônima, coletiva ou de terceira pessoa". Ademais, relativo ao funcionamento dessas peças, seria através de "funções de inserção ou situação, como margear, cercar, arrebentar" (ibidem). Dessa forma, a aproximação entre as estratégias desempenhadas pelos praticantes ordinários de De Certeau (1998) e a máquina de guerra de Deleuze e Guattari (2012) torna-se mais exequível.

Considerando a proposta iniciada no primeiro capítulo de compreender o Movimento Ocupe Estelita como uma exterioridade do Estado que conserva a possibilidade de emergir como máquina de guerra, pode-se cogitar o MOE, assim como seus membros, como empreendedores dessas táticas desviacionistas que atuam no campo inimigo, utilizando "vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário" (DE CERTEAU, 1998, p. 101). Como, por exemplo, a utilização do apoio artístico para impedir a censura da mídia pernambucana, alcançando, consequentemente, uma visibilidade nacional e internacional que viabilizou a continuidade da ocupação.

No mesmo sentido, a estratégia conceituada por De Certeau (1998) como ações realizadas pelos detentores do poder, relaciona-se ao movimento operado pelo aparelho de Estado de Deleuze e Guattari (2012). Isto porque, assim como as peças de xadrez, cada parte do Estado tem uma função, um movimento específico, um poder relativo que se movimentam por meio de uma guerra institucionalizada e regrada. Nesse sentido, a prefeitura de Recife, por exemplo, desloca-se nessa guerra codificada, utilizando como ferramenta instituições como a Polícia Militar e o Estatuto das Cidades, cujo o controle lhe concede um lugar próprio de poder e a capacidade de empreender ações por vezes violentas como a da reintegração de posse.

# 2.2 Reformas portuárias e megaeventos

Nos últimos anos do século XX, as infraestruturas portuárias alcançaram local de destaque nos projetos de transformação das cidades. A partir daí, um grande número de cidades portuárias foi alvo de políticas urbanas voltadas para essas regiões. Outro fator em comum, que perpassa essas reestruturações, são os megaeventos que acrescentam à

fórmula do planejamento estratégico grandes eventos mundiais, como catalisadores dessas mudanças. Freitas, Lins e Santos (2016) entendem megaevento como aquele que se destaca pelo impacto midiático, alcançando milhares de pessoas antes, durante e depois da realização do próprio evento. Além da visibilidade midiática, o impacto econômico é outra característica fundamental para a compreensão desses eventos chamados de mega.

A origem desses chamados megaeventos data da metade do século XIX quando a França e a Inglaterra, já consideradas potências mundiais, produziam Exposições Universais destinadas a um enorme público e com objetivo de comercializar e exibir mercadorias, ideologias e estilos de vida. Somado a isso, uma arquitetura espetacular preenchia os espaços com o que existia de mais atraente, criando um ambiente de celebração ao capitalismo. Freitas, Lins e Santos (2016: 29) ressaltam ainda que a partir da década de 1980 as exposições começaram a sinalizar de forma mais contundente o propósito de divulgação de uma "marca país".

Otília Arantes (2013: 52) reforça que apesar do modelo urbano de Barcelona ser citado como parâmetro inicial para a construção desse planejamento impulsionado pelos megaeventos, esse modelo é, na verdade, de inspiração americana. Baseado na forma de gestão das empresas privadas da década 1960, os norte-americanos pensavam a cidade como "máquinas urbanas de produzir renda". Porém, com passar dos anos, o modelo da capital da Catalunha acabou se convertendo em paradigma dentro dessa nova fase do urbanismo, talvez porque conseguiu renovar a fórmula a partir do acréscimo do *marketing* propiciado pelas Olímpiadas de 1992.

Arantes (2013) destaca que, não por acaso, o modelo de Barcelona foi exportado para o mundo todo e principalmente para a América Latina. Esse modelo era baseado em uma experiência de gestão de esquerda e, apesar de propor intervenções pontuais, se preocupava em resgatar o conjunto da cidade. O que acabou ocorrendo, contudo, foi um reforço da fragmentação urbana, visibilizando as novas patologias da urbe e utilizando como pretexto as Olímpiadas, uma correção de rumo foi sinalizada. A partir do início da década de 1990 começa a se cristalizar um novo ciclo de gestão urbana que se efetiva por meio de infraestruturas, obras viárias, construções residenciais, entre outros, privilegiando a valorização da frente para o mar e explorando terrenos alvos da especulação imobiliária nessas cidades.

O objetivo impulsionado pelas Olimpíadas, era o de definir a capital da Catalunha como importante metrópole europeia, apostando de forma contundente na autopromoção publicitária e nas estratégias de *marketing*, aproveitando e fomentando algumas

características pelas quais uma cidade é rapidamente identificada. Para promoção da "marca Barcelona" foi preciso mobilizar a participação das instituições e dos cidadãos, por meio de um *patriotismo de cidade*, com o propósito de afirmar uma identidade político-cultural que possibilitasse a urbe dar um salto adiante, ingressando no circuito prestigioso dessa rede mundial de cidades. O que esse modelo revelou, entretanto, foi uma base na qual as cidades, compreendidas como "atores sociais complexos" são, na verdade, uma vitrine de negócios cuja meta é disputar o capital financeiro e a massa de turistas internacionais.

Os ecos dos megaeventos são imprevisíveis, isto porque em paralelo a esses eventos há a criação de um momento utópico e a produção de sentimentos coletivos (positivos ou negativos). Geralmente esses grandes espetáculos são marcados por intensas manifestações contra seus projetos como ocorreu nas Exposições Universais em Londres e Paris nos anos 1851 e 1867, respectivamente. Na exposição londrina houve protestos contra a derrubada de árvores frondosas do Hyde Park, embora estivesse previsto no projeto; e a parisiense foi alvo de barricadas e revoltas contrárias às reformas de Haussmann, que tinha por objetivo expulsar os pobres das cidades.

Existe claramente uma tentativa por parte do Estado de produzir um consenso em torno desses projetos envolvidos na viabilização dos megaeventos, porém, o alto custo das obras aliado a efemeridade da sua duração geram dúvidas a respeito da validade e da relevância desse tipo de evento. Por vezes, como no caso de Londres e de Paris, o consenso não é possível e faz emergir, nesse cenário, mobilizações sociais de foco urbano – como a Jornada de Junho de 2013, já citada anteriormente –, que eclodiram em resposta à Copa das Confederações (evento teste que antecede a Copa do Mundo FIFA) e contemplavam uma diversidade de pautas, não só urbanas.

David Harvey (2014) mostra que os movimentos sociais urbanos têm essa característica de atender a pluralidade de reivindicações, porque a luta pela cidade, por um direito à cidade, contempla essa heterogeneidade. Para Harvey (2014), a dinâmica da exploração de classe não se restringe ao local de trabalho, pois seus efeitos são sentidos no lugar onde se vive. E também, a própria urbanização é fabricada por meio da produção e apropriação da mais-valia.

O início do século XX é marcado pela reforma do centro da cidade do Rio de Janeiro, com projeto assinado por Pereira Passos e inspirado nas remodelações realizadas pelo Barão de Haussmann em Paris. Essas reformulações, segundo Berardi (2018), sinalizam o momento no qual a intervenção estatal maciça no desenho urbano passa a ter

bases econômicas e ideológicas que não são mais condizem com a presença de usuários pobres nas áreas mais valorizadas da metrópole. Ou ainda, o momento em que a urbe carioca passa a ser planejada, pensada e gerida para atração de investimentos e usuários solventes.

O paradigma do planejamento estratégico de Barcelona de 1992 espalhou-se pelo mundo e especialmente pela América Latina. No caso do Rio de Janeiro, os megaeventos aportam na cidade de forma encadeada, iniciando com os Jogos Pan-Americanos de 2007, passando pela Copa das Confederações em 2013 e a Copa do Mundo de 2014, até chegar, por fim, às Olimpíadas de 2016. Nesse contexto, uma das maiores reestruturações realizadas foi a obra do Porto Maravilha, projeto piloto de Parceria Público Privada (PPP) para requalificação urbana, que se insere em uma série de obras de intervenção nas regiões portuárias de cidades-globais – como Baltimore, nos Estados Unidos, e Barcelona, na Europa – projetos que se utilizam da posição estratégica e histórica dos portos.

O Rio de Janeiro, assim como Recife, se desenvolveu a partir do porto. Ponto de chegada de mercadorias e escravos, as cidades portuárias comumente se desenvolvem social e economicamente em torno das regiões portuárias. O Cais do Valongo, decretado Patrimônio Cultural da UNESCO em 2017, é exposto a partir das obras de construção do Porto Maravilha. Construído para camuflar a chegada dos escravos que inicialmente desembarcavam no porto da Praça XV, o Valongo foi reformado em 1843 para receber a princesa Teresa Cristina de Bourbon-Duas Sicílias e Bourbon que aporta na urbe para casar-se com D. Pedro II. Os arredores desse cais constituem o que é denominado de "Pequena África", um importante espaço cultural e social para a identidade negra na cidade.

A construção do Porto Maravilha foi pautada na imagem da implosão do Viaduto da Perimetral, que obstruía a vista do mar. No momento do colapso, o prefeito da cidade carioca afirmava "Esse é um dia histórico. Hoje o Rio renasce. A Perimetral é o maior símbolo de degradação da nossa cidade. Com a revitalização da Região Portuária, devolvemos a cidade ao povo"<sup>49</sup>, sinalizando a mudança de planejamento da metrópole e a exclusão da memória do passado, a partir da construção de um modelo de porto alinhado às demandas globais.

A região portuária da cidade carioca, cenário pujante da história, tendo presenciado processos de colonização, tráfico de escravos, modernização, favelização,

\_

<sup>&</sup>lt;sup>49</sup> Disponível em: http://www.portomaravilha.com.br/noticiasdetalhe/3936. Acesso no dia 27 de junho de 2017.

etc., "vai sendo reescrita pela ótica deste novo empreendimento urbano" e no processo dessa construção, a memória histórica vai sendo desbotada pelo do apagamento do patrimônio da cultura afro-brasileira presente no local <sup>50</sup>, além da expulsão dos moradores que viviam na região – pela remoção física e imediata ou por uma processual ocasionada pelo aumento no custo de vida (BRAGA, 2015, p. 94 e 95). A área foi, inclusive, alvo de um dos atos mais simbólicos de remoção: o do Morro da Providência que previa a remoção de 832 famílias para a construção de um teleférico e de um plano inclinado na região, projeto que, aliado a política de "pacificação" das UPPs, pretendia construir um imaginário caricatural das favelas cariocas.

A remoção no Morro da Providência consequência direta do Projeto Porto Maravilha relaciona-se com uma característica fundamental da reforma urbana que consiste em higienizar, gentrificar a área, sinalizando que a abertura para o mercado externo é seletiva. Esses projetos de reforma urbana não são destinados a visitantes, usuários em geral ou imigrantes pobres, mas sim a usuários solventes que possuam capital para consumir. Ademais, existe uma relação entre a transformação da cidade em mercadoria de luxo e o olhar conferido à pobreza. Nesse contexto, a pobreza é comumente transformada em ambiente ou entorno social, enxergada como peso, problema a ser solucionado ou, ao menos, escondido. Isto porque, como indica Vainer (2013) não se constitui em demanda solvável, seja pelo ponto de vista concreto de infraestrutura ou de subsídios fiscais, seja pela ótica da imagem.

Nesse ponto, tanto Vainer (2013) quanto a autora Otília Arantes (2013) apontam que nesse modelo de planejamento estratégico o importante é *parecer*, não importando, de fato, que essas remodelações urbanas resultem em mudanças práticas de resolução dos problemas da urbanização desigual. Da mesma forma, a oferta de uma cidade segura não significa que ela seja segura para seus habitantes, sendo possível, portanto, construir cordões de isolamento e, consequentemente, áreas seguras para seus visitantes.

Inserido no projeto do Porto Maravilha, é inaugurado o Museu do Amanhã em dezembro de 2015. Erigido às margens da Baía de Guanabara e projetado pelo *star*-arquiteto espanhol Santiago Calatrava, sinaliza uma tendência mundial na qual a cultura se apresenta no discurso da reforma urbana como peça-chave, aliada a constituição de

\_

<sup>&</sup>lt;sup>50</sup> A presença de patrimônios como o Cemitério dos Pretos Novos, necrópole que abrigava os cadáveres dos escravos mortos durante o período colonial; Jardim Suspenso do Valongo e o Largo do Depósito, onde os escravos eram vendidos; a Pedra do Sal, antigo local de encontros de praticantes de religiões afrobrasileiras, mais conhecido por ser o berço do samba; e o Centro Cultural José Bonifácio, referência à cultura afro-brasileira (BRAGA, 2015, p. 94).

uma civilidade simbolizada a partir da construção de museus, parques temáticos, centros culturais, entre outros. Isto é, qualquer obra arquitetônica que possa surgir como símbolo de uma cidade evoluída e que assinale para as outras que ali se encontra uma world class city. Nesse cenário, os megaeventos surgem como um pretexto para construção de emblemas culturais que funcionam como vitrine para a exposição de uma arquitetura de última geração, por meio da qual a urbe procura se identificar como uma marca que seja capaz de traduzir sua condição ultramoderna e desenvolvida (mesmo que apenas imageticamente).

No discurso do Porto Maravilha é perceptível a retomada do centro como local de interesse. Nesse sentido, a região portuária se destaca como lugar que evidencia um mapa de significados sobre o Rio de Janeiro. Impulsionado pelos megaeventos, o porto da cidade, assim como o museu símbolo dessa transformação, atuam para fortalecer sua imagem aos olhos do mundo. Dessa forma, no contexto de Olimpíadas, os jornais fundamentavam o Museu do Amanhã como "âncora cultural do projeto de revitalização da Região Portuária", símbolo do renascimento da "história do Rio que enfrentava décadas de atraso e abandono" indicando que a Cidade Maravilhosa, agora Cidade Olímpica, entrara para o mapa mundial das grandes cidades globais, deixando de ser uma cidade-problema para tornar-se uma confiável cidade-negócio.

Seguindo o mesmo caminho, Recife passou por uma série de remodelações urbanas impulsionadas pela Copa do Mundo de 2014. Diferente das outras cidades que previam projetos de valorização da cidade por meio de equipamentos culturais, praças, etc., a capital pernambucana investiu em relacionar a constituição de uma imagem de progresso a um projeto privado de construção de um condomínio de luxo, voltado para os usuários solváveis já habitantes da metrópole.

Uma das grandes questões relativas ao Movimento Ocupe Estelita, assim como o destino do Cais José Estelita, tem relação com o futuro daquela área. Excetuando-se a ocupação por moradia da Vila Sul, o local é abandonado e desprezado pelo poder público e pela população em geral. Sendo um dos poucos territórios recifenses ainda passível de ter seu uso convertido para o social e/ou cultural. Alguns interlocutores entrevistados apontam como uma possível falha do movimento o fato dele ter se posicionado muito mais negativo (pela *não* implementação do Projeto Novo Recife) do que propositivo.

<sup>&</sup>lt;sup>51</sup> Disponível em: http://portomaravilha.com.br/museu\_amanha. Acesso no dia 18 de junho de 2017

A grande reivindicação do Ocupe Estelita era que o destino do cais fosse decidido com a participação ativa dos habitantes da cidade. Não existia, de fato, uma proposta coesa, unânime e concreta sobre o que fazer com aquela área, fato que abriu espaço para que os cidadãos a favor do Novo Recife argumentassem que o movimento pretendia deixar o cais Estelita do jeito que estava; tal colocação não raro, era acompanhada de justificativas de "abandono, ponto de drogas e de prostituição". O MOE e o DU tentaram rebater tais alegações convidando a população para participar mais ativamente do processo e a propor soluções para região (figura 3).



Figura~3.~Fonte: Facebook~Movimento #Ocupe Estelita

O que o Ocupe Estelita enfrentava era um aparato discursivo estratégico conduzido pela mídia hegemônica, em parceria com o Estado, que disseminava o Projeto Novo Recife como símbolo do progresso e da modernização da metrópole. A efetivação desse projeto representava que a região portuária de Recife – que por ser cidade portuária, nasceu aberta para transformação –, finalmente cumpriria sua função elementar ao

receber um Recife novo e cosmopolita, aliado à tradição e ao futuro em um empreendimento que converterá o cais subutilizado em polo econômico<sup>52</sup>.

Frequentemente obras semelhantes são justificadas com o mesmo argumento do "progresso" e da "modernidade". A destruição criativa surge como única justificativa para o futuro, o passado histórico das urbes é constantemente demolido para, em seu lugar emergir, edifícios cada vez mais altos e mais atemporais. Pensando na Nova York camaleônica e multicultural dos arranha-céus, Sennett (2014: 363) faz uma colocação pertinente em relação a esse discurso do progresso materializado nessa forma de edificação: "daqui a cem anos, as pessoas terão evidências mais tangíveis da Roma de Adriano do que da grande metrópole de fibra ótica".

David Harvey (2017), em seu livro *Condição pós-moderna*, aborda as diferenças entre a arquitetura e o projeto urbano moderno e pós-moderno. Para ele, no moderno as superfícies são funcionalistas e pensam o espaço para objetivos sociais, ou seja, submisso à concepção de um projeto social. Já no pós-moderno avaliam o tecido urbano como algo fragmentado e o planejam com uma finalidade estética, não necessariamente relacionada com um propósito social abrangente. O autor reforça que a aparência da urbe e a organização de seus espaços compõem base material a partir da qual é passível uma reflexão das suas práticas sociais.

Harvey (2017: 69 e 70) propõe experimentarmos a arquitetura como comunicação a partir da afirmação de Barthes de que "a cidade é um discurso e esse discurso é na verdade uma linguagem". Portanto, o aspecto discursivo citadino deve ser levado em conta para compreensão do que está sendo comunicado no atual processo de urbanização. Richard Sennett (2018) discute a tensão inerente às transformações urbanas entre o total apagamento do passado e a conversão da urbe em museu. O autor questiona o sentido de "autêntico" empregado na construção porque, segundo ele, conferir uma identidade autêntica a um lugar significa negar o trabalho transformador do tempo. Além disso, cristalizar uma única ideia de autenticidade em um momento específico do passado seria empregar uma concepção temporal estática.

Partindo desse pressuposto, Sennett (2018) propõe uma noção de urbanismo vernacular relacionado à lógica da manutenção pela narrativa imposta pelo tempo, buscando alternativas para que novas formas possam emergir do antigo. Para o autor, é

-

<sup>&</sup>lt;sup>52</sup> Todas essas afirmações foram retiradas do vídeo, disponível no Youtube, da audiência pública de lançamento do Projeto Novo Recife realizada no dia 22 de março de 2012. Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=3IkIRWKm9Sw&t=840. Acesso no dia 26 de maio de 2018.

nesse contraste (entre um passado autêntico utópico e um futuro "sem alma") que reside uma grande questão ética citadina. E é essa questão ética e a tensão narrativa criada pela mídia que expõem o destino do cais entre duas possíveis alternativas: o progresso, que é personificado no empreendimento Novo Recife; e o passado engessado na imagem atual de abandono e degradação do Cais José Estelita. A partir do trabalho realizado na pesquisa, creio que seja possível afirmar que o Ocupe Estelita tentou convocar a população a pensar em uma terceira via, uma opção, talvez próxima da proposta por Sennett (2018), capaz de conciliar o futuro moderno e o passado histórico.

No texto "Sobre o conceito de história", Walter Benjamin (1987a) propõe uma concepção histórica capaz de contemplar os oprimidos. Relativizando a ideia de tradição como algo estático, Benjamin (1987a) afirma que é preciso retirar dela o conformismo. No mesmo texto, o autor reflete ao olhar o quadro *Angelus Novus*, em que Paul Klee retrata um anjo em agonia pairando sobre um amontoado de objetos quebrados, reflete:

O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prendese em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso (BENJAMIN, 1987a, p. 226).

A dinâmica conflitual de um passado estagnado em uma única representação e um futuro desprovido de qualquer relação com a cidade e seus cidadãos se apresenta no coração do Ocupe Estelita, como será abordado mais adiante. As perguntas relacionadas ao futuro do Cais José Estelita ainda ecoam sempre que a temática é trazida à tona. No Ocupe Estelita+5, último evento realizado em 2017 pelo movimento, a pergunta reaparecia com nova roupagem: que lutas cabem no cais? (figura 4)



Figura 4. Fonte: Facebook #MovimentoOcupeEstelita

A questão trazida pelo movimento no evento de 2017 transborda a materialidade da área para abarcar também o simbolismo que o Estelita assumiu depois de tantos anos. A interrogação incluía, mais uma vez, um convite à população recifense para pensar o destino do cais e novas formas de atuar politicamente, ou ainda, modos éticos, políticos e afetivos que possam verter além dos armazéns e do espaço físico do cais.



#### 3. UMA VIAGEM PELO OCUPE ESTELITA

A sociedade civil recifense descobriu que se organizando poderia desorganizar<sup>53</sup> e desestabilizar as bases do capital imobiliário, materializado na figura do Projeto Novo Recife. O Ocupe Estelita e a causa pelo Cais José Estelita começou bem antes da ocupação, de outra forma e com outras pessoas à sua frente, mas no âmago o mesmo objetivo: impedir a construção desse "novo" Recife. A causa do Estelita, foi a primeira do grupo Direitos Urbanos (DU), nascido como grupo de discussões no Facebook, que começava a ampliar suas atuações para a cidade. No início, eram ocupes organizados na área externa do cais, onde boa parte dos integrantes do MOE e da população recifense tiveram seu primeiro contato com a situação que ameaçava o cais. Os ocupes culturais, auto organizados plantaram a semente do interesse em relação àquele espaço, murado e fechado. Para muita gente, a partir daí o Estelita passou a figurar na paisagem da capital pernambucana, deixando de ser um local apenas de passagem e transmutando-se em lugar da curiosidade.

A ocupação abriu as portas para realidade escondida por atrás dos muros, revitalizou e movimentou a área. Os construíram a ocupação reivindicaram para si o nome de Movimento Ocupe Estelita (MOE). A ocupação também marca o momento em que as diferenças se acentuaram entre esses dois grupos — o DU dos ocupes culturais e o MOE da ocupação — estabelecendo uma divisão entre os dois e potencializando o cenário de disputa. Em conversa com Ramona, membro do MOE e uma das pessoas que permaneceu do primeiro ao último dia debaixo do viaduto, o tema dessa dissidência apareceu da seguinte forma:

"Tipo, e eu acho que foram dois movimentos diferentes, sabe? Naquele dia da ocupação teve um divisor de águas dentro do movimento inicial, do Movimento Ocupe Estelita", o assunto surge pela afirmação de Ramona.

"Você fala que foram dois movimentos no sentido do movimento antes da ocupação, da organização das festas e o movimento a partir da ocupação?", pergunto.

"Sim. Inclusive porque foi iniciado por pessoas diferentes".

Trecho referente a música de Chico Science "Da lama ao caos". Disponível em https://www.letras.mus.br/chico-science/108267/. Acesso no dia 28 de novembro de 2018.

### 3.1 MOE (Movimento Ocupe Estelita)

João Paulo Malerba (2016) – na tese intitulada "Rádios comunitárias no limite: crise na política e disputa pelo comum na era da convergência midiática" – empreende uma investigação da ontologia do sujeito político-comunicacional e seus modos de ação política a partir de três tipos representativos: o ser socialista, o ser anarquista e o ser multidão. O autor destaca que esses tipos podem coexistir, dialogar e se retroalimentar no momento histórico atual.

O ser socialista baseia-se numa estrutura de ação política vertical que se ancora em um movimento político unificado, organizado e hierárquico. Seu campo de ação é o espaço institucionalizado realizado por meio de um pensamento unificado e uma ação com representatividade. Apoiado nas reflexões de Antonio Gramsci, Malerba (2016) explicita que a visão de poder do ser socialista está relacionada à cultura e sua apreensão ocorre por meio de um processo catártico, um processo coletivo no qual há a passagem do momento egoístico-passional para o ético-político. O partido, para Gramsci tem um papel mediador e é por meio dele que a reforma intelectual e moral – com caráter revolucionário crítico-pedagógico – deve ser conduzida de baixo para cima.

O segundo tipo, o *ser anarquista*, ao contrário do primeiro, tem sua ação política apoiada numa forma horizontal, que antagoniza qualquer tipo de hierarquia, soberania ou governo e que se realiza pela ação direta. Por se opor às formas de organização da sociedade, tendem a valorização de formas comunitárias, utilizando como ferramenta a autogestão. Costumam agir de modo mais responsivo do que propositivo, sendo o consenso um fator fundamental para a tomada de decisões. A atual crise no sistema político de representatividade tem contribuído para o fortalecimento do pensamento anarquista como uma possível via para o partido político.

Para conceituar o *ser multidão*, Malerba (2016) respalda-se nas considerações de Hardt e Negri sobre o *império* e a *multidão*, o primeiro termo representando pela nova fase do atual capitalismo, o capitalismo cognitivo, representado pela financeirização, circulação e inovação; o segundo, a nova classe imersa na era em que a mídia se alastra para todas as formas de vida e que emerge em resposta a esse modo de produção. Esse terceiro tipo, denominado pelo autor como um "sujeito político historicamente novo" apoia-se numa estrutura de ação política em rede (MALERBA, 2016, p. 277). Caracterizado pela multiplicidade, esse ser, contudo, não se reduz a uma única identidade ou a uma unidade. Assim como ser anarquista, também rejeita a soberania, a hierarquia e

a representatividade. Utilizando a mobilização de afetos como estratégia de ação no campo político, objetiva um projeto *comum* constituído a partir do que se produz e se compartilha. O autor aponta como características essenciais da multidão a procura pela autonomia e a recusa a uma hierarquia centralizada, a figura de um líder ou porta-voz.

Partindo da conceituação dos três sujeitos políticos-comunicacionais são mais perceptíveis as diferenças e divisões presentes dentro do Ocupe Estelita. O grupo Direitos Urbanos se aproximaria do *ser socialista*, ao investir em formas de lutas mais institucionalizadas (por exemplo a jurídica pelo tombamento do Cais José Estelita) e por ter figuras que atuaram durante todo o período da ocupação como líderes ou porta-vozes do movimento. Ou, nas palavras de Beatriz, ocupante do MOE durante maior parte da ocupação, ao se referir à frente institucional do DU:

Tinha uma outra frente muito forte, que era justamente, tinha muita gente do DU e tal, que investia muito nessa coisa do tombamento. Então mexia muito nessa articulação com o IPHAN e tal. Só que assim, vai tombar ali e deixar tombado não sei quantos hectares, quando tem uma ocupação ao lado em situação super precária? Então, como era esse o discurso que era colocado mais pra fora, porque era uma galera bem articulada, então o Estelita tinha esse rótulo né de movimento burguês, de movimento classe média mesmo.

Além do modo de ação institucional, a fala de Beatriz ressalta também o aspecto vertical e representativo assumido pelo grupo Direitos Urbanos. Nota-se também, uma disputa pela narrativa do Ocupe Estelita, disputa empreendida dentro da ocupação, nas assembleias, para mídia e para a população em geral. O DU, além dos intelectuais representativos e bem posicionados, tinha ao alcance as mídias sociais para disseminar determinado posicionamento. Os ocupantes do MOE, em sua maioria, não tinham acesso a internet ou a outros meios de comunicação, devido a localização do cais que, apesar de central, é rodeada por comércios, o que dificulta a chegada, inclusive, da informação boca a boca. Paulo, participante da frente audiovisual do Estelita, coloca a questão da seguinte forma:

Então tinha essa tensão também, entre quem tava acampando e quem não tava acampando, mas que depois se traduziu, eu acho, acabou se expressando politicamente num conflito entre quem, digamos assim, acreditava e propunha uma luta mais no campo do anarquismo, ou seja, realmente contra o poder de estado, contra uma relação institucional, com uma produção mais assim, digamos, de presença do lugar e de manter a ocupação e de produzir uma política de alianças com as

comunidades e tal; e quem, digamos, acreditava numa disputa no campo jurídico, no campo institucional né e tal.

Dessa forma, aqueles que se auto-intitularam de Movimento Ocupe Estelita ou MOE, eram sujeitos políticos mais próximos do *ser anarquista* ou do *ser multidão*, e tinham em comum o modo direto de ação política, a negação de qualquer hierarquia ou figura de líder, a tentativa de implementação de um sistema político horizontal e autônomo, além do descrédito na figura do Estado como possível resolutor dos conflitos. A divergência entre o MOE e o DU era acentuada pelo vínculo territorial criado por aqueles que acampavam, dormiam e vivenciavam o dia a dia do Estelita. Construir e, sobretudo, *habitar* a ocupação, afetou as subjetividades envolvidas no processo, desenvolvendo no espaço do cais um microcosmo da sociedade recifense, porém, com um sensível teor comunitário.

Richard Sennett (2018) apresenta um caso interessante para a compreensão da diferença entre *habitar* e *ocupar*: a remodelação dos shikumen na Xangai dos anos 1990. Os shikumen são habitações tradicionais chinesas formadas por pátios (frontais e traseiros) separados por prédios e foram construídas incialmente para servir a apenas uma família. Após 1900, as habitações receberam um fluxo de populações pobres que preferiam levar a vida nos pátios externos do que no interior das casas. A extrema pobreza e opressão gerou a necessidade de improvisação nos pátios, o que na prática se configurava em uma informalidade de se virar coletivamente, através do compartilhamento de alimentos e de combustível, por exemplo.

A partir da década de 1990, a propriedade particular e individual torna-se normal, fazendo desaparecer os banheiros e cozinhas compartilhados. A ideia de moradia transferiu-se para o apartamento individual, deixando os prédios coletivos vazios, a vida local da cidade esvaziada e seus moradores reféns dos males do isolamento. Ou, como resume Madame Q, codinome utilizado por Sennett para designar uma das participantes da reforma urbana sofrida pela cidade chinesa: "eles ocupam, mas não habitam", ou ainda, como coloca o próprio autor "uma *ville* de categoria mundial parece ter destruído sua *cité*" <sup>54</sup> (SENNETT, 2018, p. 132).

Portanto, para o autor, o sentido de habitar está relacionado a uma convivência coletiva, a uma vivência do espaço compartilhada e heterogênea. Habitar, logo, aproxima-

<sup>&</sup>lt;sup>54</sup> Sennett (2018) conceitua que a *ville* está relacionada ao lugar físico, enquanto a *cité* associa-se a mentalidade constituída por percepções, comportamentos e crenças.

se da ideia de ética proposta por Sennett (2018): uma atitude aberta à conciliação das diferenças. Na cidade, segundo o autor, a ética estaria em pensar uma urbe construída de espaços abertos e heterogêneos que viabilizem a comunhão da diversidade e do diferente.

No mesmo caminho, porém em outro livro, intitulado *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*, Richard Sennett (2014) trabalha a relação entre corpo e cidade ou, como as questões do corpo se expressam na arquitetura e no desenho urbano e vice-versa. A partir de uma retomada histórica – passando pela Roma Antiga, a Paris da Revolução Francesa e de Haussmann – o autor constrói a hipótese de como o desenho urbano vai, com o passar dos anos, produzindo um corpo passivo e individualizado. A partir da descoberta da circulação sanguínea por William Harvey, dá-se início a um novo paradigma no urbanismo, onde o fluxo livre e a mobilidade passam a ocupar o coração de uma "urbe boa" e saudável.

Essa nova compreensão do corpo e da cidade coincidem com o surgimento do capitalismo moderno e com uma grande transformação social: o individualismo. Nesse contexto em que as falhas do sistema capitalista ficam cada vez mais expostas no desenho das cidades, a sociabilidade converte-se em ideal abstrato. Pensando a Nova York multicultural, Sennett (2014) disserta sobre a dificuldade atual do indivíduo de acolher as diferenças, criando guetos individuais estimulados pela tríade: velocidade, passividade e fuga. O apassivamento seria consequência direta de uma exposição a velocidade de deslocamento (proveniente das descobertas de Harvey) e de uma desestimulação defensiva.

O fato é que, na batalha pelo Cais José Estelita, o MOE assumiu o papel de garantir o cumprimento dos acordos orais por meio do investimento do corpo no espaço. A presença corporal foi, por muito tempo, a garantia de que os galpões não seriam demolidos. A continuidade da ocupação, mesmo após a reintegração de posse, foi a maneira encontrada pelo movimento de continuar a vigilância no Estelita. Tornar esse corpo individualizado e passivo do capitalismo em corpo político e coletivo era o desafio da ocupação. David Harvey (2012) atribui para os movimentos sociais urbanos precisamente essa função de superar o isolamento do capitalismo neoliberal, fazendo a cidade funcionar como um corpo coletivo capaz de retomar algum poder configurador sobre como as cidades são feitas e refeitas. Ramona, participante do MOE, toca nesse ponto durante a entrevista:

A utilização de nossos corpos era a garantia de que aquilo ali não ia ser tocado né?

Então essa coisa do você usar o seu corpo, inclusive pra luta é muito extraordinário. É você ter a noção, a capacidade, a noção de tipo, sei lá, do se empoderar. Do empoderar do tomar conhecimento do seu poder, né. Do seu poder corpóreo, mental, espiritual e tudo mais.

Como alternativa a esse individualismo imposto pelo neoliberalismo, Sennett (2018) vai trilhar um caminho teórico para a construção de uma cidade ética, uma das alternativas indicadas pelo autor aponta para o caminho do construir coletivamente: o *vínculo pelo fazer*. Por meio de técnicas de coprodução, a maioria relacionadas a inserção de quem vai habitar o espaço no processo de construção do mesmo, práticas que levam em conta o valor ético do "comum" e que desestabilizam a ideia fechada de que só existe uma maneira de fazer algo. Para essa construção comum, o outro emerge como parte fundamental, viabilizando aquilo que eu não consigo realizar sozinho.

O vínculo produzido pelo fazer coletivo, assim como o próprio processo de construção da ocupação surge em muitas falas daqueles que vivenciaram diariamente a ocupação. A materialização do acampamento – com sua cozinha compartilhada, seus espaços de convivência e sua área residencial – aparece nessas entrevistas como o primeiro passo fundamental no processo político do Ocupe Estelita como movimento social, inclusive porque era a estrutura física que propiciava que a ocupação existisse como algo palpável. Ramona traduz essa relação da seguinte forma:

O que eu fazia junto com os integrantes de dentro da ocupação era simplesmente construir, sabe? Construir a ocupação enquanto algo palpável. Fazer desde um banheiro seco a montar uma cozinha, a montar o espaço das assembleias e de onde as pessoas iam dormir, sabe? Levantar pau, lona, tudo. Montar todo o sistema elétrico, porque não tinha energia suficiente lá. Então, foi uma coisa muito de 'vamos fazer', tipo 'temos vários braços aqui e várias pessoas que tem conhecimento sobre várias coisas, então vamos fazer acontecer'. Tipo, vamo se juntar, dividir tarefas e coletivamente fazer.

A construção da ocupação como algo material era tão essencial que por algumas vezes ficou à frente de outras demandas, como por exemplo a integração com as favelas do entorno como o Coque, Cabanga e a própria Via Sul – ocupação por moradia nos trilhos do trem dentro do cais. Jorge, membro do MOE, coloca a estruturação do acampamento como um dos impedimentos para o fortalecimento dessa relação:

Quando a gente tava se estruturando e fortalecendo assim as bases pra tentar poder fazer um trabalho mais sólido com a população do entorno, não só de dentro da ocupação, aí a gente foi expulso e mudou totalmente o cenário.

Nessa fala Jorge destaca dois aspectos: primeiro a questão da necessidade de uma ocupação bem estruturada para que fosse possível oferecer um retorno para essa população em forma de aulas públicas, creches para as crianças, etc.; em seguida o enfraquecimento, progressivo esvaziamento, e consequente fim do movimento, após o episódio da reintegração de posse, que expulsou o MOE da área externa do cais para debaixo do viaduto, fora da segurança dos muros do Estelita. A importância da infraestrutura mais uma vez se comprova fundamental, já que reestruturar o acampamento do lado de fora foi um dos obstáculos no processo de reerguer a ocupação.

Lá no Estelita a gente se sentia relativamente protegido, tava dentro de muro e tal, a gente conseguia ficar na entrada, revezava alguém pra ficar na segurança. No viaduto a gente tava na rua, a gente tava na rua e aí era outra regra, a gente não tem como impor regra, a gente tem que se submeter as regras da rua. Mas a ideia era vigiar o Estelita (Beatriz, MOE)

Agora muita gente deixou de participar, de dormir lá. Muita, muita, muita gente. Na verdade, o próprio movimento deixou de chamar tanta atenção né? Como chamava lá. A princípio rolou, aí rolou Criolo, não sei que, mas depois foi decaindo, não era mais tão glamour, não rola aquele glamour do Estelita, ninguém mais queria tirar foto em selfie né, botar no Instagram quando fosse pra um evento lá, porque era feio, tava debaixo do viaduto (Beatriz, MOE)

Outro ponto importante despontado na pesquisa de campo foi o aspecto comunitário que emerge do vínculo ético político do território e ações compartilhadas. Muniz Sodré (2014) conceitua comunidade como o espaço social (simbólico, afetivo, societal) onde se realiza a comunicação e a vinculação como o fio condutor de sentido para as ações sociais. A questão da comunidade, como o ser-juntos ou ser-em-comum, é colocada por Roberto Esposito (2010) a partir da origem da palavra latina *communitas*. O autor reforça que não se deve colocar um sentido necessariamente positivo no "ser-juntos", porque ele é uma condição para a existência do comum, antes de ser um valor.

Esposito (2010) esclarece que entende o problema no qual as conceituações de comunidade acabaram caindo no decorrer dos anos, o seu sentido essencializado deu origem a diversos regimes totalitários. O autor, portanto, retorna a etimologia latina da palavra – onde o "cum", seria aquilo que vincula; e o "munus" o que traz a ideia de dever

– para conceituar comunidade como um conjunto de pessoas unidas pelo dever ou dívida. Logo, o outro é parte fundamental e caracterizadora do comum, uma vez que somos seres incompletos e a completude só é possível a partir do outro. Seria, portanto, essa falta constitutiva que fomentaria o vínculo comunitário, no caso do Ocupe Estelita, associado tanto ao fazer (construir), quanto ao território. Jorge, membro do MOE, coloca essa característica do dever da seguinte maneira:

Quem tava ali naquele espaço tava dando tudo de si e eu acho que sentia aquilo de volta da pessoa que tava construindo aquele lugar.

É como se fosse uma grande casa, uma vivência coletiva, então você tem que dar o seu melhor esperando que o seu colega também dê o seu melhor pra poder as coisas funcionarem bem.

No livro *O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo*, Raquel Paiva (1998) disserta sobre essa característica da subjetividade comunitária. A autora afirma que um dos pressupostos básicos da comunidade é de que o indivíduo não é mais aquele ser isolado produzido pela sociedade industrial, mas encontra-se ligado, em relação. Além disso, essa necessidade de pertencimento transborda a relação, isto porque "compartilhar o espaço, existir com o outro funda a essência do ser, sendo possível perceber-se na medida em que se descobre pelo olhar do outro" (PAIVA, 1998, p. 87). Nas falas abaixo Ramona e Jorge, ambos do MOE, comentam sobre a importância da relação com o outro e como isso afetou as suas subjetividades:

Eu aprendi a me relacionar com pessoas que são extremamente diferentes, desde pensamento, enfim, caráter, tudo. A forma de relacionar, a forma como a gente faz as coisas serem muito pragmáticas, sabe? Tipo, deixar o pragmatismo um pouco de lado e atravessar uma barreira que existe entre você e o outro pra entender melhor o que o outro tá querendo dizer ou que tá pensando, ou que tá sentindo (Ramona, MOE).

Ver a diversidade de pessoas que muitas delas não tinham nem se visto e por conta da dinâmica do lugar e do espaço em si, porque é um espaço que tem uma energia muito forte, foram pessoas que criaram muitos vínculos, sabe? (Jorge, MOE).

O conceito de comunidade proposto por Paiva (1998) propõe uma perspectiva processual e política, na qual o consenso e a participação são construídos no processo da

comunidade. Nesse sentido, o comunitário despontaria do real, do dia-a-dia do indivíduo, tornando o sujeito não mais passivo no processo social, mas autor da construção da sua própria realidade. A autora destaca ainda a *identificação*, pautada principalmente pela afetividade e proximidade, como ferramenta fundamental para agregar grupos humanos. Esta identificação pode oscilar desde reconhecimento territorial, até estar ancorada em outros referentes como classe social, ideologia, gênero, entre outros. Dessa forma, abrese a possibilidade de conceber a existência de *subcomunidades* que tenham como base valores e interesses em comum.

Considerando a proposta de Esposito (2010) do vínculo pelo dever ou dívida, observamos a presença de subcomunidades, dentro do Estelita, formadas por falta de privilégios em comum. É o caso das mulheres da ocupação, que, unidas por uma dívida compartilhada, possuíam um vínculo diferenciado. Existia um cuidado recíproco que se expressava desde a garantia de que tivessem o mesmo espaço e voz que os homens, passando pelo combate da reprodução do machismo em atividades diárias, até a responsabilidade em relação a integridade física da companheira. O reconhecimento da fragilidade e exposição da outra gerava em resposta uma responsabilidade mútua, política e afetiva entre elas.

A gente tinha que tá levantando a voz o tempo todo no meio das assembleias pra ser escutada, sabe? Tinha que tá catucando a outra pra que a outra falasse o que ela queria falar sabe? Não ficasse calada. Tipo, tinha desde também na hora da divisão das comissões ficar falando 'só mulher na cozinha não, viu?' Só homem na parte da estrutura não, viu?' (Ramona, MOE).

A gente se sentia assim bem vulnerável em muitos momentos. Rolaram muitos casos de machismo, rolou caso de violência mesmo física entre o cara e a companheira dele lá na ocupação. A gente tinha medo de dormir sozinha na barraca, né. Rolava isso também em relação tanto a galera que tava ocupando, os homens que tavam ocupando, como homens de fora, sabe? Mas também rolava uma união muito forte entre a gente, justamente por isso, da gente perceber que precisa se proteger e tal (Beatriz, MOE).

## 3.2 DU (Direitos Urbanos)

O que teve início com uma separação entre os que estavam acampados e dormiam na ocupação e aqueles que tinham uma participação mais externa, acabou se convertendo em uma fragmentação de posições políticas: os da ação direta, com ação localizada no lugar (MOE) e os do campo institucional (DU), agindo nas redes. O Direitos Urbanos assumiu a posição de negociar com o Estado, fosse juridicamente (ações pelo tombamento, pela ilegalidade do leilão, pelas diversas irregularidades do projeto); ou na frente comunicacional (tanto na produção e divulgações de audiovisual com a temática urbana, quanto na disputa com a mídia hegemônica). Além disso, como citado anteriormente, o ser socialista, utilizado aqui para conceituar o tipo caraterístico de integrantes do grupo DU, apresenta a representatividade como instrumento político. Isso fica claro em alguns relatos realizados por membros desse grupo. Paulo, por exemplo, atuante na frente comunicativa do movimento, coloca dessa forma:

Tanto eu tava me engajando na manutenção da ocupação na maneira que eu podia, nos momentos que eu tava lá, colaborando na organização do espaço, na busca por doações, quanto nesse campo mais institucional também de acompanhar as reuniões, de tá nos espaços que tinham sido colocados como de *representação*. Tipo, tinham comissões que iam disputar com a prefeitura a negociação, etc. e tal, eu tentava transitar entre esse espaço, entendendo que o cinema era um instrumento assim, de ligação também (grifos nossos).

Ademais, como o objetivo do grupo era alcançar alguma conquista pelas vias institucionais, existia uma predisposição para negociar tanto com o poder público, quanto com o consórcio Novo Recife; para isso, portanto, por vezes um discurso conciliatório era adotado. A disputa do DU em algumas situações atingiu algumas vitórias, mesmo que temporárias como o parecer que considerou ilegal o leilão de 2008 do terreno do cais cuja decisão foi rapidamente revertida; ou até mesmo aquelas "conquistas" julgadas como farsa como o caso redesenho do projeto, este conquistado com ajuda da pressão da ocupação.

Mas assim eu leio o seguinte, eu acho que desde o começo a gente tinha um discurso conciliador. Pelo menos o primeiro texto que eu publiquei começava assim "falando numa linguagem que eles entendam que é a do dinheiro, porque eles não vão entender outra linguagem", mas não porque não tivesse outra linguagem, mas era porque era a linguagem que eles entendiam. Assim, tinha um efeito tático retórico. Tem algumas pessoas que acreditam, acreditavam na conciliação, num discurso conciliatório que o mercado pode fazer melhor. E, assim, eu particularmente acredito que eu acreditava que era uma questão tática. A gente conseguia alcançar um público e eu acho que isso é um acerto, porque foi o que permitiu que se alcançasse um público muito grande nos primeiros momentos que garantiu um backup político pra ocupação (Marcos, DU).

Conforme mencionado anteriormente, o propósito do ser socialista é o de propor uma reforma com um caráter crítico-pedagógico, utilizando a cultura como instrumento político de contestação. A preocupação com essa perspectiva didática se manifesta nas diversas discussões empreendidas sobre a cidade do Recife, o envolvimento e a militância constante nas questões de urbanização. A produção audiovisual tinha também uma função de chamar atenção e informar a população o que estava acontecendo naquele espaço do Cais José Estelita. Para mais, foram os ocupes culturais realizados na área externa do cais, antes do início da ocupação, que introduziram muitos participantes e integrantes do MOE ao próprio cais Estelita.

Aprendi muito a respeito do direito à cidade, de questões técnicas sobre legislação, Plano Diretor, jurídica (Vladimir, MOE)

O DU surgiu em 2012, a gente passar pela cidade e imaginar o que ela seria se não tivesse o DU, tá ligado? Do tipo, os viadutos da Agamenon, o Novo Recife, uma porrada de outras coisas. Como seria uma cidade radicalmente diferente né e a gente pensar que "tá, não é a cidade que a gente quer, mas, vamos dizer, ela é uma cidade menos pior do que poderia ser né" (Pedro, DU).

Então, e aí começou a se formar uma coisa que era assim, eu comecei a me envolver nessa seara da produção audiovisual que acabou gerando um contato assim, uma aproximação de outros realizadores que tavam também transitando ali na ocupação e aí a gente começou a fazer outros filmes e esses filmes passaram a ser, digamos assim, um instrumento de conexão com o grupo maior né de ocupantes (Paulo, audiovisual).

É importante ressaltar que apesar de haver uma cisão dentro do Ocupe Estelita e uma disputa por narrativas e métodos de agir político, em algumas situações essa divisão não era tão explícita, existindo integrantes que habitavam entre os dois polos, com pontos de contato e afastamento em relação as duas visões políticas; ou ainda, os que não faziam parte de nenhum dos dois, mas que tinham uma atuação mais próxima a um determinado grupo. O Centro Popular de Direitos Humanos (CPDH) foi um desses coletivos, que atuou mais próximo do Direitos Urbanos, e, ao mesmo tempo, conquistava o reconhecimento – pelo fundamental desempenho – de todos os envolvidos.

O CPDH era responsável tanto pela realização de assessoria nas ações judiciais para barrar o Projeto Novo Recife, quanto pela defesa legal dos ocupantes, envolvendose em momentos como o da reintegração de posse. A frente jurídica liderada por esse

coletivo, funcionava com a colaboração de alguns membros do DU, que davam suporte principalmente às questões relacionadas às legislações urbanísticas. A aproximação com o Direitos Urbanos não era apenas pelo modo de agir político, mas pela atuação anterior com o grupo na disputa contra a remoção de algumas casas na favela do Coque, além de alguns membros do DU, assim como do CPDH, fazerem parte do mesmo movimento Coque Resiste pela desestigmatização dessa favela. Amanda, participante do CPDH, explicita o funcionamento dessa parceria:

O conhecimento sobre a legislação urbanística, na época quando a gente começou, a gente não tava tão apropriado do tema, a gente trabalhava mais com pauta de moradia mesmo, não tinha tanto conhecimento da legislação urbanística. Quando a gente começou a trabalhar com a pauta a gente fazia uma assessoria incialmente muito mais processual, no campo do processo civil do que no campo realmente técnico do direito urbanístico.

A partir de 2014 que a gente entrou com uma nova ação, que foi uma ação sobre o estudo de impacto de vizinhança, que ainda tá correndo, e a partir desse momento que a gente começou a pegar mais as demandas jurídicas. Por um momento, era isso, tinha algumas pessoas do DU que contribuíam muito.

A frente jurídica ela atuava não só judicializando, mas dando um subsídio em algumas argumentações e fazendo muito diálogo com Ministério Público.

A frente comunicacional, cuja vertente mais forte foi o audiovisual com a produção de inúmeros curtas informacionais que ajudaram a catapultar o movimento para as manchetes nacionais, produzindo outra narrativa e outro discurso sobre o cais e o Projeto Novo Recife. A produção audiovisual do movimento catalisou, inclusive, um nicho relativamente novo dentro desse campo, uma criação de urgência, aliada a uma necessidade política e que constrói, ao mesmo tempo, uma memória – apesar de essa não ser a intenção primordial – do que foi e como se desenvolveu essa mobilização social. Paulo relata sua motivação para ingressar nesse espaço delimitado de disputa contra a mídia tradicional hegemônica:

Eu vi uma matéria que saiu no jornal NETV que é o local né, da Globo aqui, onde eles colocavam, digamos assim, uma explicação do Projeto Novo Recife na perspectiva dos arquitetos, ou seja, era como dizer, digamos assim, porque o Projeto Novo Recife era bom. E aquilo me agrediu muito assim sabe, porque era uma quebra de uma premissa até da farsa básica do jornalismo diário, do jornalismo corporativo onde

você escuta os lados, mas coloca uma edição tendenciosa. Não, lá eles excluíram, digamos assim, o movimento social e colocaram a falas dos arquitetos pra justificar o projeto. E aí, eu meio que numa coisa, num gesto talvez meio ingênuo ou, sei lá, num gesto meio desproporcional, eu fiquei com vontade de completar aquela matéria, sabe?

A forma do fazer político, essencialmente coletiva, transborda para a construção dos filmes, surgindo produções assinadas pelo "coletivo Ocupe Estelita" e não mais por um autor específico. Relembrando o conceito de tática de De Certeau (1998) — utilizado no capítulo 2, como sendo o instrumento dos considerados "sem poder" —, que opera no campo de força do inimigo, utilizando suas falhas para empreender alguma conquista, é possível pensar essa realização fílmica do movimento como um espécie de tática para adquirir exposição midiática, atuar no sentido de denúncia e até mesmo como tentativa de propagar uma imagem positiva, já que o Estelita também era alvo de estigmatizações como "movimento burguês" ou "desocupados". Paulo explica:

A gente passou a fazer uma produção que era necessariamente coletiva, que era de urgência, que tava ligada a uma estratégia da mobilização, então a hora toda a gente tava pensando que imagens podiam intervir na disputa política em curso assim, não era um olhar, digamos, observacional ou histórico ou de simples representação, não, era tentando fazer imagens que pudessem agir junto com a ocupação, com a mobilização.

E isso começou a impactar por exemplo na forma de fazer os filmes, a ideia que autoria, essa coisa do cinema de autor ela não era a chave para realização do filme, a chave da realização dos filmes era produzir uma autoria compartilhada assim, produzir isso de relação coletiva na construção do filme, em diálogo com o movimento, pensar que eram filmes que desejavam intervir numa disputa, assim, eles tavam implicados na ação, não eram filmes só discursivos digamos, tavam ligados a uma estratégia do movimento.

Porém, é importante ressaltar que apesar do enfoque na explicitação e separação entre os dois polos (MOE e DU), ambos os grupos atuavam com o mesmo objetivo de impedir a construção do Projeto Novo Recife e as suas doze torres. No horizonte, o modelo de cidade desejado pelos dois era de uma urbe coletiva, democrática, pensada e construída por todos e para todos. De modo geral, o que os diferenciava era de fato que caminho adotar para chegar a esse fim. Podemos dizer que eram adversários, não inimigos, em muitos momentos talvez seus discursos tenham sido demasiadamente semelhantes para que os observadores externos sequer percebessem diferenças, eu mesma

só compreendi que existia ali uma disputa quando mergulhei no trabalho de campo e conversei com uma dezena de pessoas tanto do DU, quanto do MOE.

Agora política, é o campo da disputa por excelência. As vezes uma disputa fraterna, as vezes não. Eles não, o DU eu não via e não vejo exatamente como um inimigo, não é isso que eu to falando. Inimigo é quem quer destruir aquela parada, quer acabar com a gente e quer acabar com a cidade, enfim. Esse pessoal é inimigo. Só que a compreensão do DU, coloca eles no campo do adversário, é diferente. Adversário não é o inimigo, entendeu? Adversário é aquele com quem você discorda, tá disputando um projeto, uma prática, uma ação. Companheiro é aquele que você vê de forma irmã, de maneira irmã, que você tá junto num projeto em comum. Discorda pontualmente ali, acolá, normal, mas em geral tá alinhado numa visão estratégica e tática. Muitas vezes um adversário é inclusive aquele que tem uma estratégia diferente da sua. Um inimigo, aí não precisa, é só a caricatura (Fred, DU).

#### 3.3 Assembleias

As assembleias era o momento em que as diferentes visões políticas se encontravam no mesmo espaço para o diálogo. Mikhail Bakhtin (1997) em seu livro "Estética da criação verbal" preocupa-se em discutir como a questão estética (especificamente a literatura) se relaciona com a vida, com o mundo dos homens. Considerado filósofo do diálogo, Bakhtin pensa o ser e estar no mundo em constante relação com o outro. Portanto, para o autor, o conhecimento é sempre dialógico e a fala um fenômeno sempre social.

Durante muito tempo na linguística persistiu um modelo de comunicação ancorado na concepção da existência de dois parceiros nesse evento: o locutor, comumente representado pelos processos ativos da fala; e o ouvinte, relegado a função passiva da recepção e compreensão. Entretanto, segundo Bakhtin (1997), o ouvinte além de receber e compreender a significação do discurso, também adota para com o locutor uma atitude *responsiva ativa* que pode manifestar-se verbalmente ou em forma de ação. Então, para o filósofo russo toda compreensão é prenhe de resposta e no decorrer desse processo o ouvinte também se torna locutor.

O autor reforça que quando um locutor emite uma fala, ele espera uma resposta e, além disso, sua expressão é permeada de outros discursos anteriores a ele, isto porque, cada enunciado é um elo na cadeia complexa de outros enunciados. O discurso dialógico

de Bakhtin (1997) – esse formado por linguagens socioideológicas do presente e passado, atravessado por tendências, ambiguidades e hesitações – é denominado de *heteroglossia*.

As assembleias do Ocupe Estelita ocorriam geralmente em dois horários: uma pela manhã, mas interna e com função organizativa, servia para estabelecer e designar as funções diárias para a manutenção da ocupação; a noturna, usualmente mais cheia e mais diversa, era a que mais recebia pessoas externas, tantos membros do DU, quanto curiosos que passavam para conhecer o acampamento. De fato, as assembleias da noite eram as mais disputadas e heterogêneas, nelas o conflito ideológico e político ficava explícito e as rivalidades acentuadas.

E na época, como eu tava ocupando uma organização política autonomista, a gente imaginava o caminho de uma forma distinta, lógico que deveria trabalhar dentro da contradição do Estado né, no entanto, a gente queria fortalecer o processo da ocupação em si, enquanto um instrumento de transformação né? Não ficar só refém as negociações institucionais. Aí era de tensão, desde pessoas que citavam a constituição numa assembleia até pessoas que queriam a destruição total assim, do Estado. Desde maoístas, anarquistas, enfim era um espaço político bastante diverso (Francisco, DU).

Eu acho que existia a disputa da narrativa e a disputa de um sentido de participação, de horizontalidade que na minha opinião é a dinâmica do assembleísmo, ela é uma dinâmica que ela não expressa um processo horizontal de fato assim. Embora seja uma ferramenta importante pra pensar participação e tal, não pode se encerrar nisso, que você claramente tinha formação de blocos políticos assim, de afinidade, de convivência e que isso se convertia num processo de cristalização e de formação de desigualdades, vamos dizer assim, não horizontais, dentro de um espaço de uma assembleia (Pedro, MOE).

Francisco foca na questão da diversidade ideológica dentro das assembleias que acabavam gerando polaridades, por vezes, extremas. A fala de Pedro também enfoca a disputa política de narrativa, porém, questiona o método do assembleísmo e essa pressuposta horizontalidade. Beatriz, atuante do MOE, destaca essa questão sobre um enfoque de gênero: a dificuldade de se iniciar e terminar uma fala sem interrupções. Nesse ponto, Ramona, acrescenta como a experiência de militância interferia em quem falava e quem calava.

As assembleias bem cedinho e tal, era mais pra planejar o dia, quem ia fazer o que, a comissão de que ia fazer o que, rolava esse lance de horizontalidade, esforço pra conseguir horizontalidade. Com a galera que tava dormindo, o pessoal mais orgânico mesmo era muito de boa, as coisas fluíam. Eu sentia que a gente tinha voz. (...) A noite é que era um pouco mais difícil. Porque além do pessoal que não passava o dia,

nem participava da reunião da manhã (...) E aí era um pouco mais difícil que era um pessoal que não tava tão dentro da dinâmica da ocupação, as vezes nem tão, nem tão ciente dos valores da ocupação e tal. E aí atrapalhava, rolava uns atropelo de fala de mulher, rolava uns classismos sabe? Enfim, tinha uma galera de fora, mais intelectual assim que achava que sabia como deveriam ser as coisas, então chegava colocando regra, enfim, essas coisas (Beatriz, MOE).

Tinha que tá ali o tempo todo sabe, porque a reprodução do machismo, da mentalidade e do pensamento machista era muito forte mesmo. Muito forte. E era tipo homens que já tavam muito acostumados também a vim de ocupações, de movimentos e a falar em lugares públicos assim, que muitas mulheres não tinham ali (Ramona, MOE).

Em outra fala, Pedro evidencia como os estereótipos vivenciados na sociedade eram transmitidos para o momento da assembleia. Aqueles que questionavam ou sugeriam uma abordagem mais institucional, eram taxados de "playboy" (tratamento utilizado para pessoas de classe média ou alta com pouca consciência de classe e de seus privilégios); os que se identificavam com ações mais diretas eram enquadrados na categoria "radical". Richard Sennett (2014) disserta que em cenários complexos ou não familiares o indivíduo tende a classificar o que vê de acordo com categorias simples e genéricas, baseadas em estereótipos sociais. Logo, as tipologias utilizadas no dia-a-dia para lidar com a complexidade da cidade eram acessadas nas assembleias.

Eu lembro que fui chamado de playboy nessa assembleia assim. E ai, foi engraçado né, porque dentro do DU eu era o radical, o cara que tinha mais proximidade com esse chão de ocupação e tudo mais e pra essa galera do MOE eu era playboy assim (Pedro, DU).

### 3.4 Heterotopia do Cais José Estelita

Michel Foucault (2013) em *Corpo utópico, as heterotopias* faz uma reflexão sobre o corpo como inseparável do sujeito e da subjetividade. Pensando no espaço, o autor assinala dois tipos: os utópicos, aquele dos sonhos; e os heterotópicos, que, sendo reais, se opõem aos espaços dominantes da sociedade, contestando-os. Por exemplo, a autora Janice Caiafa (2013) utiliza o conceito de heterotopia de Foucault para pensar o metrô do Rio de Janeiro que, segundo ela, emerge com o propósito de *contraposicionar* o caos do mundo ao redor, criando um espaço meticuloso e perfeito.

Nos discursos dos meus interlocutores um ponto em comum era a referência ao Estelita como lugar utópico, como um espaço onde os privilégios eram contestados e onde uma possibilidade de sociedade ideal surgia. Apesar do uso da palavra "utopia", por ser um local real, que existia também na materialidade e que surge como um contraponto da sociedade recifense, utilizarei o conceito de heterotopia de Foucault para elucidar algumas características específicas. Um dos primeiros tópicos que gostaria de tratar é o da ocupação como reflexo da sociedade, onde se manifestavam preconceitos e estereótipos, que também, ao mesmo tempo, possibilitava uma reinvenção do ser, um investimento na subjetividade de modo a tornar-se o que se queria, de fato, ser.

Eu sou um homem branco, de classe média, heterossexual que tinha, digamos assim, uma disposição pra pensar uma cidade mais democrática e tal, mas que vivo numa pilha de privilégios. Então, eu acho que o Estelita me fez refletir muito sobre esses privilégios, reconhecer um pouco esses privilégios, mas também me fez articular um pouco ações e não a imobilidade de só reconhecer que eu vivo numa bolha, que eu sou privilegiado e que 'ai como isso é horrível', sabe? Não, pensar em como agir com esses outros que são diferentes, que tão numa situação muito mais vulnerável, mas que eu possa fazer isso também de um ponto onde a gente possa se encontrar (Paulo, audiovisual).

Tinha muita gente que queria construir, fazer um espaço diferente dentro da cidade, sabe? Que aquilo pudesse ser alguma coisa que acontecesse pra fora daquele espaço, como se fosse um vórtex que você entrava naqueles portões e tava em outro mundo, porque até o cenário não parecia Recife (Jorge, MOE).

Uma das características das heterotopias citadas por Foucault (2013) é a do aspecto da contestação que pode ocorrer de duas formas ou pela criação de algo tão ilusório que denuncia todo o resto da realidade igualmente como ilusão, ou pela constituição de outro espaço tão perfeito e organizado, quando a nossa sociedade é desorganizada. O cais foi o lugar onde o movimento tentou implementar o modelo de cidade que era defendido e reivindicado, um projeto de metrópole que negava a privatização e o estabelecimento de espaços exclusivos. Acredito que do ponto de vista coletivo, o movimento foi vitorioso porque a heterotopia criada exprimia de alguma forma um protótipo de cidade ética.

De fato, o Ocupe Estelita era um espaço contestatório, que denunciava e, talvez pela rotatividade e diversidade da população, paradoxalmente, reafirmava nossas mazelas enquanto humanidade. Nos relatos, ao mesmo tempo que existia esse esforço por criar

uma sociedade ideal, existiam pessoas que estavam ali deslumbradas com a liberdade e as possibilidades da vivência em uma ocupação. Durante a semana ocorriam várias festas que movimentavam e diversificavam mais ainda o público da ocupação; a droga, então, tornou-se um problema para o movimento.

A gente queria construir um ideal de sociedade e a gente construía assim sabe? Também as nossas contradições e as mazelas sociais, elas ficavam em muito mais evidência assim, sabe? Por ser um espaço mais concentrado, menor né. E muita gente convivendo ali, naquele espaço pequeno o tempo todo, então, machismo, homofobia, tudo era muito ressaltado (Ramona, MOE)

É como se fosse colocar em prática toda a ideologia da gente sabe, tudo que a gente prega assim, a gente tentou fazer ali e era engraçado que a ocupação era um microcosmo sabe? da própria sociedade. Então a gente vivenciou de tudo. Desde violência doméstica até violência urbana. Violência urbana, repressão policial é... enfim, tudo. Tudo. Gravidez indesejada, lidar com criança em situação de rua, lidar com a rua, foi essa experiência assim do Estelita sabe (Beatriz, MOE).

Então pra um pessoal que tava chegando ali era como se fosse, era uma outra experiência libertadora entende? Desbunde, entendeu? Mas pra aquelas pessoas que tavam cheirando cola, aquilo não era desbunde (Fred, MOE).

A verdade é que pra muita gente a experiência do Estelita foi a primeira na militância e de ocupação. Um dos pontos ressaltados por vários interlocutores era a postura reativa assumida pelo movimento. Entre construir a ocupação, conviver com as demandas políticas e estruturais, tentar estabelecer uma relação com as favelas do entorno, abrigar e lidar com a rua, não existia muito tempo para planejar o próximo passo. As decisões eram tomadas conforme as situações se sucediam e isso deixou o Ocupe Estelita de muitas formas exposto e vulnerável a críticas.

## 3.5 Dificuldades

O Ocupe Estelita foi acusado por uma parte da população de ser um movimento burguês de classe média. Por serem muito jovens, os integrantes do MOE acabavam sendo taxados de "desocupados" ou coisa semelhante, culpabilizados de barrar o progresso ou de defender a manutenção da área como ponto de drogas e prostituição, o Estelita foi alvo das mais variadas críticas pela mídia e por parte da população que defendia o Novo Recife. Realmente, após a pesquisa de campo, percebi que a tentativa de integração com

as favelas do entorno não foi totalmente exitosa por um número de causas levantadas por meus interlocutores, algumas já citadas neste capítulo (como a necessidade primeira de estruturação), outras levantarei a seguir.

Quando os primeiros ocupantes entraram no terreno e decidiram que iriam permanecer para garantir o cumprimento da lei, a polícia foi acionada pelo consórcio para tentar a remoção dessas pessoas do local. Diante dessa situação, foi feito um acordo de que os ocupantes não portariam nenhum tipo de arma branca e, para isso, uma revista a todos os que já estavam no terreno foi autorizada. O problema é que já havia uma ocupação por moradia nos trilhos do trem do cais, a Via Sul que, a partir desse episódio, se tornou pouco propícia a contatos e aproximação com o movimento.

Uma das primeiras coisas que se fez quando se entrou no Estelita, no terreno e assim, quem entrou foi... é, é isso, uma das primeiras coisas que se fez foi um acordo com a polícia dizendo que ninguém ia entrar com arma branca. E aí a galera da ocupação que já tava lá, antes da gente, que tava vendo naquela área também uma forma de expandir a ocupação, foi tudo embora, porque tava com enxada, tava com estrovenga sabe? instrumento de trabalhar ali, aquela terra pra fazer um barraco. Aí isso já causou o primeiro, acho que o primeiro e quase que definitivo né, afastamento (Beatriz, MOE).

E aí eu me lembro que teve um incidente, eu não sei, é a minha leitura do incidente, não to querendo totalizar o acontecimento não, mas foi feito uma negociação por pessoas do Estelita, por representantes mais dessa área, dessa disputa institucional, que eram os advogados e tal, pra que a ocupação pudesse continuar, digamos assim, sem haver uma ação da polícia ali naquele momento, que fosse feito uma revista em todas as pessoas. E essa população mais pobre né, que tava se chegando, que tava, digamos assim, começando a 'ok, vamo ocupar aqui também, vamo fazer parte do acampamento', tem uma outra relação com revista policial, sabe? Classe média branca sabe que pode ter uma revista policial, até ser pego com baseado, alguma coisa e vai sair de boa, né. A comunidade pobre, negra e tal, sabe que não, que muitas vezes vai ser plantadas evidências falsas pra incriminá-los, que muitas vezes, por exemplo, uma enxada, uma foice, uma pá, pode ser identificada como uma arma e a pessoa vai presa. Então esse momento, por exemplo, eu acho que dividiu, sabe? (Paulo, audiovisual).

Sennett (2018) recorre à ecologia natural para explicar que existem dois tipos de limites: as divisas (fechada, de baixa intensidade e interação); e as fronteiras (porosas, onde há a interação de grupos diversos). O autor defende, ainda, que mesmo essa membrana porosa precisa ser seletiva para garantir a sobrevivência desse meio, por isso, ele afirma que a porosidade deve funcionar em diálogo com a resistência para que um equilíbrio seja possível. Alguns depoimentos apontaram esse incidente como o ponto

inicial e, de alguma forma, fatal de ruptura entre a tentativa de proximidade com a Via Sul, mas apesar disso, a ocupação permaneceu aberta para o contato, existiu um esforço constante de criar membranas, de transformar o que eram divisas impostas pela convivência social em fronteiras de sociabilidade.

Walter Benjamin (1987), em seu texto "Nápoles", descreve a arquitetura da urbe como porosa em relação ao tempo. Assim como as rochas a beira mar que se deixam permear pelas águas salgadas, ela entrelaça construção e ação, evitando forjar o definitivo. A porosidade da cidade italiana confunde o forasteiro, camuflando e confundindo o que está sob construção e aquilo que já encontrou a decadência do tempo. Nápoles, segundo Benjamin (1987), não é convidativa aos viajantes. Demasiadamente local, ela impõe dificuldades para aqueles não familiarizados a sua especificidade. Em alguma medida, a urbe impõe a necessidade do conhecimento de alguns códigos para conseguir navegá-la suavemente e sem percalços. Sua porosidade, para os excessivamente turistas, torna-se uma divisa, um obstáculo.

A formação e o convívio com aquele universo de pessoas que tinham o privilégio da instrução e de outras coisas também, mas o privilégio da instrução, junto com o convívio real das pessoas da cidade, fazia com que um influenciasse no outro, entendeu? De alguma maneira assim. Eu sei que algum desses meninos, que eu encontrei assim, meninos e meninas e tal, falavam pra mim disso, que eram dali e tal, "o Estelita me deixou" (Fred, MOE).

O Ocupe Estelita talvez não possuísse os códigos necessários para lidar com a comunidade da Via Sul, o que dificultou a abertura de suas fronteiras ao outro. Porém, com algumas outras comunidades, como o Coque por exemplo, fronteiras foram constituídas, talvez por já existir uma proximidade prévia (um domínio de determinados códigos) proveniente de outros momentos de militância. No geral, as divisas eram muito materiais e edificadas há muito tempo e a barreira a ser transpassada ainda era muito grande, era uma divisão de visões de mundo e vivências de sociedade.

Outra crítica constante ao movimento, citada brevemente no capítulo 2, foi a questão da ausência de um projeto propositivo para o cais. Lembro que em algum momento durante a ocupação houve uma convocatória da população pela prefeitura para envio de sugestões de planos para a área. Em entrevista com Fred, membro do MOE, esse episódio foi lembrado. Muito crítico à própria composição do Ocupe Estelita, Fred recordava que a maioria das ideias eram inspiradas em projetos de transformação urbana

realizados em cidades consideradas "de primeiro mundo". A ironia é que grande parte das sugestões preservavam a característica de classe do Projeto Novo Recife, isto é, eram locais feitos para uso da parcela privilegiada da metrópole recifense.

O Estelita era exclusão desde o início. Porque era exclusivo a um grupo que é minúsculo. Pra mim isso é exclusão. Exclusão não é tipo, não, exclusão é isso, é botar quem precisava daquela área pra trabalhar de garçom (Fred, MOE).

A gente não chegou a levantar nenhuma bandeira sabe? e isso enfraquecia muito o movimento, era uma das críticas inclusive que eram feitas ao movimento: 'vocês querem o que pra área?'. Ai se dizia 'não, esse pessoal fica querendo fazer barulho, eles não têm nem projeto pra área, eles querem deixar a área toda abandonada pra continuar sendo ponto de tráfico e tal e tal' e aí a gente se viu diante disso né e não, a gente precisa defender alguma coisa, pra virar alguma coisa. Tinha gente que dizia que queria morar ali. É isso, rolava um apego muito grande ali que a gente não conseguia 'po, mas tá tão bom sabe'... 'por que a gente não pode ficar aqui?' e aí a gente não pensava o que que poderia ser ali. Éramos todos e todas muito jovens sabe, muito jovens, meio alucinado com aquilo dali, deslumbrado com aquilo dali (Beatriz, MOE).

Uma quantidade substancial de justificativas surgiam quando a pergunta era "o que fazer na área", alguns apontavam que não era uma decisão pessoal e por isso precisava ser tomada pelo coletivo da urbe. Outros, na mesma lógica, indicavam que as comunidades do entorno é que deveriam pensar e construir um projeto para aquele espaço. Uns arriscavam idealizar alguma proposta baseada na própria vivência do Ocupe Estelita e da cidade. Por vezes, o apego àquele território era tão grande que o desejo era a permanência dele exatamente como habitava as lembranças desses interlocutores. Talvez existisse uma vontade camuflada de que se o cais fosse devolvido à população, a experiência do comum que se encontrou ali durante os meses de ocupação persistisse indefinidamente. O fato é que, independente do motivo, a ausência de uma proposta material produzida pelo movimento fez com que o mesmo fosse subestimado pela moradores recifenses. Ao invés de se tornar um movimento propositivo, o Ocupe Estelita acabou se restringindo às negativas daquilo que não queria para o Cais José Estelita.

Nossa, a gente já fugiu tanto dessa pergunta dizendo "não, deixa o povo decidir", mas não, depois desses dias, essa coisa eu fiquei muito assim "isso aqui não pode construir nada" (Marcos, DU)

A gente nunca conseguiu de fato tipo ter uma conversa e colocar no papel o que que a gente queria de fato que aquele espaço se tornasse, sabe? Até porque a gente, enfim, a intelectualidade adora ficar na masturbação intelectual. Era muito a questão, era algo real que tipo o entorno teria que decidir isso, as pessoas, sei lá, do Coque, de todas aquelas outras comunidades do entorno que teriam que decidir o que elas queriam, mas ao mesmo tempo a gente tinha todo um instrumento na mão, que era a ocupação, e a gente precisava pelo menos, ao menos, ter um posicionamento, né? Então, eu acho que as coisas se dirigiam mais ao lado institucional do que a gente não queria, sabe? (Ramona, MOE).

## 3.6 O Ocupe Estelita foi ou é um movimento?

Uma das questões que me perseguiu desde o momento em que eu decidi estudar e pesquisar o Ocupe Estelita era se ele ainda persistia como movimento ou se de fato tinha emergido, vivido seu auge na ocupação e agora só existiria como memória. A partir dessa inquietação, coloquei no meu questionário-guia de perguntas a interrogação que nomeia esse subtópico: o Ocupe Estelita *foi* ou *é* um movimento?

Para responder a essa pergunta, tive que primeiro entender que o Ocupe Estelita se dividia entre *movimento* e *causa*. A causa consiste na reinvindicação pela não construção do Projeto Novo Recife, que foi e poderia ser apropriada por diversos coletivos ou membros da sociedade civil; já o movimento é aquele que emerge com a ocupação, se auto denomina MOE, e encontra seu fim após algum tempo do fim do acampamento? Essa era a pergunta que de fato me inquietava. Existia ainda um Movimento Ocupe Estelita? Ou, como a maioria desses movimentos da era digital, o movimento teve sua emergência e fim? Mais ainda, e se a resposta que eu encontrasse fosse um grande 'foi', isso significaria que o movimento não tinha, de fato, conquistado nada?

Após certa quantidade de entrevistas a sensação era de que o MOE tinha sido um movimento. Todos aqueles interlocutores que se consideravam integrantes desse movimento, me respondiam a mesma coisa: que o movimento não existia mais, as pessoas não se encontravam mais em função dele, a página do Facebook há muito não postava nada relativo, e, principalmente, a notícia de que o Novo Recife estava sendo relançado, causara pouca ou nenhuma discussão.

Eu acho que é uma pergunta um pouco delicada assim, mas numa visão bem pessoal, foi um movimento. Porque, sei lá, se fosse pra dizer que o Estelita ainda vive, é uma coisa tipo assim em coma e respira por aparelhos. Porque recentemente vazaram algumas fotos do projeto, do redesenho do Novo Recife, com novo nome inclusive e assim, isso gerou até uma repercussão, mas gerou pouca repercussão e nenhuma discussão. É uma coisa assim que eu acho que teve seu auge e dado tamanho desgaste, quem tá ainda militando, tá em outros espaços ou participou da construção de algum outro espaço e com certeza o Estelita é uma causa de todos esses coletivos que tão no Recife no meio urbano, sabe? (Jorge, MOE).

Ô, eu acho que enquanto movimento, ele foi. Hoje, eu acho que tanto os grupos que participaram e as pessoas que participaram num determinado momento, quanto pessoas novas e tal, tá um pouco estagnado assim, mas é como se essa militância ela também se pulverizou em vários outros movimentos, em várias outras ações políticas, em vários outros coletivos, isso eu consigo identificar claramente (Paulo, audiovisual).

A maioria dos retornos a fatídica pergunta circularam em torno da mesma explicação: o Ocupe Estelita não existe mais como movimento, porém, perdura como causa, apropriada por vários grupos que pautam a questão urbana na cidade de Recife. Essa questão da permanência da causa, creio que se deve muito pelo fato de o Estelita ter formado muita gente na militância pelo direito à cidade e talvez também pelo cais ter se tornado um espaço de várias formas simbólico, afetiva e representativamente.

Olha, eu acho que se começarem a demolir o cais, voltarem né a querer demolir o cais, talvez o movimento se reúna, com outras pessoas. Mas, o Movimento Estelita ele virou meio que uma ideia sabe? (Beatriz, MOE).

Apenas duas pessoas responderam à questão com o verbo que indicava presente. Ambos acreditam na capacidade de reorganização, Amanda acha que o Estelita pode acordar, que sua causa ainda vive em vários movimentos e ativistas. Rogério, por sua vez, acredita que ele ainda exista pela sua força simbólica e que os diversos olhos que vigiam o Estelita estão atentos as artimanhas do capital.

Não, ainda é. Porque o símbolo que é o cais ainda tá lá. e o projeto devia ter sido inaugurado em 2014, ou seja, com estimativa de lucro de 1 bilhão e meio e 2018 e eles ainda não botaram o primeiro tijolo certo? Então, é. Mesmo quando diminui a quantidade de pessoas que tão lá, quando a ocupação não é física e tudo mais tem um monte de gente que ainda tá lá vigilante. Qualquer coisinha que a gente vê lá dentro tá todo mundo se comunicando e atuando (Rogério, DU).

Ele era uma frente, ele era uma rede e uma articulação que agregavam vários movimentos que agregavam várias organizações, que tinha também pessoas autônomas que construíam ele, que não tavam vinculadas a nenhuma organização e que se intitulavam apenas como Ocupe Estelita, mas ele era um lugar catalisador. Eu acredito que tipo ele é essa chama adormecida em algum lugar assim. Eu não diria que ele foi um movimento porque eu acho que a partir do momento que existe um sentimento de pertencimento muito grande e de várias, você vai olhar na internet cada notícia do que sai ou cada questão dessa dos novos prédios que tão pra ser construídos, sai qualquer notícia dessa, aparece vários comentários, aparece alguém perguntando 'cadê? Cadê? Cadê?'. Eu acho que tipo, ele existe sabe? Ele tá adormecido (Amanda, CPDH).

Por meio da diferenciação feita por Sennett (2018) entre espaço e lugar, sendo o primeiro onde os seres humanos se movimentam e o segundo onde habitam, a relação pessoal norteou aquele espaço como lugar político, ético e sentimental para essas pessoas que experienciaram sua constituição seja como ocupante ou apenas participante. O lugar, segundo Sennett (2018) possui uma dimensão ética, está relacionado a vivência e o vínculo sentimental. Acredito que não exista reposta certa ou errada para essa pergunta, de fato resumir a atuação de um movimento tão capilar em algumas palavras parece injusto. Entretanto, devido aos resultados obtidos nas conversas com meus interlocutores, entendi que o Ocupe Estelita existe enquanto *causa* (tanto de forma material, quanto simbólica e afetiva), mas o *movimento*, pelo menos aquele de 2014, não existe mais.

A dimensão conflitual sempre é o termômetro, no fim das contas, desse modelo de organização. mas se você não tem algo pra aquecer o conflito, você não tem a mobilização dessas pessoas. As pessoas acabam dissipando a energia delas em outros processos e o processo de disputa e debate sobre a cidade, ela precisa ser um processo permanente. Então se você não tem um foco de ação comum, concreta ou de um debate permanente, não existe né? *Movimento já tá dizendo né, não existe movimento parado* (Pedro, DU, grifos nossos).

Mas pra mim o Movimento Ocupe Estelita que eu fiz parte assim, de corpo e alma, não existe mais, mas que não é algo a se penar assim também sabe. Foi a espontaneidade assim também do momento político e que na verdade o Movimento Ocupe Estelita ele foi se desdobrando pra outros movimentos sabe? Tipo, as pessoas que compuseram o movimento elas hoje se encontram em vários diversos movimentos. São companheiros e companheiras assim que a gente tá sempre se encontrando na luta sabe? A gente tá organizado, a gente não precisa de um nome que nos defina assim pra tá organizado (Ramona, MOE, grifos nossos).

## 3.7 Ocupe Estelita: potência de máquina de guerra?

Deleuze e Guattari (2012) no axioma II do "Tratado de nomadologia", dissertam sobre a máquina de guerra como uma invenção nomádica, isto porque, ela é tanto exterior ao Estado, quanto diferente da instituição militar. A partir disso, os autores estabelecem para a invenção nômade três aspectos: espacial-geográfico, aritmético ou algébrico e afectivo. Segundo eles, é a existência nômade que elabora no espaço as circunstâncias da máquina de guerra. Para isso, ambos destacam a importância de distinguir o que é princípio ou consequência da vida errante.

O primeiro item relaciona pontos e trajetos. Os pontos são uma espécie de parada – como os pontos de água, habitação, assembleia, etc. – para os nômades, esses locais estão subordinados aos trajetos; para os sedentários, o contrário acontece. Eles especificam ainda a característica de intermédio, autonomia e direção própria dos trajetos. Para tanto, conceituam a vida nômade como *intermezzo*, isto é, algo que se manifesta entre dois pontos. Nesse aspecto, os autores diferenciam o nômade do migrante, que apesar de compartilharem algumas características, diferem nas causas e consequências na passagem de um ponto a outro. O migrante, colocam os autores, "vai principalmente de um ponto a outro, ainda que este outro ponto seja incerto, imprevisto ou mal localizado" (DELEUZE e GUATTARI, p. 54); enquanto os nômades concebem seu habitat em função do trajeto e se movimentam apenas por consequência ou necessidade de fato (como caso do esgotamento da terra em um determinado ponto).

No segundo aspecto, Deleuze e Guattari (2012) discorrem sobre a função dos espaços nômades e sedentários. O primeiro tem a finalidade de distribuir os homens em um espaço aberto, sem definição e não comunicante, enquanto o segundo reparte *aos* homens um espaço fechado, cada qual recebendo uma parte e com uma comunicação regulada entre elas. O *nomos* ou espaço nomádico, é bem específico, sem fronteiras ou cercados e opõem-se a lei ou a pólis. Voltando ao espaço do Ocupe Estelita, a forma de ocupar e habitar o cais aproxima-se mais da dos nômades, pela ausência de cercados, contrária a ideia de propriedade privada, onde cada ser tem direito e posse sobre um pedaço de terra pré-delimitado. Além disso, o próprio ato de estar nesse lugar era um desacato à lei pois a partir do leilão de 2008, aquele terreno era de propriedade do consórcio Novo Recife.

O terceiro tópico refere-se a diferença dos espaços nômades e estriados, sendo o primeiro liso, marcado por traços fluídos que se apagam e se deslocam; e o segundo estriado, assinalado por muros e cercados. Partindo desse ponto, os autores delimitam como princípio territorial nomático o de se espalhar em um espaço liso, ocupá-lo, habitá-lo e mantê-lo. O território para esses seres errantes, torna-se simples devir solo e sua relação com ele de desterritorialização. Outro ponto importante, ressalta os autores, é que "o nômade aparece ali, na terra, sempre que se forma um espaço liso que corrói e tende a crescer em todas as direções. O nômade habita esses lugares, permanece nesses lugares, e ele próprio os faz crescer" (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 56).

Dessa forma, os integrantes do Ocupe Estelita, parecem estabelecer uma relação próxima a nomádica com o cais Estelita, tanto pelo cultivo do lugar – estrutural, material, social e culturalmente –, quanto pela ocupação ter uma função política não duradoura de vigiar o cais e impedir a construção do empreendimento. Ademais, a relação com o território desses membros possui ponto de contato adicional, o fato de o espaço ser localizado e não delimitado. Isto é, a relação com a representatividade do Estelita localizase na figura do Cais José Estelita, entretanto não se limita apenas àquele ambiente físico. Questão essa representada inclusive pela frase utilizada pelo movimento "Recife inteiro é um grande Cais José Estelita".

A gente não tava ali só por causa do território, daquele lugar específico, mas pelo que a gente queria falar sobre. O que que a gente queria falar de direito à cidade, o que que a gente queria falar o que que vai acontecer com o cais se aquelas 13 torres (Ramona, MOE).

Porque o Estelita ele transcendeu a questão do próprio Estelita né? A causa Estelita ela saiu daqueles hectares e alcançou o mundo (Beatriz, MOE).

Lembrando, o Ocupe Estelita ele é muito mais hoje em dia do que o cais. Ele é um movimento urbano em larga escala (Rogério, professor de história).

Deleuze e Guattari (2012) especificam que o espaço liso nômade se encontra entre dois espaços estriados, isso, esclarece os autores, pode significar duas coisas: que esse espaço liso é controlado, limitado, tem seu desenvolvimento cerceado por esses dois lados que lhe determinam uma função, ou que esse espaço liso confronta esses espaços estriados. No caso do Ocupe Estelita, talvez os dois processos ocorram simultaneamente e de forma reativa. Porque ao mesmo tempo que o aparelho de Estado tenta exercer sobre ele sua função de estriar, empreendendo um procedimento de captura de fluxos através da determinação de uma única função para a área (condomínio residencial e privado de

luxo), o movimento reage utilizando o próprio espaço, reconstituindo sua característica lisa pela ação de *ocupá-lo*.

#### 3.8 Rupturas e continuidades

Considerando todas as questões expostas e discutidas nesse capítulo, aponto algumas evidências de rupturas provocadas por esse devir máquina de guerra que o Ocupe Estelita assume no período em que executa seu potencial nomádico. Nesse tópico, abordarei expressivamente as entrevistas dos meus interlocutores com alguns comentários ou observações.

Um dos pontos mais mencionados de ruptura foi na forma do agir político, tanto na questão da insurgência de vários coletivos que pautam a cidade como causa, quanto na formação de sujeitos multidão que pulverizaram e continuam a sua militância de vários espaços, de forma não necessariamente organizada.

Existe porque até então essa ação direta que é ocupar um espaço, um território né, era muito ligada mais aos movimentos sem-terra, o movimento sem teto e tal e depois do Ocupe Estelita, vários movimentos, várias pessoas começaram a usar como um instrumento de luta mesmo, sabe? De tipo, uma ação que dá resultado. Então, e não só o resultado do que você quer, tipo, do objetivo final, mas o resultado de todo um processo mesmo, a própria ocupação ela é um grande êxito (Ramona, DU).

Eu acho que naquele momento o Estelita ele teve um simbolismo incrível na cidade de reorganização de uma frente de luta pela cidade, pela reforma urbana e tudo mais que vinha adormecida por um processo, por um processo de esgotamento da frente de resistência urbana, da frente de reforma urbana também. Mas que ele mobilizou a articulação e a mobilização de vários novos atores e atrizes, que hoje existe, que existe também um certo, diria, cuidado do poder público e também das empresas no discurso que eles apresentam (Amanda, CPDH).

Outra questão apontada como descontinuidade após o Estelita é a discussão da cidade, sua urbanização e segregação. Além do mais, essa mudança de narrativa atingiu tanto o aparelho de Estado, demonstrando que uma mudança de narrativa era necessária, porque a população não mais era convencida pelo menos discurso do "progresso", quanto a população geral recifense, a qual sentiu que a constituição da urbe era algo que interferia

diretamente em seu cotidiano e por isso sua construção deveria ser um projeto coletivo de seus habitantes.

Acho que o Recife vivia um debate que era muito pautado pela questão da cultura do medo e que o principal elemento da agenda pública era a questão da violência né e dentro desse debate os sujeitos perigosos são as classes populares e eu acho que o Estelita ele inverte esse polo da narrativa assim, coloca que quem é capaz de produzir espaços seguros não são as construtoras através de condomínios fechados, mas sim as pessoas através da ocupação do espaço, do pertencimento, de revitalizar sem precisar fazer nenhuma obra, mas dando sentido ao lugar, uma função social e trabalhando na perspectiva não de reafirmar não um lugar de medo naquele território, mas um lugar de esperança assim. então eu acho que tem uma inflexão no discurso sobre cidade né (...) O Estelita fez com que o urbanismo fosse uma coisa que tivesse ao alcance de todo mundo assim, a gente vivia um processo de produção de cidade extremamente distante das pessoas. As tomadas de decisões não chegavam até as pessoas e quando teve a ocupação do cais isso mudou assim, radicalmente. As pessoas percebiam que tinham a capacidade de pensar os rumos da cidade e tomar as decisões que impactava a cidade. (Pedro, DU).

Eu acho que tem várias escalas assim, em vários níveis tem um antes e depois. Na discussão da cidade né que já foi mudando desde o começo. 2012 na campanha pra prefeito, nos debates perguntavam sobre o Novo Recife: "qual sua posição sobre o Novo Recife?" Todos os candidatos tinham que saber. Tipo, tinha algumas coisas que já influenciou o debate da cidade (Marcos, DU).

Acho que nunca antes se discutiu tanto sobre cidade, sobre direito à cidade como depois do Estelita, sabe? Mas o Estelita não inventou esse debate, não foi o Estelita que trouxe esse debate, esse debate já vinha sendo pautado há décadas e décadas, movimentos de moradia, por organizações de direitos humanos, outros movimentos sociais, mas o debate com eles ficava restrito a um círculo (...) Muito porque, as pessoas que faziam esse debate eram pessoas, enfim, negras, pobres, empobrecidas na verdade, então não era uma opinião muito ouvida. E aí vem o Estelita falando de uma coisa que já vinha sendo falada, só que como era formado, era um movimento formado pela sua maioria por pessoas classe média, universitária, no geral brancas. São pessoas que são ouvidas, então esse movimento conseguiu amplificar aquele debate, ampliar aquele debate pra cidade do Recife, pro estado, pro Brasil e pro mundo (Beatriz, MOE).

Beatriz aponta em sua fala a questão do não protagonismo do movimento pela mudança no curso da discussão da cidade. Ela, assim como alguns outros entrevistados, entende que o Ocupe Estelita emerge num momento político propício e que sua repercussão, a forma que se desenvolve e os locais que alcançam determina a associação feita entre a reivindicação de uma cidade mais ética e o acontecimento do Estelita.

Existe um antes e um depois, não no sentido assim de pensar o Estelita como protagonista desse antes e depois, mas pensar o Estelita talvez como um instrumento que deu a ver numa instância mais expressiva uma imagem de cidade excludente, de cidade violenta assim, de cidade de consumo, ou seja, que vinha se construindo (...) Hoje as ocupações urbanas que existem, que estão realimentadas são ocupações por moradia, mas são ocupações que não encerram a questão na moradia, que colocam em cheque o tempo todo a questão do direito à cidade. E eu acho que o Estelita foi um instrumento pra, digamos, colocar isso em pauta, entendeu? O direito à cidade (Paulo, audiovisual).

Fred, por sua vez, em toda a sua fala ressalta a perspectiva excludente do movimento, principalmente por sua composição concentrar-se na classe média branca recifense. Ele não enxerga rupturas no antes e depois do movimento, evidenciando o Estelita como uma espécie de paraíso perdido dessa juventude, mas que na prática pouco afetou na resolução dos conflitos sociais da cidade.

O Estelita virou um fantasma né, um espaço de um afeto perdido, né. É um passado assim que as pessoas vão lembrar com carinho, um éden perdido pra um setor da sociedade (Fred, MOE).

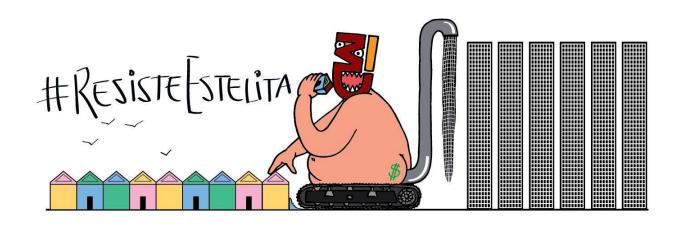
Francisco, por outro lado, aponta a mudança cultural que o Ocupe Estelita conseguiu realizar no momento em que a ocupação persistiu (dentro ou fora) do Cais José Estelita.

Teve essa mudança, assim tipo, a gente em Recife vivia um momento de apatia política, então isso acabou estimulando novas pessoas, né, tipo, devido ao alcance midiático que teve, pessoas que viram na televisão chegavam lá pra participar pela primeira vez de alguma forma de movimento. Então, eu acho que mudou bastante isso assim, desde o aspecto político, cultural também, né? Porque acabou se transformando num polo de cultura ali, né, tipo, onde as pessoas tinham acesso a shows de artistas nacionais, não pagando nada e tal, então teve várias mudanças em vários âmbitos assim pra Recife que eu ainda acho que ressoa de alguma forma, né (Francisco, MOE).

Jorge, entretanto, a partir da sua experiência pessoal e profissional, indica uma mudança prática na forma de ensinar do curso Arquitetura e Urbanismo. Talvez pela proximidade ao tema e pelo cais constar como objeto de estudo de muitos dessa área, esse

campo tenha sido o mais afetado e que apresentou rupturas mais sensíveis quando observado cerca de uns quatro anos depois.

Dentro do meu meio, nos arquitetos assim, é uma coisa que mudou totalmente o perfil de como os alunos veem a cidade hoje em dia. Assim, foi uma mudança radical de quando eu tava na universidade pra agora por exemplo, do perfil dos alunos, do questionamento dos alunos, dos modelos de aula de urbanismo, inclusive. Sei lá, por exemplo, eu estudei na Universidade Católica e nesse decorrer do Estelita e pós Estelita o curso mudou radicalmente por uma visão de cidade muito mais ampla do que tinha antes, por exemplo. Seguindo um modelo muito menos mercadológico e muito mais, seguindo a função social do arquiteto que é pensar a cidade, não pensar nada individualizado, pensar tudo coletivo, porque a cidade é um encontro de pessoas, então se não for pensado o macro não adianta pensar o micro (Jorge, MOE).



## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciei a pesquisa sobre o Ocupe Estelita não imaginava sua dimensão simbólica para aqueles que o vivenciaram, nem as inúmeras opiniões diversas que existiam dentro do mesmo movimento. A primeira vez que tive noção de quão delicada era a disputa de narrativa dentro do Estelita foi em contato com um possível interlocutor. Após a minha apresentação e breve explicação do que consistia a investigação, ele me interpelou com duas afirmações: primeiro que ele não responderia qualquer pergunta que achasse inconveniente; e por fim, a ênfase de que eu estava pesquisando um tema repleto de divergentes pontos de vista e discordâncias. A partir dali me deparei com algumas situações em que os entrevistados se mostravam claramente desconfortáveis com a pergunta, principalmente quando esta se relacionava a divisão do MOE e DU.

Ciente da complexidade da questão e partindo da compreensão de que a etnografia enquanto "método-pensamento" (CAIAFA, 2007) pressupõe um agenciamento com o objeto, procurei assumir uma posição mais distante possível de pré-conceitos ou julgamentos. De fato, tanto o grupo Direitos Urbanos, quanto o Movimento Ocupe Estelita possuíam suas forças e fraquezas e os dois, por caminhos análogos ou díspares compartilhavam o mesmo objetivo: a não implementação do Projeto Novo Recife. Considerando que o empreendimento estava previsto para inaugurar em 2014 e em 2019 nenhum armazém foi totalmente demolido, podemos vislumbrar uma centelha de vitória da sociedade civil. Além disso, o fato de em 2018 observarmos o mesmo projeto ser relançado com outro nome (Mirante do Cais) sem nenhuma espécie de propaganda, apenas pela venda direta é outro indicativo de que as regras do jogo mudaram e o capital imobiliário precisou de outras estratégias para atuar na área do Cais José Estelita. Talvez uma vitória muito pequena diante das outras tantas inúmeras obras erigidas durante esses anos na capital de Pernambuco. Ou perante derrota anunciada por alguns interlocutores quando deparados com o retorno do projeto para o cais.

Durante o período da ocupação o cais foi revitalizado e ocupado cultural, política e socialmente. O Estelita, naqueles meses de 2014, figurou como espaço de lazer para boa parte da população recifense e toda ela teve alguma opinião sobre o movimento ou a área. A maioria dos membros do grupo Direitos Urbanos ou os integrantes para qual o Ocupe Estelita foi mais uma causa na luta por uma cidade mais ética e mais humana, responderam às entrevistas de forma mais distante, optando por enfatizar a discussão política e o debate pelo direito à cidade. Enquanto os que dormiram na ocupação,

experimentando-a de forma mais intensa, foram os que recordaram o período de forma mais emocional, fazendo constante referências aquela experiência como transformadora da sua subjetividade. Esses também enxergam o cais Estelita como esse lugar mágico da resistência, um símbolo de oposição às investidas do capital e da especulação imobiliária.

Ao longo da pesquisa de campo emergiu a consciência de que a categoria "ocupação" não era suficiente para explicitar as relações, vinculações e fazeres políticos que ocorreram em 2014 no Cais José Estelita. Apesar de muito utilizada como tática em diversos movimentos urbanos que eclodiram a partir de 2012, o vínculo produzido pelo fazer, pelo construir a própria materialidade do acampamento não ficava explícito nesse termo. Foi nas falas dos interlocutores que despontou a questão da comunidade. A comunidade conseguia expressar o vínculo territorial, a formação de agrupamentos (ou subcomunidades), até, inclusive, a própria essencialização de que o movimento foi alvo com a divisão e deslegitimação política daqueles que eram considerados "de fora", ou seja, não dormiam e não necessariamente viviam a dinâmica cotidiana da ocupação.

A essencialização, quando pensada com o vínculo territorial (característico da formação de comunidades) foi fundamental para entender os efeitos dessa disputa de formas de atuar politicamente. Isto porque em algumas situações essas divergências foram acentuadas, colocando o MOE e o DU – que deveriam ser apenas adversários – como antagônicos na disputa pelo cais Estelita, acarretando em um enfraquecimento do movimento como um todo diante da figura do consórcio Novo Recife. A divisão entre os dois foi assunto recorrente nas entrevistas, com críticas – fosse na forma de atuar institucionalmente, no tema do tombamento, ou simplesmente na forma de se posicionar durante as assembleias – provenientes principalmente dos "de dentro" (MOE) para os "de fora" (DU).

A linguagem utilizada no decorrer dos três capítulos procurou expressar as nuances e afetos nas falas dos próprios interlocutores. A relação com o Cais Estelita foi, para muitos, visceral. Alguns entrevistados visivelmente se emocionaram quando recordavam da vivência do período. Principalmente para aqueles que acamparam e dormiram diariamente no terreno, o Ocupe Estelita compôs parte significativa da vida dessas pessoas. Muitos deixaram emprego, faculdade, relacionamentos em segundo plano, colocando a ocupação como prioridade nesse período. De muitas formas, a experiência do Estelita moldou visões políticas, éticas e afetivas para seus participantes. Alguns atribuem a ausência de conquistas materiais a pouca idade, "a gente era muito jovem", muitos repetiram. A juventude de fato tem essa característica dúbia de

passionalidade e impulsividade. A inexperiência de vários talvez tenha tornado o Ocupe Estelita um movimento muito mais de reação do que de proposição. Faltou uma proposta unitária para a área, alguns admitiram.

O desafio do Ocupe Estelita, assim como de qualquer urbanismo que demonstre uma preocupação com o social e a história da cidade é de como harmonizar esse impulso do progresso, essa necessidade de buscar o novo com um passado histórico e, além disso fazer com que esse projeto de urbe contemple os excluídos e/ou oprimidos. O Direitos Urbanos e o MOE sempre desviaram da pergunta "o que fazer no Cais José Estelita?", devolvendo a interrogação para a população de modo que o processo fosse resolvido em coletivo. Talvez, um dos componentes problemáticos pode ter sido o fato de que o coletivo contemplado pelo movimento era formado, em sua maioria, por membros da classe média, logo, a tentativa de aproximação com as favelas do entorno não foram positivas.

Nas falas de alguns membros entrevistados, quando perguntados sobre o futuro do cais, muitas vezes proliferam propostas de centros culturais, bares, restaurantes, museus, parques. As propostas de moradia popular também aparecem na mesma frequência, mas poucas propostas se concentram em fazer daquela área um espaço social para atender a demanda de moradia, saúde e educação para as comunidades ao redor. Talvez, conciliar o passado e o futuro, o progresso e a história, de forma a atender a proposta de Benjamin de uma "história dos oprimidos" represente uma questão ética de difícil solução para nós, passageiros do trem do progresso que segue o trilho dessa urbanização desenfreada.

# REFERÊNCIAS

ARANTES, Otília. Uma estratégia fatal: a cultura das novas gestões urbanas. In: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 11-74.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARBOSA, David Tavares. *Novos Recifes, velhos negócios: política da paisagem no processo contemporâneo de transformações da Bacia do Pina.* 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

BENJAMIN, Walter. Rua de mão única: obras escolhidas vol. 2. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo, 1987a.

BERARDI, Anna. "Inteligência" à venda: a trajetória do projeto Porto Maravilha. 2018. 137 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) — Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BRAGA, Leonardo Izoton. *As cidades e o agora: a catástrofe entre tempos na metrópole carioca*. 2015. 109 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

BRINGEL, Breno; PLEYERS, Geoffrey. *Junho de 2013... dois anos depois: polarização, impactos e reconfiguração do ativismo no Brasil.* Nueva Sociedad Português, nov. 2015. p. 4-17.

CAIAFA, Janice. *Trilhos da cidade: viajar no metrô do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

\_\_\_\_\_. Aventura das cidades: ensaios e etnografias. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

\_\_\_\_\_. Notas sobre a cidade-espetáculo. In: VENERA, José Isaías et al (Org.). Comunicação na Sociedade do Espetáculo. São Paulo: INTERCOM, 2016.

CHOMSKY, Noam. *Ocuppy: reflections on class war, rebelion and solidarity*. Brooklyn: Zuccotti Park Press, 2012.

CRAPANZANO, Vincent. *On the writing of etnography*. Dialectical Anthropology, v. 2, n. 1, p. 69-73, fev. 1977.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs, vol. 1*. São Paulo: Editora 34, 2011.

\_\_\_\_\_. *Mil Platôs, vol. 5*. São Paulo: Editora 34, 2012.

ESPOSITO, Roberto. *Communitas: the origin and destiny of community*. Stanford: Stanford University Press, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Microfisica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. *O corpo utópico: as heterotopias*. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

FREITAS, Ricardo; LINS, Flávio; SANTOS, Maria do Carmo dos. Megaevento: uma lógica de transformação social. In: FREITAS, Ricardo; LINS, Flávio; SANTOS, Maria

GOHN, Maria da Glória (Org.). *Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

do Carmo dos. Megaevento, comunicação e cidade. Curitiba: Editora CRV, 2016. p. 21-

38.

GUATTARI, Félix. Caosmose: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 2006.

HARVEY, David. *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

\_\_\_\_\_. A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

KASTRUP, Virgínia. O método da cartografía e os quatro níveis da pesquisa-intervenção. In: CASTRO, Lúcia Rabello de; BESSET, Vera Lopes (Orgs.). *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*. Rio de Janeiro: Nau, 2008, v.1, p. 465-489.

MALERBA, João Paulo. Rádios comunitárias no limite: crise na política e disputa pelo comum na era da convergência. 2016. 723 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) — Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MARICATO, Ermínia. É a questão urbana, estúpido!. In: MARICATO, Ermínia [et al.]. *Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Carta Maior, 2013. p. 19-26.

PAIVA, Raquel. *O espírito do comum: comunidade, mídia e globalismo*. Petrópolis: Vozes, 1998.

PASSE LIVRE, Movimento. Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo.

In: MARICATO, Ermínia [et al.]. *Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Carta Maior, 2013. p. 13-18.

SAFATLE, Vladimir. Amar uma ideia. In: HARVEY, David [et al.]. Ocuppy: movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012. p. 45-56.

SENNETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

\_\_\_\_\_. Construir e habitar: ética para uma cidade aberta. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SODRÉ, Muniz. *A Ciência do Comum: notas para o método comunicacional*. Petrópolis: Vozes, 2014.

VAINER, Carlos. Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano. In: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 75-103.

#### Outras fontes:

ABCEDÁRIO de Deleuze. Disponível em: http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-o-abecedario.pdf. Acesso no dia 16 de novembro de 2017. AUDIÊNCIA Pública sobre o Projeto Novo Recife (parte 1). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3IkIRWKm9Sw&t=840. Acesso no dia 26 de maio de 2018.

AUDIÊNCIA Pública do Projeto Novo Recife é suspensa. Disponível em: http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2014/11/07/audiencia-publica-do-projeto-novo-recife-e-suspensa-155015.php. Acesso em 19 de agosto de 2017.

AUDIÊNCIA Pública do Projeto Novo Recife começa com vaias e bate-boca. Disponível em: http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2014/11/comeca-audiencia-publica-para-apresentar-redesenho-do-novo-recife.html. Acesso em 7 de agosto de 2017.

CRIOLO Ocupa Estelita – Sangue no Cais. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=GQ8xl BGSWQ. Acesso no dia 28 de maio de 2018.

EDITORIAL JC – O vazio em torno do cais. Disponível em: https://direitosurbanos.wordpress.com/2012/04/07/editorial-jc-o-vazio-em-torno-do-cais/. Acesso em 27 de agosto de 2017.

ENCANTADO, Cordel do Fogo. A matadeira. Disponível em: https://www.letras.mus.br/cordel-do-fogo-encantado/81573/. Acesso no dia 30 de maio de 2018.

ESCLARECIMENTOS sobre o Projeto Novo Recife por Belize Câmara. Disponível em: https://direitosurbanos.wordpress.com/2012/12/29/esclarecimentos-sobre-o-projeto-novo-recife-por-belize-camara/. Acesso no dia 26 de maio de 2018.

IMPLOSÃO do primeiro trecho do Elevado da Perimetral marca a história do Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.portomaravilha.com.br/noticiasdetalhe/3936. Acesso no dia 27 de junho de 2017.

LIRINHA no Ocupe Estelita - Som na Rural (Matadeira). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4NS0t7pz9MQ&t=155s. Acesso no dia 28 de maio de 2018.

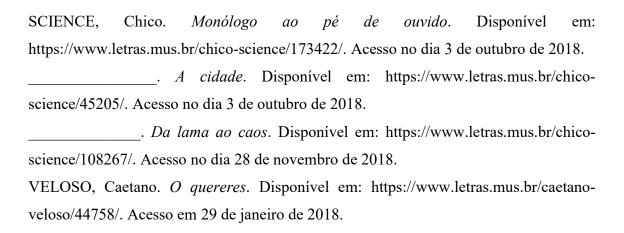
LIRINHA no Ocupe Estelita - Som na rural (música: Memória). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mNm6ZLSDXOw&t=193s. Acesso no dia 28 de maio de 2018.

MATRIZ de responsabilidades da Copa. Disponível em: http://www.copa2014.gov.br/sites/default/files/publicas/sobre-a-copa/matriz-deresponsabilidades/pe/anexo.pdf. Acesso em 21 de maio de 2018.

MUSEU do Amanhã. Disponível em: http://portomaravilha.com.br/museu\_amanha. Acesso no dia 18 de junho de 2017.

PREFEITURA divulga diretrizes para redesenho do Projeto Novo Recife. Disponível em: http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2014/09/prefeitura-divulga-diretrizes-para-redesenho-do-projeto-novo-recife.html. Acesso em 7 de agosto de 2017.

**PROJETO** Disponível Novo Recife. em: https://www.youtube.com/watch?v=dvwaOmf5Smw. Acesso em 29 de janeiro de 2018. Clip 60". Disponível **RECIFE** Capital do Nordeste| em: https://www.youtube.com/watch?v=8O5 RgXyiww. Acesso em 11 de janeiro de 2018. RECIFE, cidade roubada. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dJY1XE2S9Pk. Acesso em 16 de novembro de 2017.



# **Ocupe Estelita**

